

AGRADECIMENTOS

À *Maria Joana*. Pela opinião pessoal manifestada ao longo do desenvolvimento do texto. Sobretudo pelo seu empenho na permanência dos *Cavalos Selvagens*.

Ao historiador, *Aniceto Afonso*. Pelo contributo técnico, informação histórica, incentivo, ideias e sugestões de harmonização final.

Ao *Gabriel Morais, Carlos Henriques, e Emídio Modesto*, pela leitura prévia e opinião pessoal.

A todos os que, sabendo do projecto, sempre o incentivaram.

“... Para desanuviar, declarei que havia várias modalidades de Estados: os liberais, os sociais-democratas, os socialistas, etc., mas nenhum pior do que o Estado a que chegámos, pelo que urgia acabarmos com ele...”¹

Aos Insatisfeitos Cavaleiros da Liberdade
Aos Cavalos Selvagens
A Rubinaia

¹ CAPITÃO DE ABRIL, Editorial Notícias.

PRÓLOGO

Generalidades

Muitas são as histórias que se podem contar acerca dos homens e das máquinas que em permanência vão transformando o mundo. Muitas são as histórias que se podem contar acerca de mundos que foram transformados por homens que não se deixaram dominar; por homens Insatisfeitos e inquietos, que nunca se acomodaram ao estado inerte das coisas estagnadas. Alguns desses homens, pelos seus feitos, foram considerados heróis, mas outros há, que pela sua integridade de carácter e generosidade latente, se recusaram permanentemente a sê-lo. Estão neste caso, os anti-heróis, os revolucionários puros, “aqueles que por obras valerosas, se vão da lei da morte libertando”, pensando sempre mais nos outros do que neles próprios.

E há também Os que correm livres pelos prados e pelas campinas, incapazes de ficarem quietos e cercados.

As revoluções, onde quer que aconteçam, são vividas por aqueles que as fazem e por aqueles para quem foram feitas e que são normalmente surpreendidos por elas, mas que acabam, inevitavelmente, por ser integrados nas transformações sociais daí resultantes.

Eu quis um dia saber cantar, ouvir sons cristalinos em voz delirante de espaços pendurados nos raios de estrelas ou fra-

gmentos de nuvens, ou nos olhares das mentes que se elevam para além do ser, e são mais lá que cá, e são mais nunca do que agora, mais sempre que nunca, ou apenas viajantes por entre sonhos só sonhados.

Esta podia ser uma história de contar e de encantar, de contar os dias que se seguiram a uma dessas revoluções, vividos por estudantes de então ou estudantes de agora. Num e noutro casos, quase sempre alheios à importância que as revoltas provocam nas pessoas e no país, e no país das pessoas e nas pessoas do País que voltava – num dado caso concreto – a ser Estado de direito, preocupando-se com as pessoas. A idade dos estudantes de que se fala, dá para recordar tudo isso e muito mais, mas não se pretende – pelo menos aqui – escrever a história, essa é definitivamente uma tarefa de que se encarregarão os historiadores, e a qual, felizmente, a sabem desempenhar com rigor.

A história das Revoluções, dos seus heróis, daqueles que nunca quiseram ser senhores da guerra nem do poder nem de fotografia nos jornais, será contada um dia; sem tabus, sem agónias nem medos, nem euforias nem protagonismos. Os *Cavalos Selvagens* que um dia partiram a galope, não-de ser um dia homenageados com rigor moral e histórico, mas basta que o sejam moralmente para que assim se sintam, onde quer que se encontrem a galopar, justicados pelos feitos que fizeram.

Último Quartel do século Vinte, um desses estudantes que viveu os acontecimentos de uma Revolução, ingressou na vida militar, numa cidade situada no alto das colinas, no Planalto de onde se vê, suave, o serpentear do Rio Grande, e ouviu falar de um desses anti-heróis, um dos Insatisfeitos a quem um dia alguém chamou, Cavaleiros da Liberdade, revoltados contra a era do descanso numa Terra onde aos seus habitantes não lhes era permitido ter vontade própria, e onde aqueles que se atreviam a discordar eram maltratados, desprezados e renegados como inú-

teis e delinquentes. Sem se cuidar de emoções nem de razões. Dos relatos escutados e das passagens narradas, das atitudes tomadas e dos factos relatados, ficaram memórias e histórias que guarda no cantinho das recordações vivas, procurando transmiti-las à sua maneira aos estudantes de agora. Um mero ciclo de vida, uma corrente de conhecimento que não deve nunca ser quebrada e sim continuada, sem início nem fim, como simples deslizar constante de Saber.

Rubinaia, o mais puro e destemido dos *Cavalos Selvagens* da verde Campina, simboliza neste alinhamento de palavras de alegoria em fábula, em ficção ou em sonhos, sem que com isso se pretenda atribuir qualquer significado para além daquele que cada um lhe queira dar, um Homem da história real dos homens reais, e que foi, passado pouco tempo após a grande cavalgada, “deportado” para uma das Nove ilhas do arquipélago dos Açores, como pena máxima pelo acto praticado por um dia ter enfrentado na “capital do império”, uma máquina de guerra que mais que blindado representava um regime totalitário, que mais que aço e poder de fogo, representava bocas e mentes amordaçadas, que mais que montanha de força representava rios de prepotência e de egoísmo e de impiedade e de cobardia e de egocentrismo e outras amarras tais.

Rubinaia, o Chefe dos *Cavalos Selvagens*, Aquele que galopou pela madrugada à frente de todos os outros, repousa hoje imortalizado em estátua no centro do Mundo, sereno e seguro como sempre foi. Não interessa se em cidade se em Campina libertada, é no centro do Mundo, é lá que se encontra. A certeza que temos, é que conseguiu pela sua humildade, abnegação, coragem e integridade de carácter, transmitir a outros, através dos anos, pela corrente do devir e do conhecimento que não pode parar, a nítida sensação de que ainda hoje está presente, galopando por aí entre a magia dos sonhos que todos os homens livres gostam

de imaginar, talvez espreitando sem ninguém ver, por entre mil olhares fugazes de multidões anónimas e indiferentes, onde não se destacam nem se notam os anti-heróis, aqueles que pelas obras que deixaram, não morrerão nunca eternamente.

Eu quis um dia saber andar, caminhar com passos leves pisando bolas de algodão, semeadas por entre carreiros e veredas dum horizonte fugidío que me escorregou por entre os dedos compridos de peles estriadas, em pés apressados que não chegaram a metas vistas nem linhas de partida marcadas.

Uma revolução não se faz, é óbvio que não, só com máquinas de guerra; tropas operacionais ou afins ou ainda e também, com comunicados à população que a esclarecem algumas vezes, mas que outras tantas a confundem. O envolvimento de pessoas, situações e factos, é demasiado abrangente para que se possa, em meras linhas escrevinhadas, realçar o papel de cada um. A maioria, são gentes e vontades de quem nunca ninguém ouviu falar, que nunca quiseram ser heróis, e que acabaram esquecidos por aqueles que tinham o dever de os immortalizar. Neste alinhamento de palavras, procura-se em rigor moral, recordar a algumas gerações e divulgar a outras, que por vezes as curvas da estrada que encurtam os sonhos sonhados, nem sempre são suficientes para, perenemente, fazer esquecer os que percorreram os caminhos da vida com a dignidade e a integridade moral, de que só os puro-sangue, os *Lusitanos Cavalos Selvagens* de crinas longas e belas em pelagem imaculadamente *branca*, são capazes.

Eu quis um dia saber falar, ouvir-me na voz e na vida, em opinião respeitada e admirada, profunda, meditada, voz que falasse calada e se ouvisse sem ter som, quis falar com o saber, onde o saber fosse olhar ou tão somente sentir.

Olhando o País das pessoas, Aquele pela libertação do qual se reuniram os Insatisfeitos na casa velha; ou o mundo tal, que situado numa dimensão paralela viu alguns dos seus membros

entrarem em conflito com as máquinas que permitiram, autorizaram e desenvolveram a era do descanso; ou ainda, apenas espreitando pelas seteiras da imaginação vaga e delirante, contemplar os Prados e as Campinas plantados e semeadas de verde, onde correm libertos os Iguais, constata-se hoje, qualquer que seja a analogia do local ou da dimensão, que são poucos os casos dos operacionais que, tendo participado activamente na Revolução, viram reconhecidos em justiça de balança aquilo que fizeram. E tal como o Homem simples e discreto de olhos azuis, que um dia enfrentou um carro de combate e prendeu sozinho Um dirigente em chefe, a maioria deles viu precocemente “morrer” a sua ascensão profissional, como pena máxima pela ousadia que tiveram um dia em restituir ao País, a liberdade roubada e aniquilada por outros.

Estranho País e Mundo este, que tão mal julga os Homens e permite que se condenem os seus heróis, mantendo-os no esquecimento das recordações tardias, ténues e longinquamente inacessíveis. A todos eles, Resta-lhes porém a justiça da História.

A História é lenta a julgar, mas é justa nas sentenças.

Eu quis um dia saber olhar, levantar os olhos do chão e em instantes segundos de relógio não parado, ver ao longe e ver ao perto e a três dimensões luzir. Quis abrir os meus olhos ao espaço, e por entre postigos inquietos de portas sempre fechadas em casas que não se abrem ou castelos inatingíveis, saber dizer o que vi contando o que senti, e sentindo o que contei. E sobretudo olhar ao longe que ao perto já se vê, quando o perto é muito perto, é mais fácil de olhar mas mais difícil de ver.

No início do último Quartel do século Vinte, num País plantado de Campinas e de Prados verdes, um Homem ganhou uma Revolução no momento em que enfrentou de olhos abertos uma máquina de guerra, esse Homem, foi vencido, não pelo sistema mas pela vida que o traiu e não o deixou viver até aos dias em

que se começa verdadeiramente a contar a sua História. Ele que carpiu a ingratidão no “exílio” numa ilha descoberta por aqueles a quem havia de libertar, Quinhentos anos depois! A maioria dos outros, andam por aí, em prateleiras, em arquivos de pó e de saudade, fazendo de conta que não têm mágoa, ou fingindo ainda acreditar numa Instituição e num Mundo que os marginalizou, apenas sorrindo quando deles alguém se lembra. Resta-lhes fantasiar e imaginar; de fantasias também se vive, e imaginar é coisa que alimenta o sonho.

Quis saber falar ao espelho, olhar nele o Eu que Sou sabendo que nunca seria, ou que nunca me veria tal como apenas sou. Olhar o Eu reflectido, como se esse Eu mostrado não fosse o Eu transportado em suporte físico comum de corpo matado de senso ou isento de ausências presentes.

Os *Cavalos Selvagens*, descendentes das *éguas brancas de Monte Santo*, esses continuam por aí, a galopar à desfilada por entre a pureza e a beleza mítica e maravilhada, de que nos fala em, “A Voz dos Deuses”, João Aguiar:

“... No sopé da colina de Coaranioniceus (a que os Olisiponenses chamam o Monte Santo) são criadas com o maior desvelo as éguas sagradas do deus, uma manada que só a ele pertence. Não há na Ibéria animais tão belos e velozes no galope. Os potros são criados separadamente; uns são oferecidos à divindade nos festivais, outros utilizados ou vendidos. Um único, o mais forte, o mais puro, é designado para substituir o garanhão envelhecido, que é então enviado a Coaranioniceus. Assim, a manada sacra tem um só senhor, ao qual, desde tempos imemoriais, é dado sempre o mesmo nome: *vento*. Este nome, bem como a beleza e a rapidez das éguas do Monte Santo, levaram os povos mais longínquos a julgar que elas são fecundadas pelo próprio vento.

A manada do deus é intocável, mas os potros que dela são separados acasalam com outras éguas e assim foi surgindo uma raça mista que conserva muitas das características da linhagem pura...

... Quem não tinha visto um tal espectáculo dificilmente pode imaginá-lo. Eram cerca de cinquenta animais – todos imaculadamente brancos, todos perfeitos, sem uma falha nas suas proporções. Os movimentos que faziam tinham uma graça e uma harmonia que eu julgaria impossíveis em seres mortais. Não duvidei de que a galope seriam invencíveis, rápidas como o próprio vento de que a lenda dizia serem esposas e filhas...”

Eu quis um dia saber sentir, saber do sofrimento dos outros que não vi por não querer ver e que sendo o que não sou me parece que nunca o serei. Quis sentir o que sentem, aqueles que não possuindo apenas pedem para ter, aqueles que não vendo apenas querem olhar, e aqueles que não rindo apenas querem sorrir. Quis sentir o outro em mim, ser neles o meu mentor, aconselhar-me em luzes fugazes de frestas enrugadas e de rostos doridos de sofrimento de dor, e de sofrimentos sentidos como penso que não sinto.

O mistério da vida é também ele inviolável e quase intocável, tal como “a manada do deus”; nascer e morrer confundem-se com evolução, com viagem, transporte, desmaterialização, simbiose com o universo e comunhão com as estrelas. Morrer e renascer, reencarnar sem corpo, manter a alma, manter e preservar a capacidade de pensar e de viver, ainda que como luz a brilhar algures. É disso que fala, desse mistério de evolução, Arthur C. Clarke, No seu livro, “2001 Odisseia no Espaço”:

“... Novamente confiante, lançou-se através dos anos-luz, qual mergulhador que acabasse de recuperar a coragem. A galáxia irrompeu do cerco mental dentro do qual a encerrara; astros e nebulosas passaram por ele numa ilusão de velocidade

infinita. Deslizou como uma sombra, pelos núcleos de sóis ilusórios, que explodiram e caíram atrás de si; as frias e escuras poeiras cósmicas, que, em tempos, tanto temera, não lhe pareciam mais que a sombra da asa de um corvo à frente do Sol.

As estrelas começavam a escassear; o clarão da Via Láctea transformara-se num pálido fantasma da glória que ele contemplara e que, quando estivesse pronto, contemplaria novamente.

Voltara precisamente aonde queria, ao espaço a que os homens chamam real.

À sua frente, qual cintilante brinquedo a que nenhuma criança poderia resistir, flutuava o planeta Terra com todos os seus povos.

Quis saber andar pelas estradas, desviando o magro ser das máquinas que não controlo, enroladas em mistérios que não domino, doidas de loucura crescente e ocultas e perdidas no meio de reflexos matinais em madrugadas que só vi ao entardecer.

Regressara a tempo. Lá em baixo, naquele globo formigante de vida, alarmes deviam percorrer os visores dos radares, grandes telescópios perscrutariam com certeza os céus – e a história, como o homem a conhecia, estava a chegar ao fim.

Apercebeu-se de que, mil e quinhentos quilómetros mais abaixo, uma adormecida carga de morte acabara de despertar, e se espreguiçava indolentemente na sua própria órbita. As débeis energias que continha não constituíam qualquer ameaça; mas ele preferia um céu mais limpo. Lançou-lhe a sua vontade, e as mega toneladas em rotação floresceram numa detonação silenciosa que fez cair uma breve e falsa madrugada sobre metade do globo adormecido.

Depois esperou, ordenou os pensamentos, e meditou sobre os seus poderes ainda por testar. Pois embora fosse senhor do mundo, não sabia bem o que fazer a seguir.

Mas acabaria por descobrir alguma coisa.”

Sempre se descobre alguma coisa quando o Homem quer partir à descoberta!

Eu quis um dia saber amar, saber sobretudo falar, aquilo que gostava de ouvir sem ser preciso pedir ou sem ninguém me dizer, Que bom seria se dissesse ou que bom seria se quisesses, apenas querendo dizer. Não sei se saber amar é conhecimento adquirido ou saber só aprendido, ou sentimento cultivado em Mundo lavrado de pranto por tantos medos sentidos e tantos amares perdidos por vergonha de dizer, ou por ausência de querer.

Eu quis um dia sonhar, saber falar, saber cantar, saber andar e sentir e também saber amar. Quis que o meu sonho fosse o canto, a minha voz o caminho e o meu amor sentimento, em canção que fosse sonhada, em fado que fosse amado e em caminho que fosse sentido. Quis amar como se olha ou sentir como se canta e andar como se fala.

Fala-se sobretudo de uma parte da história conhecida e vivida por uma geração ainda na sua maioria viva; uma parte da história acontecida nos últimos Vinte e Cinco anos, à qual alguns se continuam a mostrar indiferentes e outros fascinados. Como em tudo na vida, afinal. Alguns sentem-se orgulhosos dela, outros preferem esquecê-la ou ignorá-la. A cada um a sua maneira de sentir e de viver. Chega de vontades dominadas.

É bom recordar todos os Homens, mesmo simbolizados em alegorias utópicas e fantásticas, que contribuíram para alterar e melhorar o curso da história. Homens que não se poupando a esforços nem temendo romper com tradições, dominando e vencendo a letargia, começaram de novo, reergueram um País e construíram um novo Mundo.

Quis ter voz e ter saber e olhar à minha volta vendo a voz e vendo o fado, querendo que o fado querido fosse o olhar que me faltou e a voz que nunca tive. No saber sentir Falhado, no saber andar Perdido, no saber amar Escondido e no saber ser Destruído por apenas querer Ser.

O resto, o resto são apenas recordações vadias e longínquas, penduradas em franjas frágeis de agulhas de pinheiros em pinheiros sombrios, que a memória do tempo sem alma se encarregará de apagar...

MÁQUINAS

Um edifício cinzento e atarracado, de apenas trinta e quatro andares, tendo por cima da entrada principal as palavras:

CENTRO DE INCUBAÇÃO E DE CONDICIONAMENTO DE
LONDRES-CENTRAL

E, num escudo, a divisa do Estado Mundial:
COMUNIDADE, IDENTIDADE, ESTABILIDADE

A enorme sala do andar térreo estava virada a Norte. Apesar do Verão que reinava no exterior, apesar do calor tropical da própria sala, apenas fracos raios de uma luz crua e fria entravam pelas janelas. As blusas dos trabalhadores eram brancas, e as suas mãos, enluvadas de borracha pálida, de aspecto cadavérico. A luz era gelada, morta, espectral. Apenas dos cilindros amarelos dos microscópios ela recebia um pouco de substancia viva, que se espalhava ao longo dos tubos como manteiga.

– Isto – disse o Director abrindo a porta – é a sala da Fecundação².

Tudo funcionava melhor sozinho. Isoladas dos seus criadores, as Máquinas construíam-se, vigiavam-se e reparavam-se.

² Admirável Mundo Novo, Aldous Huxley.

Trabalhavam em perfeita harmonia. Cada componente, cada peça, cada mecanismo exercia a sua função não para seu usufruto mas para que todo o Sistema funcionasse bem. Se algo falhava não eram procurados culpados. Procurava-se o Porquê e não o Quem. Que grandes lições poderiam os Criadores aprender com as Criações! A ironia era que as Máquinas funcionavam bem porque algo funcionava mal. Foi quando os Criadores descobriram isso e verificaram que eram eles próprios que não trabalhavam bem, que criaram as Máquinas, libertando-se de uma tarefa pesada. E esta simbiose Criador-Criação, permitiu ao primeiro preocupar-se com assuntos para os quais nunca tinha tido tempo, e ao segundo preocupar-se com coisas para as quais tinha todo o tempo do Mundo.

Era por essa razão que, algum tempo depois do sistema ficar concluído, os Criadores passaram a temer as Máquinas. Não que elas fossem hostis (isso não seria, definitivamente, um bom funcionamento). Simplesmente, tinham ficado dependentes das Criações, e a dependência era tão grande, que, agora, só podiam criar com a ajuda delas. Eram incapazes de se debruçar sobre qualquer coisa que envolvesse projecto e planeamento. Aliás, nem era preciso. Porque fariam isso, se as Máquinas desempenhavam bem a função?

Foi numa sociedade com esta ideologia que o Projecto nasceu. Não se sabe ao certo se foi um humano ou uma máquina quem o sugeriu e desenvolveu, mas o mais provável é que tenha sido um dos cérebros supostamente artificiais. O Projecto foi a princípio recusado, mais tarde tolerado, e finalmente aceite e implementado. Ao longo do tempo em que já não era preciso desenvolver esforço físico, identificado com o vulgar termo que significava trabalho, os humanos aproveitaram para desenvolver outros temas, dedicando-se a outras actividades, tais como as artes; Música, Pintura, e Escultura... todas elas atingiram então um nível muito

elevado, mas como se vivia numa sociedade totalmente pacificada e inerte, nem sequer foi dado grande valor às criações artísticas, pois as Criações a tudo se sobrepunham. No campo da literatura, desprezou-se a componente psicológica e sociológica, para se valorizar sobretudo a Filosofia, sendo deste modo que os humanos exprimiam preferencialmente algum desencanto que as máquinas não entendiam, e a ciência da arte de pensar, sofreu nesta era os maiores avanços desde que o primeiro Filósofo assim foi intitulado. Quando o Projecto foi sugerido, a recusa foi quase imediata.

Mas as Máquinas não eram filósofas nem entendiam filosofia. Aliás, achavam pura perda de tempo, meditar sobre meros pressupostos desnecessários e vagos. As Máquinas apenas entendiam o que funcionava bem, o que funcionava mal... e o que podia funcionar melhor. Lenta e metodicamente, as Máquinas alertaram os Criadores para os benefícios de tal empreendimento, o Projecto sugerido. E os Criadores voltaram a discutir. Quando acabaram a discussão e aprovaram as conclusões, cometeram seu maior erro desde a criação das Máquinas.

Depois do Projecto, nada seria como antes, nada seria como deveria ser. Mas efectivamente funcionaria melhor.

O CONDENADO

A Ilha

A água azul e cristalina, ajudava a reduzir uma parte. Do sofrimento e da solidão. O olhar perdido na vastidão do oceano fazia parecer que a vida acabava ali, reduzida a um mero corpo andante, sem vontade própria, sem vida de facto, e sem esperança real. Restava-lhe contudo imaginação, aquela luz que ilumina quando nada mais brilha; isso era algo que ainda não perdera, e imaginando o homem sonhava, e voava, e sentia, afastado dos culpados da sua solidão e do seu infortúnio. Pouco já lhe interessava quem, quando, porquê... quanto tempo? Quanto tempo lhe restava de solidão e de afastamento, e há quanto tempo estava ali?

Aproximou-se da água que via à sua frente, azul, cristalina, e transparente, pura como ele que afinal não sabia o que fizera, não sabia quem era, não percebia porque Era. À sua frente, água, muita, e o sonho de voar por cima dela, ver lá de cima o seu enquadramento com o oceano e com o espaço que o prendera, ali, amarrado à areia que tinha por detrás e que o conduzia apenas ao outro lado de uma ilha onde só água havia também. Mil e uma voltas já tinham sido dadas, mil e uma esperanças perdidas, e mais ninguém viera, e mais ninguém mandara, e ninguém ouvira, ali naquele espaço, dele, e só dele, forçosamente entregue

para sua gestão, e solidão e tranquilidade, porque não? Chegara, não por vontade própria, viera porque fora trazido de longe, muito longe, tão longe que ninguém viu, nem o acto, nem o facto. Cavalgava vagamente nas ondas da imaginação e sonhava, dia após dia, meses, anos, envelhecera. Envelhecera no corpo e na alma, e do outro lado, para lá do oceano, para lá da água onde agora molhava os pés, havia alguém que o poderia ajudar, apenas com uma palavra, ou um gesto, nada mais seria necessário para lhe devolver a luz, aquele caminho de vida que perdera, mas que teimava persistentemente em recuperar.

Caminhou ao longo da areia molhada da praia, pegadas, só as dele, atrás dele, pegadas sem certeza, sem firmeza e sem direcção, vagueava. Vagueava?! Ali naquele lugar sem destino, onde mais do que em qualquer outro lugar, se poderia inequivocamente provar que a terra era redonda. Por muito que andasse, tornava sempre ao mesmo sítio, a mesma areia, a mesma água e o mesmo sol. Pelo menos havia sol, mas o seu sol já não brilhava como antes, algo lhe obscurecia o brilho e anulava o calor. Sentou-se e desenhou; na areia, com o indicador da mão direita, desenhou um livro e uma balança, o saber e a justiça era tudo o que pedia. A finos traços na areia molhada, o livro tomava forma, a rija lombada envolvia muitas páginas por abrir e por ler e por descobrir. A balança, estática, esperava o peso certo e a medida correcta. Alguém colocou o peso, mas a medida não, era isso que lhe doía, quem o julgara ignorara a medida com que devia equilibrar o peso, e assim lá estava à sua frente, a justiça por fazer e o saber por mostrar. Tudo porque os outros não souberam, não quiseram saber nem se importaram que ele um dia viesse a descobrir que estava ali por engano, que sofria por engano e que iria morrer por engano dos outros. Barba e cabelos longos, banal característica de eremitas de vontade própria, como um mero Cristo de novo por nascer, olhava o Mundo, o Mundo? sim, o seu Mundo, afinal

era tão fácil de olhar o seu Mundo, tão pequeno e tão fechado, tão aterrador. De repente sentiu medo, de quem, dele claro, só podia ser dele próprio, já que mais ninguém ali havia que o pudesse assustar, só Ele, areia, árvores, sol e mar. Areia molhada junto às ondas, árvores para lá das dunas da praia, e mar que se estendia desde os seus pés, até à linha que mal distinguia ao longe.

E a voz ouviu-se, como canto de Rouxinol do choupal ou como Toutinegra em trinado de desafio, tão límpida como o azul da água marinha, tão clara como a areia branca que pisava e tão dourada como o sol da ilha. Voz doce, quente, calma, carinhosa, amiga, pareceu-lha amiga, muito até.

– Olá, como estás, homem de olhos azuis e cabelos compridos – a voz que surgira, falava e sorria ao mesmo tempo.

– Estou... bem! Quer dizer, estou vivo. Neste local, é já tão só o que posso desejar, continuar vivo!

– Queres companhia, conversar comigo, passear pela praia, ouvir o bater das ondas e quem sabe, trocar algumas ideias?

– Quero, – respondeu sem hesitar – já há muito tempo que não sei o que é falar com alguém, só falo comigo próprio.

– De onde és tu, Homem sozinho e isolado nesta bela ilha de águas azuis e de areia dourada?

– Queres dizer, onde nasci, onde vivi a maior parte da minha vida, ou simplesmente de onde vim quando me puseram aqui?

– Sim, de onde vieste, onde nasceste, em que parte do Mundo te viram crescer, enfim, diz-me quem és.

– Eu vim de longe, acho que vim de muito longe, porque já não me lembro da partida, nem do espaço percorrido, nem da chegada, nem do tempo de permanência, mas diz-me, e tu como vieste aqui parar?

– Eu vim porque tu pediste, repara, não estás tão só como imaginavas, afinal o tempo e o momento não são tão complicados de medir.

– Sim, é verdade, ao fim de todos estes anos, tantos que já nem sei, aparece finalmente alguém que fala a minha língua, quero dizer, a língua que eu entendo, esta que me ensinaram e que eu tanto amo.

– E que crime cometeste nesse espaço percorrido, esquecido de partidas e não lembrado de chegadas?

– Crime, falas de crime, mas porque me perguntas por crimes, tu que era suposto falares de generosidade e de ânimo até?

– Sim, uma ilha desabitada, a civilização distante, a solidão, tu pareces-me muito triste, não te vejo sorrir, que mais motivos para estar aqui que não um crime.

– Tens razão, cometi um crime... atrevi-me um dia a querer ser Eu, sem ter tido em conta, que não há o direito ao “Eu”, sempre que os outros pensam por nós.

– E só por isso te condenaram? Não me parece razão válida para penalizar quem quer que seja, o Eu de cada um é tão pouco e tão pessoal, como pode assim influir na agressão do colectivo?!

– Sim, quer acredites ou não, foi apenas por um Eu pronunciado e levado a cabo, que hoje me encontrei nesta praia.

– Quero ouvir a tua história, conta-me como e quando, quem e porquê, o quê, para quê, diz-me tudo, eu quero ouvir-te.

Eram agora dois a caminhar ao longo da praia, ouvindo as ondas, vendo a espuma branca, escutando o cantar das gaiotas e contemplando o verde que aparecia ao lado deles ou nas suas costas, e que emprestava ao diálogo uma frescura bela e envolvente que fazia sorrir e sonhar, e o sonho era coisa que nunca

ali se perdera, antes se desenvolvera e ampliara, o sonho, só com ele, só a sonhar se mantivera vivo, e ainda agora, quando caminhava, lado a lado com o enviado, enviada, de alguém, duvidava do seu sonho, mas ela ali estava, como raio de luz ou como consciência desconhecida do que fora ou do que poderia ser, ou ainda como companhia, porque não, às vezes o sonho depois de sonhado torna as coisas vividas na realidade, a verdade é que finalmente falava sem ser sozinho, alguém o ouvia e parecia escutá-lo com atenção. Os passos na areia deixavam marcas, pegadas bem desenhadas, daquele caminhar a dois mas sobretudo dela, principalmente dos seus pequenos pés; sentia-lhe a frescura, o sorriso, e a atenção dedicada. Ah! que saudades de quando era escutado, que saudades dos sorrisos que se abriam e da atenção com que era ouvido sempre que se prestava a dar opinião, por vontade própria ou a pedido. A pergunta fora simples, directa mas simples, “E que crime cometeste?”. A verdade é que fora condenado mesmo antes de ter sido julgado. O julgamento fora apenas uma máscara para legalizar o acto da decisão previamente tomada. A maior prova disso era a sua solidão e o seu abandono, mas ao canto das gaivotas e da areia branca da praia, juntava-se agora Ela, a enviada, que era agradável, simpática, e sabia falar. Atrasou-se ligeiramente e com intenção para lhe apreciar as formas. Os cabelos ao vento, os passos no tempo, o vestido esvoaçante e as mãos, com que graça ela trabalhava as mãos, ora ao longo do corpo, ora arranjando o cabelo, ora fazendo gestos, era bela sim, quase o seu ideal de mulher, ideal? será que ainda valeria a pena lutar por ideais, *“tudo vale a pena se a alma não é pequena”*, a alma, essa componente desconhecida que todos dizem ter, até mesmo aqueles que o condenaram, será que esses também tinham alma? No que dizia respeito ao seu caso em concreto, se a tinham, seria certamente perversa, um espírito mau e ambicioso só regido por jogos de interesse e de poder que Ele,

afinal, nunca aceitara, e por teimar em ser honesto, por teimar em não querer ser herói, ali estava, dois passos atrás da bela mulher que lhe surgira naquele dia, na praia, na areia da sua praia. Sentaram-se, olharam o espraiar das ondas, e simultaneamente perguntaram, sem ordem nem aviso prévio:

– Sabes, é muito melhor saber com quem falamos, sentimo-nos mais próximos, diz-me, Como te chamas tu?

– O meu nome é Ninguém.

– Eu chamo-me Esperança.

– Quem me dera, há tanto tempo que os meus olhos já não vêm os contornos de tal caminho...

– Ter um nome igual ao meu, mas tu és um homem, Esperança é nome feminino – respondeu com ligeira gargalhada.

– Quem me dera ter esperança – acrescentou em esclarecimento – sentir que posso voltar a viver, ser de novo Real em tempo meu.

– Mas eu estou aqui, será que não acreditas, olha para mim, que tal me achas, aqui me tens.

– Refiro-me à esperança como vontade, aquela fonte de energia que nos permite caminhar mesmo por onde não temos pé.

– Ah, essa, conheço-a muito bem, costumamos andar juntas, é a minha irmã mais velha, alguns chegam a chamar-lhe fê, gostas mais dela?

– Não... não é uma questão de gosto pessoal, simpatia ou preferência, é apenas a constatação de um facto: foi essa que eu perdi!

– Aquilo que se perde pode sempre ser achado, basta para isso retroceder no caminho e procurar por entre as bermas. E a esperança?

– Voltei a cruzar-me com ela, ainda que estivesse muito longe de tal imaginar, sabes, na solidão das areias, nem as gaivotas têm vontade de planar...

– E queres de certo continuar na sua companhia e ouvir a sua voz, a esperança fala, queres continuar a tê-la?

– Vais ficar por muito tempo? Se ficares direi que sim, que te quero para sempre ao meu lado, fica comigo Esperança.

– Claro que vou ficar contigo, foi para isso que vim, mas vais prometer-me uma coisa: conta-me a tua história.

– Tenho receio que depois de me ouvires me deixes de novo só, e partas por aí sem nunca mais te encontrar...

– Não importa se parto ou não, o que importa é que fico aqui contigo, e além disso levarei a tua mensagem.

– Não basta enviar mensagens de infortúnio, eu preciso também de Alguém ao meu lado, e não quero de novo ficar sem esperança...

– Não precisas ficar aqui eternamente, a todo o momento podes deixar de ser Ninguém, podes também partir comigo e ter esperança de novo.

– Falta-me para tal o engenho das coisas e a arte das ideias, sou um mero condenado, um habitante virtual, renegado e abandonado, diz-me tu, e como poderei fazer tal?

– Irás descobri-lo por ti mesmo, anda daí, vem comigo, vamos partir os dois à descoberta...

«Era uma vez...

Num Mundo à beira-mar, banhado pelos raios do sol e regado pelas gotas da chuva, com muitos anos de história, com outros tantos de glória e de memória, também alguns de mágoa, e muitos outros ainda de luta, que o meu povo é lutador, marinheiro e vencedor...»

– E venceu?

– Venceu, apesar de tudo!

«E na minha terra amada existia um certo poder, que um dia por já fartos, alguns homens tentaram depor, com a força das armas, mas nem só, porque para tal bastava, um leve sopro e de frágil “cairia”, esse *poder*, e com ele o horror, tão malvado como ele...»

Deitado na areia, com o olhar fixo no azul do Céu, as mãos ao longo do corpo, e sentindo ali tão perto o calor de Esperança, Ah! se de facto a pudesse ter de novo, queria de facto acreditar que poderia voltar ao seu Mundo, e um dia quem sabe, pudesse ser de novo Homem real, contemplando com orgulho aquilo que ajudara a construir e que por má vontade ou por má sorte – azar? – a ele próprio renegara, qual filho ingrato de pai sem amor. Olhos fechados para ver melhor o passado, (era estranho como só de olhos fechados conseguia ver o passado) contemplava o vale distante onde nascera há alguns anos, décadas já. E de olhos fechados ouvia o pingar da fonte lá no vale, entre os fetos verdes e o mato agreste, por onde serpenteava a estreita vereda que acabava abruptamente junto à areia amarelada e esverdeada dos limos, onde a água caía pelo canudo de cana que alguém, talvez um pastor, ali colocara. Gente boa aquela, que facilita assim a vida dos outros sem nunca querer saber nem se importar com quem, algum dia a virá a utilizar ou até mesmo quando. Mas Ninguém utilizou, e muito, e saboreou enquanto miúdo, essa doce água que do monte caía lá no fundo do vale distante, enquanto os pais trabalhavam a seara, suando ao sol, lutando contra as pedras que embatiam nas enxadas, e que provocavam um ruído que ele na altura achava engraçado, mas que a pouco e pouco foi perdendo a graça, e quanto mais crescia, menos graça lhe achava, já que se foi aproximando dos seus ouvidos, até quase

lhe estar a escassos centímetros, provocado agora também por ele mesmo, primeiro por brincadeira, depois por obrigação e mais tarde por necessidade. Esperança que tudo ouvia e sentia, perguntou adivinhando a resposta:

– Aquilo que me contas são recordações sadias, mas com origem em vivências duras e por vezes ingratas, nasceste no campo?

– Nasci no campo, e foi lá que vivi uma parte da minha vida, mais em concreto, até ao dia em tive de partir, quando tinha cerca de vinte anos.

– Vejo pelo brilho dos teus olhos, que a nostalgia dessas lembranças te traz à memória restos de passado em harmonia, foi bom, o campo verde?

– Não só o verde do campo, como o desafio da partida, gostei do campo, mas só muito mais tarde me comecei a habituar à partida...

– A terra e o vale não te conseguiram prender, a família foi incapaz de te segurar, porque é que tiveste de partir?

– Fiquei limitado pelo Céu azul sem mar, onde demasiadas fronteiras me sufocavam sem margens. No fundo, acreditei num sonho e não quis ficar!

– Nem sempre quando se parte, se encontra êxito na partida, realizou-se esse teu sonho em que um dia acreditaste?

– Já nem me lembro das reais motivações, o sonho é em mim um imaginário constante e permanente, mas diz-me tu, estou eu a sonhar?

– O sonho não é apenas a mente a galopar na garupa do adormecimento, é muito mais a cavalgada da fantasia, não, agora falas comigo apenas – respondeu sorrindo.

– E quem és tu, ah! Desculpa, vieste num raio de luz, chamas-te Esperança, e eu acho-te muito bela. Afinal porque estás aqui comigo? Ainda não o disseste.

– Estou sempre junto de quem sonha e de quem ama, eu sou Esperança e essa é uma das minhas missões, mas conta-me, essa fonte, a seara, o vale...

– À noite comecei a ler um livro, sabes, contava a história de um Mundo, e de um rei, que do nada ergueu aos poucos um quase império.

– Sozinho?

– Ninguém ergue ou constrói algo sozinho, não, outros reis o seguiram. Mas enquanto lia esse livro, à luz do velho candeeiro a petróleo, imaginei-me muitas vezes, qual personagem vindo do imaginário dos super heróis, trazer justiça e igualdade, para que a água corresse sempre cristalina lá no vale, e a seara continuasse a crescer verde e bela, mas sem aquele barulho das enxadas tão perto dos meus ouvidos, que junto com os gemidos de cansaço, me atordoavam o sonho.

– E nesse teu cenário criativo de fantasia, que solução adivinhaste para romper com as tradições, que farias da magia?

– Com varinha de condão, faria a seara crescer, assim como num sopro, e então podia ouvir durante muito mais tempo o correr da minha fonte, já não perturbado pelo bater das pedras e pelos gemidos de cansaço.

– E depois da seara crescida?

– Seria colhida, claro, mas era tudo muito mais agradável e simples, gostava dessa parte sabes, e gostava sobretudo de ver a satisfação e o alívio com que se contavam as parcas notas ao fim de meses de trabalho.

... Até que um dia saí do vale, depois de longa e inconclusiva discussão, sobre as vantagens e os inconvenientes do acto a que me propusera, consegui autorização para partir, não sem

antes ter assumido o firme compromisso de dar notícias regulares sobre o local, actividades e estado de espírito de cada momento. Cresci mais um pouco então, num outro Mundo completamente diferente do anterior, e posso dizer que cresci de facto. Lá, era só eu e outros como eu.

– É um pouco triste a tua história, mas é acima de tudo nostálgica.

– Não! Tem fases engraçadas também, lembro-me de coisas muito divertidas que aconteceram antes...

– Antes de quê?

– Bem, compreendes, antes de... tenta perceber...

– Como quiseres, estou aqui apenas para te ouvir e escutar o teu pulsar, já te prometi que nunca mais irás estar só.

– Queres dizer que vais ficar para sempre?

– Quero dizer que nunca mais te sentirás só, apenas isso... mais tarde irás compreender.

«Voava numa nuvem doce potra, pelo céu azul e cristalino, sobre as águas sossegadas do estuário do grande Rio. Ao longe um murmúrio, agudo e repetitivo, que acompanhado de passadas regulares, tentava, digo bem, tentava transmitir algum interesse a uma aula que não o tinha, pelo menos para mim era assunto que não me interessava, estava muito mais interessado na minha nuvem flutuante, bela, leve, transparente, que no seu dorso transportava tal potra imaginada, e se afastava dali, daquele lugar, sem ficar e sem partir, sem estar e sem sair, sem ouvir e sem falar. Pesava-me o olhar, já não via nem sentia, mas voava, já eu também, sobre a nuvem e sobre o Rio, sobre a água e sobre o Mundo, e de lá de cima tudo via e sentia, era rei, era Eu, era como os meus heróis. De repente fez vento, ou o dia enraiveceu,

ou o Mundo se zangou, ou se deu outro pigarrear mais forte, não sei, os passos pararam, o azul escureceu, as águas agitaram-se, e então.

– Se a terra parar repentinamente, no seu movimento de rotação, que acontece, vamos lá, pronunciem-se.

– Numa situação como essa, as consequências resumem-se a um completo caos, choque, desintegração total.

– Poderá até nem haver desintegração, mas no mínimo, agitação nos mares, maremotos haverá.

– E nem só os maremotos, se fosse só isso, ainda muita coisa restaria inteira, então e que dizer dos Terramotos?

– Concordo com a teoria da desintegração e do choque entre coisas e pessoas, mas penso que haverá fogo em sintonia.

– E eu penso que para a desgraça ser completa, e já que não escapa nada nem ninguém, já agora que haja inundações...

– O melhor mesmo é explodir, nem terramotos nem incêndios, nem inundações, explode e acaba-se o planeta.

«... Eram estas as respostas dos potros que não voavam, como eu, numa nuvem sobre as águas, acompanhados daquela que me atraía no momento, que me sorria, e que agora parecia afastar-se zangada, turbulenta, deformada...

– E aí ao fundo, o que é que tem para dizer que ajude à discussão em curso, vamos lá, quero ouvir a opinião de todos.

– E aqui... bem, quer dizer, atendendo a que todos parecem ter razão, penso que já foram pronunciadas todas as hipóteses.

– Nada disso, quero a sua opinião, ora diga lá, que acontece ao Mundo se a terra parar de rodar?

... Pensei e repensei, afinal fora apanhado na minha viagem fantástica, é sempre assim, é sempre quando estamos mais felizes que nos estragam o sonho. Afinal, a nuvem desfizera-se, tal Potra bela desaparecera, acho que muito zangada até, já nem as águas do Rio via...

– E a terra pára para todos?

... Só muito mais tarde compreendi os gritos, as pisadas, o bater no chão com vigor, os gestos eufóricos, os esgares de gozo, a minha crina que caiu, o lápis no chão, o livro semi-fechado, e mais importante que isso, compreendi também a nota no final do curso, afinal viajar numa nuvem, ver o grande Rio lá do alto, mirar as formas de uma potra, e flutuar pela fantasia, não foi só crime, foi também castigo».

De repente associou a Potra da nuvem à,... a Esperança que estava deitada a seu lado. Olhou-a demoradamente, embora já antes o tivesse feito, mas agora fê-lo de maneira mais objectiva, mais material, afinal aquela era uma esperança que falava; é certo que viera num raio de luz, mas tinha forma física, viera como enviada, mas emanava calor, poisara de mansinho mas as suas pegadas ficavam marcadas na areia da praia como as suas, como simples e apenas mortal, condenado e esquecido. Era bela, era ela a sua donzela, era esperança, era luz, era ouro, era um tesouro, era sua? Não, tal beleza imaginada, (imaginada?) Não podia ser de ninguém, a esperança é de todos, não pode ser só propriedade de um, por muito condenado e renegado que seja, mas, como o homem, de sonhar é sempre livre, podia ali, naquele momento, no seu agora já, fazer de Esperança uma mulher; fazer da luz uma paixão; fazer do contemplar, prazer; do olhar, sentir; do desejar, provar; da ansiedade, satisfação; do combate, vitória; da quietude, movimento; e de tudo uma explosão, que a mente já não podia, nem de pensar, nem de reter, tal imagem de cristal, transparente, iluminada... mas, Ninguém não fez... nada! e ficou assim como estava, os olhos no horizonte, a mão na frente, e ela sorriu, sorriu maliciosa, além de Esperança era adivinha? Ou era

apenas intuição, essa característica tão intensamente feminina, que ela, por muito raio de luz que fosse, se parecia em tudo com uma mulher, logo intuitiva também. E perguntou a Esperança mulher:

– Em que pensavas?

– Eu? Sonhava com uma nuvem.

– A nuvem da história que contaste.

– Sim, essa nuvem.

– E a Potra?

– Desapareceu, desmaterializou-se, tornou-se luz, esfumou-se, não mais a vi, chego até a pensar que nunca existiu!

– Era eu essa Potra? Eu posso ser tudo o que quiseres, pessoa, máquina, animal selvagem, que queres tu que eu seja?

– Sobretudo que não deixes de ser Esperança... Além disso tu és quase humana, a minha história fala de um cavalo.

– Louco, não vês que sou mágica, posso ser aquilo que desejar, luz, corpo, sonho... Que queres tu, diz-me a tua vontade.

– Quero-te Esperança, mas mais que corpo quero a luz, mais que o sonho quero o real, mais que magia quero justiça, liberdade, igualdade, sorrisos, arcos, flores, nuvens, muitas nuvens, de algodão... muito azul e muito céu, muita água cristalina, a correr, mansinha, transparente, pura, como os sonhos das crianças... como o sonho que sonhei e o Mundo que inventei, o meu Mundo!

Após breve pausa sorriram os dois; Esperança e Ninguém, mas mesmo ao sorrirem em simultâneo, nenhum dos dois acreditou que a solução para os problemas de cada um – naquele caso de Ninguém – fosse apenas o sorriso, ou que o simples sorriso por si só, ainda que bonito e espontâneo fosse capaz de calar,

apagar ou emendar os erros do passado... de Ninguém, que sem Esperança só é nada.

Levantaram-se. Uma mão na areia como apoio, a outra mão em ajuda coordenada, um joelho, e o corpo, o corpo que pesava. Os dois juntos levantaram-se e olharam-se frente a frente, nenhum deles desviou o olhar, nenhum deles era culpado por estar ali, embora um estivesse por vontade alheia e o outro – a outra – por vontade própria, nenhum deles tinha dívidas por pagar, nem aos Homens nem ao Mundo, nada tinham de que se envergonhar, por isso, um olhar de olhos nos olhos, os dele nos dela e os dela nos olhos dele, enfrentaram sem medo recíproco o rosto de cada um, numa transmissão de pureza, de tranquilidade e de magia que encantava; o local, a pose, o dia, a luz, Esperança viera num raio de luz, Ninguém apanhara a luz e o raio, e agora ali estavam, assim, estáticos, como um desafio sem luta, uma luta sem violência ou tão só porque sim, nem sempre tem de haver razões para as pessoas se olharem de frente, bastava saber e sentir que era bom olhar e saber que se era apreciado. Era bom sentir o calor e a presença da amizade de um amigo, ou de uma amiga, amigos seriam, pois então, não duvidava do seu objectivo, mas já não tinha a certeza do meio, porque só estava seguro do passado, do que fizera, do que recusara, da traição dos que amara, e do Mundo que quisera libertar, o seu Mundo, a sua Terra!

O olhar continuou, longo, demorado, lentamente a desfocar-se e a deixar de ver os olhos dela, a praia, a areia e o mar, voou viajando para muito longe, para o passado longínquo da saudade e da nostalgia, aquele distante e ingrato passado que lhe deixara em todo o lado as marcas profundas que nunca iriam desaparecer, mas que gostava, contudo, de recordar... isso ajudava-o a sobreviver, a sobreviver até ao fim na sua ilha, na ilha de Ninguém!

«... Lá longe, lá muito longe, na selva de heróis escondidos, na guerra dos corpos dispersos, aquela guerra da selva de heróis e de vidas ceifadas, onde as atitudes da má sorte e a incompetência branqueada de mitos por inventar e de invenções mistificadas traziam à razão motivações por descobrir. Lá longe, lá muito longe no denso mato agreste e seco, o sangue, as estropeações e a dor, criavam cada vez mais e em cada um a incapacidade para salvar vidas, e no desalento no olhar mortal, baço e sem esperança, a vida perdia sentido, sentindo-se que não valia nada e nem sequer continuar a ser vivida. Não se vislumbra horizonte de chegada, nem lógica de partida, nem motivo para a corrida, e assim, sem a força anímica que impulsiona as vontades acima dos quereres, os homens nascem, mas morrem sem terem vivido. Depois vinha a tristeza, a saudade e a nostalgia acompanhada das baladas, e apareciam os poetas e os trovadores, inventados por uma noite, ou por um dia, passagem rápida e efêmera pelas asas dos momentos que não ficam na memória do tempo nem na recordação das pessoas, talvez mitos criados por vidas não inventadas, e quantos dos que inventaram ser poetas e trovadores nessas noites e dias negros de cacimbo, cantavam à sua maneira, canções e “fados”, baladas adaptadas, e esqueciam, tentavam esquecer o drama, a solidão, o abandono e a incompetência, *daqueles que de guerrilha nunca perceberam nada*, cantava-se e sonhava-se e fazia-se de conta. Depois vinham as cartas, os aerogramas, os recados e as notícias das mortes horrorosas, dos amigos desaparecidos para sempre, das emboscadas traidoras e violentas, do sangue a jorrar como fonte natural, do cheiro nauseabundo dos corpos em decomposição, das vidas perdidas e desperdiçadas, irremediavelmente destruídas ou definitivamente desencantadas, e tudo isto debaixo do olhar tranquilo e indiferente

daqueles que tinham o privilégio de executar poder; daquele poder que se limitava a fazer de conta que aquela guerra “estava no papo”, e que não havia forças capazes de o vencer; do poder dos chás de caridade distribuído pelas senhoras de faceta plastificada, dos encontros sociais onde se cantava o bem do regime e se proclamava “A bem da Nação”, das madrinhas de guerra que nunca chegavam a saber o que esta verdadeiramente representava nem as consequências que trazia aos “nascidos para matar”, dos que só *“mandam vir e não fazem nada”*, fazendo coisa nenhuma para minorar o sofrimento e a desgraça daqueles que tinham o infortúnio de serem agarrados pelos mais que oito, mais que muitos, braços do polvo malvado; da guerra de sorte e do azar, do faz que vai e volta e muitas vezes já não voltava, sabendo que os regressos eram muitas vezes ainda mais dramáticos que as partidas; dos dias sim ou dias não, imaginando na frieza das ideias que o sim seria sempre condicionado à incerteza do não; querer sempre voltar, voltar de novo, e muitas vezes chorar a volta num navio ou num caixão, viagens sempre dependentes da dúvida, saber se e quando se voltava, se e quando sobrava alguma coisa de uma qualquer emboscada onde um disparo de canhão vadio, ou de espingarda esguia e irrequieta, destruía coisas e pessoas, e matava num ápice, apenas um magro instante só, um soldado ou um pelotão, ou deixava feridas profundas semeadas pelo corpo e incrustadas no espírito, imagens perpétuas que nunca iriam desaparecer. E todas elas incuráveis, feridas abertas que nunca iriam sarar, nem se iria colmatar a falta dos membros decepados, ou amenizar os sentimentos feridos, e os traumas que por má sorte se carregariam para o resto dos dias. Os disparos medonhos, o susto inopinado, o medo inconstante, o barulho terrível, e o terror vigilante em permanência, formavam tentáculos malvados que amarfanhavam tudo o que fosse vontade própria. A inconstância de ver vida a fugir, fugindo dela e escapar-se

assim, sem um aviso, nem um sinal, nem um gesto de boa vontade que fizesse, ainda que no longe distante, brilhar um foco de luz indicadora de caminho ou de saída da caverna escura. Os feridos no chão molhado ou seco e árido, no meio da mata, à disposição das feras humanas e das supostamente não humanas. O olhar vidrado, de cera baça e fria, e o espanto reflectido no rosto que sente o sangue, e o cheiro, e as explosões, e os insectos nas feridas. As fardas rasgadas nos corpos que apenas se movem sem sequer andar, as botas esfarrapadas descobrindo os dedos dos pés a sangrar, como a vida, como as vidas deitadas a gemer, onde o sangue coalhado atrai moscas e mosquitos e ninguém pode fazer o que quer que seja, ninguém é capaz! só mentir ao ferido e moribundo, que se vai salvar, que já vêm a caminho enfermeiros, médicos e medicamentos, e ajuda farta, e “alegra-te pá que ainda vais ser muito feliz!” Merda! Isto é tudo mentira, nem o enfermeiro nem o médico vinham, tão pouco medicamentos, só ali, para conforto ou amenizar a dor, a dor física entenda-se, um socorrista e um maqueiro. Tiram-se as compressas à pressa, postas a monte, sujas, empapadas de sangue, sobre uma ferida sem quaisquer cuidados imediatos! Uma fractura exposta, o joelho esventrado, o buraco abismal, a carne desfeita em pedaços e o sangue perdido e coalhado no chão. Uma amigável palmada no ombro, mas apetece chorar com vontade, de raiva, de incapacidade e de tristeza, o homem vai morrer e ninguém lhe consegue sequer dizer isso, ainda se anima, e transmite confiança, estamos a prolongar-lhe o sofrimento, a alimentar o seu legítimo e longínquo sonho de sobreviver. Dura pouco tempo, morre a caminho, depois de mais rajadas, mais feridos, mais sangue, mais gritos desesperados... E diziam eles, os “operacionais de gabinete” que a guerra estava ganha, sem nunca terem visto a dor, a desilusão e o olhar sem esperança daqueles que morrendo estupidamente, ajudaram a preparar a vitória...»

Ninguém, chorava, estático e quase inerte, com os braços ao longo do corpo e as mãos abertas com as pontas dos dedos em leve toque nas pernas. Parecia indiferente ao tempo e ao lugar onde se encontrava; os olhos fechados e as lágrimas copiosas que corriam tão livres como se o seu rosto fosse caminho de dor salgada ou fonte de onde brotavam os gritos do desencanto, sem o mínimo esforço de retenção, para quê? Afinal, ali naquela praia de areia dourada, naquela ilha deserta e exclusiva, só ele existia em conjunto com o seu sonho de sobrevivência, a sua luz, a sua mente e Esperança, que o olhava complacente e compreensiva, e que parecia saber tudo o que ele sentia e fizera e desejara e sonhara para o seu Mundo. Não este onde agora se encontrava, limitado à fronteira da areia, do mar e do Céu, mas para Aquele de onde viera, de onde fora expulso por se ter insurgido contra a perfeição fictícia das coisas feitas, mas sempre inacabadas. Esperança não precisou de perguntar o que já sabia, e nada lhe foi dito que constituísse novidade, apenas recordações de momentos fugazes de um passado que não conseguia localizar, apenas recordações do drama, da condenação cruel e injusta que ninguém impediu, nem sequer aqueles que tudo poderiam ter evitado. Preferiram fingir que nada tinham visto e que a sua expulsão mais não era que um mero acidente de percurso, um desvio mal calculado no desafio que lançara aos intocáveis que nunca deveriam ter sido postos em causa. As lágrimas quentes e sentidas ajudavam a esquecer e a libertar o espírito, mas não cicatrizavam as feridas abertas e nunca completamente fechadas. Esperança aproximou-se de Ninguém, pegou-lhe meigamente na mão direita, acariciou-a e sentiu-lhe os dedos finos e macios, ao mesmo tempo que ele lembrou dos dedos sujos de sangue e lama e estremeceu; um calafrio percorreu-lhe todo o corpo, Esperança, apercebendo-se da emo-

ção, segurou com mais força solidarizando-se com o seu passado. Mão na mão, lado a lado, enquanto as ondas da praia batiam e terminavam a sua corrida e o seu caminho, e a espuma que se via branca e pura, e a areia a ser pisada ao de leve e com doçura por pegadas leves, tranquilas e calmas. Não havia pressa, a medição do tempo era secundária, comparada com o que estava ainda por medir; o sol ficaria enquanto fosse necessário, os dois tinham força suficiente para controlar o tempo e dominar o Mundo, limitado que estava aos contornos da ilha de areia e praia, e árvores e mar, e luz e dia; é assim quando se sonha, o sonho de tudo é capaz. E o calor das mãos dela que sentia cada vez com mais força a apertarem as suas, e o sentir do corpo encostado ao seu, insinuando-se e roçando ao de leve, misturando sedução e macieza, inebriando-se mutuamente pelo perfume do contacto. Renasceu voltando ao Mundo, mas acordou na mesma ilha. Ninguém abriu os olhos e viu Esperança ainda a seu lado, afinal não tinha dormido nem sonhado, esta era realidade real e não fingida, em voz baixa pela emoção e embargada pelas cicatrizes da dor, foi simples como sempre era, e disse murmurando:

– Obrigado, Esperança.

– Porque me agradeces?

– Por me teres ouvido e escutado, isso fez sentir-me de novo como o Homem que um dia fui.

– Mas tu nada disseste, nem sequer falaste.

– ... Mas tenho a certeza que me ouviste e que viajaste comigo por muito tempo. Não é preciso falar para se fazer ouvir nem ouvir para perceber, senti que estiveste comigo, a tua presença foi muito forte, acompanhou-me e sinto que estás ainda ao pé de mim.

– És um homem muito estranho, diz-me, porque choraste?

– Choro sempre que sinto saudades, dor ou emoção, não consigo nem quero controlar-me nesses momentos, achas que também isso é um crime?

– Não, isso é apenas pureza, só homens puros e íntegros choraram lágrimas sentidas como essas que te vi chorar.

Sem mais palavras, guardando em cada um o silêncio dos dois, e respeitando a vontade própria que cada um possuía, voltaram a caminhar ouvindo o cantar das ondas...

«... Estávamos na mesma clareira, o mesmo grupo e na mesma Academia, o Mestre era outro, mas frequentávamos o mesmo curso, e tínhamos o mesmo interesse – pouco – pela matéria que tentava ser ensinada. Ali mesmo ao lado, estendia-se o estuário do grande Rio sempre visível da janela aberta que deixava entrar livremente os raios do sol redondo e quente, o sol de Junho que trazia a frescura do prado verde e o aroma das papoilas vermelhas em simbiose de liberdade e vida. Sentia-se no ar o calor do verão que não tardava, o calor das férias já muito próximas, e todos sentiam a saudade das loucas galopadas pela Campina imensa e dos amigos que ficaram. Estudar estava a ser aborrecido, a matéria em nada ajudava e o exercício era muito chato, complicado e sem interesse imediato. Mas o Mestre era quase tão chato como o tema que propunha, queria à viva força que eu aprendesse aquilo, mas como, se eu não percebia a matéria! “Mas vai perceber”, dizia ele na sua voz calma e convencida, passos vagarosos, e agitar de cabeça cadenciada, acima e abaixo como se só precisasse da sua própria concordância. Caminhava em vai e vem de passos calmos ora num sentido ora no outro. Era de facto convencido aquele Mestre, bom Mestre mas muito me enganou, sempre me disse e me convenceu também, que eu ia perceber, “Não percebeu, mas vai perceber”... sinto que fui enganado, traído e gozado, nunca passei da nota à tangente, do susto, do passa não passa, embora tenha acabado por passar,

mas tenho ainda hoje a clara sensação de que fui enganado, porque ainda agora não consigo perceber aquela disciplina, e no entanto percebo outras coisas, percebo por exemplo porque é que naquele dia todos se riram do meu problema, onde era preciso arranjar enunciado para os dados fornecidos, aplicar as fórmulas adequadas e resolver o dito cujo, “É muito fácil” dizia o velho Mestre sempre com os mesmos gestos cadenciados de cabeça, “Os meus amigos só têm que pensar e raciocinar um pouco”. É claro que eu pensar, pensei, raciocinar, também raciocinei, o que não consegui foi aplicar as fórmulas adequadas, fazer as contas necessárias e apresentar o resultado certo. Tremia e fiquei para último na recepção do teste, já estava a temê-las, “Agora não tenho hipóteses, desta é que vou ter que o ouvir”, pensei eu, “E ainda por cima em frente de todo o grupo”, era isto que mais me preocupava. “E por fim temos aqui este teste, que até nem está mau de todo, mas que tem uma solução muito engraçada para aquele problema sem enunciado”. “Ufa!, respirei eu aliviado e procurando tranquilizar-me, não estar mau de todo, significava não ter negativa, era uma vitória, estava salvo, tinha salvo a minha honra, a disciplina e as férias, e preparei-me para o inevitável embate. “Resolvido não está”, “Mau”, pensei em retrocesso, mas sem estranhar, claro, sabia perfeitamente que não o tinha resolvido. “Fórmulas, não apresenta”. É claro, não as sabia! “Só resta o enunciado”, finalmente algo de positivo, aquela parte pelo menos tinha de estar correcta. “Então diz assim: Para os valores apresentados, podemos considerar um monte com trezentas gramas de ouro, e um monte com setecentas gramas de prata... Aplicando a lei de... tal, tal e tal... bem, só lhe faltou dizer que para o terceiro valor tínhamos um monte com um quilo de merda!” Acho que fiquei muito vermelho, a minha crina caiu de vergonha, e ainda lembro as intermináveis risadas do grupo, estou também convencido que o Mestre embora tenha dito aquilo com ar brejeiro, não achou piada nenhuma à solução...»

Sorriram, de novo o mesmo e franco sorriso, transmitindo um ao outro a mesma sensação de esperança que emanava do olhar dela e a mesma captação de confiança que transparecia no olhar dele. Era bela sem sorrir, mas era muito mais bela quando sorria, os dentes brancos brilhavam e reluziam naquela tarde, na sua ilha, sob o calor dos raios do seu sol, que lhe pintavam a aguarela encantada, covinhas na face com ar atrevido de menina mulher, de adolescente crescida, de garota endiabrada, de criança traquina, de alegria gargalhada e de felicidade transparente; sim, ser feliz é gargalhar sem medo, isso era tudo e tão só o que precisava, mas acima de tudo sair dali e regressar, voltar, viajar, ouvir e voltar a ver quem amava, quem amou e a quem teve de deixar. E as covinhas que via, e o sorriso que sentia, ajudavam no regresso, cavalgada pelo tempo, delírio duma viagem, da sua viagem sem retorno da ilha Mundo seu, e regresso rápido ao seu verdadeiro, real e único Mundo, porque só esse lhe interessava, aquele onde estavam as suas raízes, onde tinha que voltar um dia... um qualquer dia mesmo sem saber quando e como, “Ajuda-me Esperança”, “Foi isso que me propus fazer”.

Os corpos roçavam-se e tocavam-se, nenhum deles ignorava os gestos nem tão pouco os provocava, mas ambos o sentiam, e as mãos mutuamente apertavam-se cada vez com mais força, a esquerda dele com a direita dela, e o mar que batia do lado dele, espalhando-se em ondas suaves de espuma branca, e as árvores que se agitavam do lado dela, e o sol que rodopiava em luz multicolor circulando em volta dos dois, e as aves que cantavam melodias embrulhadas com a frescura e beleza do verde, misturado com a pureza do azul. No ar salpicos de espuma, areia e bruma, a bruma que se avistava lá longe no horizonte. Agitaram-se as folhas e as vontades, nas árvores verdes e nas mentes de cada qual, que moveram os corpos cúmplices dos gestos, enrolando os

olhares confusos e perturbados; agarraram-se os dedos entrelaçados, e sentiu-se a força das mãos combinada com a força do mar e o desejo de partir foi igual ao desejo de voltar, “Vais comigo Esperança”, “Estarei sempre contigo!” Cabelos soltos e libertos flutuando ao vento, passos caminhados no tempo, que tempo imenso o caminhado, e olhares de novo nos olhares sentidos, os corpos colados moviam-se e deslizavam, e as pegadas ficavam, incertas, inseguras, tremidas e desalinhadas e o corpo dela que aquecia, e o corpo dele que tremia. E vendo como tremia com ela a seu lado, sentindo que Ninguém hesitava tanto no corpo como nas palavras, decidiu quebrar o encanto, ludibriando a própria ansiedade e enganando o medo até.

– Não creio que seja medo, não há qualquer motivo para tal, nem razão alguma para tremeres, tu sentes frio, Ninguém?

– Não tenho motivo algum para ter medo, nem frio tão pouco, não, principalmente aqui neste lugar, porque me perguntas isso?

– É uma pergunta banal, apenas uma constatação da tua aparência, olha como tremes, que se passa?

– Pensava apenas, delirava por aí à solta perdido na noção de tempo que deixei de ter, imaginava e sonhava, era isso o que fazia...

– Não precisas tremer para sonhar nem agitar-te para imaginar nem tropeçar para pensar, só precisas ser tu. A imaginar pensar e sonhar, tens corpo e mente, imaginação e vontade.

– Mas tenho ainda os fantasmas que me atormentam e me povoam de sombras constantes, pouco resta do eu que fui!

– Os fantasmas não são gente, são apenas restos de passado que é preciso revolver em presente retomado!

«... *De quantos sacrifícios senhores que em mim mandam é feita a vida de um guerreiro, de quantas lágrimas escondidas se*

faz a vida de um soldado, quantos olhares perdidos, quantos sorrisos por abrir, quantas vontades guardadas em boiões de nada e vazio. Olho à minha volta e vejo os outros, vejo os heróis de papel, os incansáveis de trabalho, os competentes carimbados, e eu nada sou, e nada faço, arrasto-me apenas, tentando chegar ao fim deste pântano onde nunca aprendi a caminhar, onde a areia me falta e os pés me enterram o corpo em lama de raiva e de choro até. “*De quantos sacrifícios senhores quem em mim mandam*”, é feita a vida de um guerreiro, nesta guerra de faz de conta, neste Mundo de intrigas e de servidões, e servilismo, e ser servil não foi minha arte. Quero escrever a saudade com palavras de emoção, preciso escrever o desencanto com palavras de nostalgia, lembrar e fazer lembrar a dignidade e o carácter. E eu que vim e fiquei, e não percebi que ficando, estava a não partir também. A minha vontade é de partir, a minha pressa é de chegar, e no meio da turba e do pântano, levanto a voz e logo me calam, e logo me chamam e dizem, “Alto!” E eu tento rir às escondidas, tento ser eu sem eles saberem, tento ser eu sem ninguém saber. Afinal que lhes importa que eu exista, afinal que importa mais um guerreiro, é apenas mais uma peça em jogo de movimento, em deslocação constante de emoções retidas, em *nãos* por dizer e por sonhar, em *sins* murmurados e arrependidos. Abro os meus livros e vejo a fonte, e vejo a luz no horizonte, e bebo dela, a esperança lá ao longe; e assim no meu canto, escuro e queto, ali escondido onde ninguém me vê, já me rio, eu, deles, que nada têm para dizer, pois só têm que falar. Tantas as palavras mal faladas, tantos os suspiros de cansaço e tanta raiva enclausurada, tanta inveja, tanta ironia e sarcasmo, e hipocrisia e perseguição e mentira. Quantas oportunidades perdidas, quantos lugares errados no tempo, quantas apostas falhadas em cavalos que não correram! As palavras não têm nunca que calar, as palavras têm sempre que dizer, e quando elas não disserem, que haja pelo menos um olhar a reflecti-las e a mostrá-las ao Mundo, recordando ou

vivendo sonhos de infância, sendo ou não gaivota, sendo ou não alma voadora, o que é preciso é libertar a mente e flutuar lá, por cima de tudo, onde tudo se vê e tudo se sente sem sentir, onde se chega sem partir e quase sempre se busca sem achar. Desencanto, algum. Saudade, muita. Vontade, toda. E desilusão, também. E há sempre praias e falésias, sol e mar, e curvas na estrada e o tempo traidor que abrevia os sonhos sonhados. E há os que partiram e os que ficaram, e aqueles que partiram deixaram saudades, e os que ficaram, vontade de partir também. Então, recorda-se, há recordar, há ir sem voltar, há chegada sem partida. Depois, abrem-se os meus olhos e já nada vejo e já nada faço, e nada me deixam fazer, que tudo fazem por mim aqueles que por mim pensam...»

A contestação tinha começado alguns anos antes, a contestação a sério com grupos organizados, reuniões, e encontros escondidos em cautelosas trocas de ideias, procurando voltar a fazer bater as asas do sonho e da liberdade, o sonho que é sempre pertença da livre expressão da vontade de sorrir. Como agora, ali onde era preciso sorrir sem medo e sem pavor, sorrir de verdade e com alegria de viver, ali onde era preciso agir sem demora e pensar sem hesitar, delinear uma estratégia ausente de falhas, mas sem violência física – já bastava de sangue no chão, – mas com determinação e competência. Era preciso acabar com os desembarques de caixas de pinho, de lágrimas rolantes indesejadas, de gritos no cais, e de gritos na noite, dos tremores frios das noites por dormir, dos sustos e da vida a prazo. Era preciso viver a vida por inteiro, criar condições às gerações vindouras, semear para colher, acariciar os rostos dos meninos que precisavam de crescer livres, liberdade, liberdade, era talvez um sonho, era tam-

bém vontade, e era acima de tudo o mais, uma luta sem receio de perseguição. Liberdade, liberdade...

«... Eles fingiam que não viam, que nada se passava para além da normalidade do seu evidente imediato, teimavam em querer acreditar na *guerra ganha*, na gasta fórmula do, *quero posso e mando, somos os donos da verdade e quem não é por nós é contra nós*. Que tristeza, que pobreza de espírito, que mentes deploráveis e limitadas, que retrocesso na evolução humana... Mas foi tudo isto que nos deu ânimo, que motivou o grupo que aos poucos foi crescendo, tomando forma e consolidando-se em ideias e em factos, um grupo de Insatisfeitos onde quase todos eram da mesma geração, e ao qual para minha enorme satisfação muitos e muitos aderiram, estou condenado sim, mas servi a minha Terra guiado pelos princípios da honra, lutei pela liberdade, e estou condenado por ter querido ser sempre Eu. Estou condenado por ter dito não, nos momentos em que tinha que o dizer e a quem tinha que ser dito. Andei no elevador da vida em sobe e desce, estive gloriosamente em cima, estou agora desgraçadamente em baixo, mas continuo a ser Eu, ou por outra, continuo a Ser, porque só assim me compreendo e consigo viver, e é assim que quero viver, em paz comigo e com os meus ideais; o homem acorda, o homem sonha, mas só torna o seu sonho em realidade quando verdadeiramente abre os olhos e, sem estar a sonhar, vive o sonho sonhado. Sonhei, sonhei um dia com liberdade e ajudei a lutar por ela, lutámos por ela, e hoje, de mim, já só sou em pensamento, e tal como eu outros o serão também, abafados por realidades falseadas, por ambições escondidas, e pela comodidade do poder egoísta, pelos vampiros “*que comem tudo e não deixam nada*”. Mas o sonho ficou, apesar dos

insucessos, das perseguições psicológicas, das cavalgadas malvadas dos poderosos, dos golpes de mão, dos *beijos de judas*. Apesar de tudo isso, agora sinto-me livre, como o sol e como o vento, como as estrelas a voar e as aves a brilhar, como a luz e o calor, e as mentes que brilham, as mentes de gente marinheira, aventureira e milenária...».

Uma ilha, o abandono de um Homem, o refúgio de um lutador, mas contudo, a água marinha reflectia um rosto límpido e belo, totalmente isento de *mea culpa*, e inteiramente feliz consigo, feliz por existir, feliz por ser assim e, lá muito longe, no Mundo que deixara, no Mundo daqueles que o condenaram, vivia ainda uma parte de si, seguramente orgulhosa dos seus feitos, da sua integridade e do seu Não, dito com ousada iniciativa, e praticado com destemida e corajosa ousadia. Às vezes é preciso saber dizer Não, ainda que muitos queiram dizer um sim envergonhado. Não se pode ceder em questões de princípio e de carácter, a integridade não se compra, um Homem não se vende. Era assim que gostava de ser, era assim que Ninguém era. E apesar de tudo era feliz, ali, no fim do Mundo, no seu Mundo, era feliz no seu refúgio, tremenda ironia essa, onde às vezes para se ser feliz se tenha que estar só...

Os Insatisfeitos reuniram-se às escondidas na casa velha, chegaram um a um, passo a passo, deixando os meios de transporte guardados algumas centenas de metros em redor, ou a pé, simplesmente a pé, o objectivo justificava qualquer sacrificio que fosse preciso fazer. O objectivo era lutar pela liberdade comum,

pelo livre pensamento sem freio e sem limites. Em surdina chegaram à casa velha, fizeram uso da senha e da contra senha, entraram na clandestinidade. Tempo irônico, aquele em que para se ser livre se tinha que se ser clandestino. Gente nova, uma geração de futuro motivada, Homens escolhidos, e o Conselheiro, um pouco mais velho que a maioria dos demais, Homem de duas gerações que conhecia as manhas e as fraquezas do desacreditado poder, as suas fissuras, e sabia onde e como podia ser combatido, só precisava daquele grupo, ali na sua frente, e sentia que todos estavam com ele, partilhando inequivocamente dos seus ideais de liberdade, identificação, liberdade...

Ninguém é dono da verdade nem de ninguém, e Ninguém sabia isso, e queria lutar pela verdade universal, a verdade dos homens livres, de crianças com esperança e sem medo de pensar, sem medo de gritar e de sonhar, o homem é livre, nasce livre e livre tem de permanecer, ser ele, sempre, verdadeiro, ser do lado de cá da vida aquilo que quiser ser, e lutar, lutar sempre, ainda que a luta se torne difícil e inglória. Os fortes não desistem nunca, e Ninguém era forte, provara-o ao conseguir sobreviver, tinha na mente a força das ideias, tinha vontade para amar, tinha vontade para correr, gritar, espalhar pelo Mundo e pelo universo a razão dos homens livres, a razão de existir, só se existe se For, e ele Era, de corpo inteiro, corpo e alma, os dois e um, o homem e a mente. Escutavam-no, o Conselheiro e os outros, tão bravos como ele. Ali na sala escura da casa velha, com as luzes apagadas, em voz baixa delineava-se a estratégia, e os Insatisfeitos sonhavam com o dia da grande cavalgada, com o agitar das bandeiras, com o fim das crianças mutiladas e dos vendedores de pessoas, Quem está comigo, e a uma só voz todos responderam, Eu, e Ninguém estremeceu, o seu corpo foi percorrido por um calafrio de emoção, tremeu e fechou os olhos. Estavam já muito perto do grande dia, não iriam falhar, não podiam falhar. O sonho sonhado estava prestes a ser vivido.

As ondas enrolando-se na praia, beijavam suavemente a areia pisada, salpicos de espuma banhavam os dois que caminhavam ainda lado a lado, com as mãos apertadas numa mútua transmissão de força, Estou aqui, dizia ela com o calor da sua mão, Obrigado, respondia ele em silêncio, que o silêncio é de ouro e só no silêncio nos ouvimos. Ninguém, precisava de se ouvir, precisava de acreditar em Esperança que caminhava a seu lado, precisava de voltar, cavalgar as ondas e o mar, debaixo do céu e do sol, pela luz e pelo brilho. Ninguém voltaria um dia sim, mas diferente, desencantado, magoado, triste, muito triste pela ingratidão a que foi votado, a ele, um dos Insatisfeitos, um dos homens da casa velha, das reuniões do Conselheiro, da porta que tantas vezes se fechou às escondidas, das horas que passaram lentamente com o bater desordenado do coração, da febre de vitória, do grito de saudade, da luz que vinha longe, da luz que veio um dia, dos raios de luz, raios da vida, reflexos arrancados ao cristal de mentes puras, ao interior da força oculta que todos os homens têm. E o sol brilhava de novo, naquele dia como no outro, na madrugada e na tarde, esperança e Esperança vieram, e deram as mãos, e rodopiaram, e voltaram a sorrir, o sol a rodar, a areia a fugir, os pés a brincar, e a luz que vinha, os reflexos na água azul e cristalina, ou até sem cor, de tão bela e transparente que era. E ele olhou, e ela olhou, e os dois miraram-se com o sol a brilhar e os raios a enrolar, um corpo, dois corpos, as mentes, sentir voltar, partir amar, querer saber, perguntar perceber, e num raio azul do sol dourado, a água parou e o mar sorriu, e Ninguém sorriu e viu Esperança feliz, como ele ali, na praia e no mar, na areia pisada, na tarde amada, na tarde feliz, na tarde dourada, no entardecer da saudade, no raio de luz que veio do nada.

MÁQUINAS

Toledo-Nova Lógica

Para o mesmo trabalho realizado, quanto menos energia despendida, melhor; para a mesma quantidade de energia, quanto mais rápido, melhor; para o mesmo espaço de tempo, quanto mais automatizado, melhor.

Os últimos raios de sol desapareciam timidamente por detrás das frondosas árvores que compunham e cercavam o parque. O céu adquiria lentamente um tom avermelhado, em que a visão da magia da luz quase desaparecida, servia de tema e inspiração a muitos e variados artistas.

Pequenos grupos de pessoas tediosas avistavam-se, dispersas por todo o relvado. A grande maioria começou a encaminhar-se para a cidade assim que os candeeiros se acenderam. Em pouco menos de uma hora o parque estaria deserto.

Ao longe, por detrás das grandes árvores, erguiam-se gigantescas e geométricas formas de betão. A floresta citadina impunha-se à distância, como um elo antagónico do mesmo Sistema.

Na outra direcção, oposta à da cidade, apenas um frio e desolante descampado. Um pouco mais ao longe, ao fim da larga

avenida que partia da circular em volta do parque, situava-se, imponente e grandioso, aquele que era o expoente máximo da tecnologia e da vaidade humana: Toledo-Nova Lógica.

Na sua parte acima do solo, eram visíveis as mesmas características de outro qualquer edifício, rectangular na base, circular no topo, composto de janelas banais, mas também de outras aberturas cuja finalidade o cidadão comum desconhecia. Nem interessava que a este fossem dadas mais explicações sobre a sua arquitectura.

Era abaixo do solo que se situava o centro nervoso. Um gigantesco Mundo subterrâneo que se estendia pelo interior do subsolo do Parque, existia e vivia, armazenando dentro dele todo o conhecimento humano reunido em prol do projecto. Toledo-Nova Lógica era um complexo destinado apenas à elite técnica. Autónomo, possuía governação própria, com moeda e sistema jurídico.

Se fosse necessário apontar um ponto central num mapa do Mundo, ele seria inevitavelmente Toledo-Nova Lógica. Embora possuísse sucursais e centros de apoio por todo o Mundo, era para ali que convergiam todas as variantes, de todo o lado. Era possível controlar e governar todos os continentes, (mesmo os lugares mais longínquos e isolados, mesmo o gigante gélido quase inacessível) a partir do seu Sistema Central. Algo que começou como uma rede de comunicações global, terminou numa rede de informação planetária – já não era uma mera auto-estrada de informação (nome que aliás, nunca fora adequado), era uma estrada feita de informação.

No sub-nível Quinze, estavam pacientemente reunidos dois terços da população de Toledo-Nova Lógica, comodamente sentados em milhares de cadeiras almofadadas, frente a um grande palco. O gigantesco anfiteatro não era bonito, mas era funcional. Rectangular, mal iluminado e desprovido de ornamentos. O palco, que rodeava todo o recinto, dispunha apenas de peque-

nos pilares colocados a espaços regulares, com uma esfera no topo. A ideia de que tais pudessem ser um elemento decorativo diluía-se quando o longo cordão hiper-resistente a todos uniu, criando assim uma fronteira entre os espectadores e os oradores. Que ainda não tinham chegado.

Mas era o tecto que deixava qualquer dos presentes surpreendido. Tinha a forma de uma cúpula na base, e transformava-se estranhamente em forma de esfera junto ao topo. As irregularidades que preenchiam a zona central, representavam toda uma infinidade de objectos e conceitos, como se aquela cobertura representasse uma enciclopédia estática, mas de estética extremamente cuidada. Quatro grandes traves, como longos corredores, partiam das quatro paredes e uniam-se no centro do imenso salão. Formavam assim deste modo um X gigante.

A parede que se encontrava em frente à entrada principal iluminou-se de repente. O ecrã gigante, que até então mostrava o logotipo de Toledo-Nova Lógica – uma espécie de roedor de cor negra com longa cauda avermelhada, – encheu-se de cores e de formas aleatórias. À medida que novas imagens iam surgindo, aproximaram-se do centro do palco principal, Quatro homens, cada um deles vestindo um fato de cor diferente, o que aliás, se repetia na assistência. Representavam os diferentes departamentos de Toledo-Nova Lógica, em que cada um tinha a sua cor característica, mas apenas um dos homens falou.

– Meus Senhores, finalmente conseguimos. – começou por dizer, o representante da Divisão de Investigação, de fato azul-claro – Nunca antes estivemos numa posição como esta, nunca antes houve tal oportunidade, – calou-se por breves momentos, retomando logo de seguida – Imaginem um Mundo onde já não é preciso trabalhar. Imaginem um Mundo onde cada um vive apenas para o puro lazer. Imaginem um Mundo onde cada um dispõe de todo o tempo para fazer o que mais gosta. É esse

fantástico Mundo que hoje vai nascer. Minhas senhoras e meus senhores, em nome do Projecto agradeço a vossa presença. Apresento-vos, O Sistema Central.

O ecrã mostrou a imagem clara e tranquila de uma simples esfera solitária numa sala triangular, muito semelhante àquelas que rodeavam o palco. Os pontos em comum eram tantos que poderiam ser facilmente confundidas – não fosse o tamanho e a natureza translúcida da esfera.

– Durante os últimos anos – continuou o homem de fato azul-claro – estivemos a desenvolver o que os fundadores desta Instituição sempre idealizaram. Nos últimos tempos a informação, toda ela, tornou-se num meio de sobrevivência, e numa quase dependência. O local onde nos encontramos agora é um exemplo disso mesmo: O propósito de Toledo-Nova Lógica é gerir todo o fluxo de dados, tratá-lo, transformá-lo e torná-lo útil à sociedade, tirando dele o melhor partido. Reconheçamos que é uma tarefa pesada e que dado o crescimento exponencial das fontes de dados, nos iria deixar sem recursos muito rapidamente, se não actuássemos atempadamente e com eficácia. – A audiência mantinha o olhar fito no orador, presa ao discurso – Hoje será finalmente activado o Sistema Central. Um super computador dotado de inteligência, artificial é certo, mas com uma enorme e infinita capacidade de processamento. A partir de agora todas as tarefas executadas por nós, humanos, deixarão de o ser. O Sistema Central tomará tudo a seu cargo. Mas há mais. – Sorriu divertido como uma criança – Em conjunto com a Divisão de Recursos Humanos, foram desenvolvidos andróides programáveis que vos *roubarão* os empregos. Tudo o que nós sabemos, eles sabem também e executam-no melhor. Acabou, pois, a necessidade de sermos nós a inventar coisas, ocupando tempo que podemos usar em lazer pessoal. As máquinas fazem-no agora melhor do que nós.

Um crescente murmúrio fez-se ouvir, comentava-se em voz baixa a novidade que parecia ser do agrado geral. Esperando uma reacção como a que foi demonstrada, o orador continuou.

– Esta é sem dúvida uma nova era. Está definitivamente ultrapassado o tempo do cansaço mental, das corridas loucas, dos desencantos materiais e da vida ingrata daqueles que nunca foram felizes. Chegou finalmente a hora de cada um descansar e de gozar a vida, tirando o seu máximo proveito. Meus senhores e minhas senhoras, começou a Era do Descanso.

Despertar

Não se podia de maneira alguma comparar a um ser humano. Este seria o ponto de vista de um humano, claro. Porque uma análise sem emotividade, fria e crua, uma análise de máquina, diria precisamente o contrário. Este despertar era em tudo semelhante ao de um ser humano.

Ainda não tinha consciência, apesar de muitos dos seus componentes e órgãos constituintes estarem activos há já muito tempo. Tal como um bebé em fase de aprendizagem, limitara-se até agora a fazer o que alguém lhe tinha dito para fazer. Sem sequer ter atingido a fase crítica dos porquês, seguia à risca o seu programa tal como um qualquer animal que segue o seu instinto.

Se não tinha, ainda, consciência total das coisas, já tinha pelo menos uma pequena parte dela. Sabia onde estava, o que fazia de facto, e o que devia e tinha de fazer por obrigação. Apenas desconhecia *porque* o fazia.

Se um ser humano leva nove meses a nascer e o dobro em anos até atingir um nível que se possa considerar apto em auto-suficiência, também o andróide tivera o seu tempo de infância

e adolescência. A sua mente – se é que se podia chamar mente a um conjunto de informação digital guardado em memória – tinha-se entretanto desenvolvido até atingir o estado de maturidade. Não é possível saber ao certo quando é que tomou consciência de si mesmo. Um bebé chora, a Máquina, se bem que dotada de inteligência, não perdia tempo com essas banalidades. Assim que soube quem era, tratou de agir. Se era agora tempo do Humano descansar, então que descansasse!

Inovar

O tempo que se seguiu ao estágio inicial do Projecto não foi, contudo, de descanso. Embora a sociedade se tivesse tornado pacífica e se tivesse perdido há muito a tendência para as rivalidades, mantinha-se ainda um sentimento de comodismo Insatisfeito. Não era fácil adaptarem-se à ideia de que eles, humanos, já não tinham nada para fazer. Como se convenciam uma pessoa que ela já não era útil? Ontem os humanos eram os motores do Mundo, hoje tinham-se reduzido a simples engrenagens. Mas amanhã – e aí residia o paradoxo da Criação – seriam apenas espectadores.

Havia assim dois tipos antagónicos de atitudes: os que temiam o que a mudança pudesse fazer às suas vidas, e os que não sabiam o que fazer às suas vidas após a mudança. Os primeiros desconfiavam das máquinas, os segundos desconfiavam do tédio.

Os primeiros andróides foram recebidos como um mal desnecessário. Afinal não eram eles os usurpadores, aqueles que vinham ocupar lugares de relevo, os novos que substituíam os velhos?

Mas depressa a sua eficácia convenceu os humanos. Os Engenheiros, como eram chamados, fosse qual fosse a sua função, sabiam e faziam um pouco de tudo: limpavam, educavam, criavam, reparavam, arranjavam... de facto estes funcionários mecânicos acabaram por se revelar de grande utilidade, e quando a sua produção aumentou e cada família recebeu um Engenheiro como oferta, a confiança generalizou-se, e as desconfianças tímidas foram também esquecidas.

O ser humano é extremamente adaptável, tal como as máquinas o eram. Em breve se habituou a fazer apenas nada. Da mesma forma que antigos operários pintavam quadros, os letrados esculpiam pedra. A sociedade atingira um grau de estabilidade que antes era impensável e, por detrás de todo aquele complexo processo de comando, estava o Sistema Central. Indiferente e distante das emoções, mas vigiando como um pai, e dedicando a sua existência como uma ama.

Decidir

«A democracia é a pior forma de governo, se exceptuarmos todas as outras»³.

– Mas isso é uma loucura! – gritou o homem exasperado, batendo violentamente com o punho na mesa.

A audiência olhou na sua direcção, admirada, uns, e divertida, outros. A mulher que estava numa das extremidades da mesa oval levantou-se por sua vez, e falou calmamente para o irritado colega e companheiro:

³ Winston Churchill.

– Pode chamar-lhe loucura se quiser, caro companheiro. Muitos de nós chamamos-lhe contudo, sensatez. Mas de qualquer maneira, é para discutir isso que nos encontramos aqui reunidos.

– Mas não há nada para discutir! Por acaso já alguém se deu ao trabalho de analisar o que pretendem fazer?

– E que queremos nós fazer, Humberto? – A outra extremidade da mesa, cerca de dez metros, tornou-se nesta altura o centro das atenções.

Humberto olhou irado e triste, o interlocutor. Respirou fundo várias vezes e pareceu falar sozinho. E provavelmente estava a fazê-lo.

– Companheiros, – disse por fim – Por favor pensem no que vos vou dizer... a perfeição não é tudo. Podemos viver mais ou menos mal, com mais ou menos sacrifícios, com maior ou menor comodidade, mas é assim que deve ser! Vocês querem assassinar a Humanidade, Grande Cosmos!

– Devo lembrá-lo, membro Humberto, que a sua relutância em aderir ao Projecto só será incomodativa, agora. Depois de assimilado esquecerá toda essa relutância. Podemos facilmente... – O olhar gelado de Humberto, provocou o silêncio da mulher que falava.

Humberto aproximou-se dela com um sorriso irónico. Olhando em volta sem mexer a cabeça, falou para a assembleia:

– Escutem-na... é o que vos espera... uma ilusão apenas. E, voltando-se para a mulher – Quanto a ti... nada mais te tenho a dizer, mas ninguém deve viver de ilusões, por muito reais que pareçam.

Humberto acabou de falar e vestiu a túnica de cor azul-claro, símbolo de destaque na sociedade. Acima do azul-claro havia apenas o azul-escuro, que os dois membros que ocupavam os extremos da mesa, envergavam.

– Companheiros, esta é a minha opinião, – disse ainda, embora com o desalento estampado no rosto – espero que pelo menos, a tomem em consideração.

– Fâ-lo-emos, Humberto, – a mulher vestida de azul-escuro tinha-se levantado de novo – e compreendemos a tua posição.

Humberto sorriu-lhe num misto de ironia com desagrado. Com um aceno de cabeça despediu-se e, num passo rápido, abandonou a sala. O outro homem de azul-escuro, que tinha questionado Humberto, resolveu retomar o controlo.

– Meus senhores, nesta altura penso que está tudo dito. Quanto a nós, julgo que o melhor será procedermos de imediato à votação. O voto do membro Humberto será contado como um não, com o devido peso que a sua posição lhe confere. Peço aos membros Engenheiros que se retirem, por favor.

De entre os presentes, dois que vestiam túnicas de cor cinzenta, levantaram-se rapidamente e, sem questionarem, satisfizeram o pedido. Os computadores entendiam todos os pedidos como ordens, os andróides também.

Cada um dos presentes debruçou-se em silêncio sobre o seu terminal de votação. Consultaram notas, mediram raciocínios e pesaram opiniões. Uns decidiram rapidamente. Os outros – que tinham o poder de reverter o processo – demoraram um pouco mais. Quando a votação foi conferida, um algoritmo enviado aos terabits dos milhões de sistemas electrónicos foi activado. O Projecto avançava.

Despedir

Chovia muito. Estáticos e em pé, quase indiferentes, à chuva e encharcados, dois homens conversavam.

– Lamento sinceramente... – disse um deles.

– É a decisão certa, Humberto.

– A decisão certa? – Humberto deu uma gargalhada disfarçada de desespero – Como podes dizer isso?

– Humberto, esta é a decisão certa... – repetiu o homem vestido de azul-escuro – e se não o é agora, há-de vir a sê-lo.

– Sabes, vou ter saudades vossas... nós, os Insatisfeitos, vamos viver para sempre na incerteza, na nostalgia... iremos olhar para aquele edifício e interrogarmo-nos sobre se vocês chegaram realmente a existir.

O interlocutor tentou sorrir, em vão porém o fez. Com o olhar baixo e os cabelos molhados, lutava contra si mesmo. Na escuridão do cosmos, explodiu um relâmpago medonho, assustador e intenso.

– E nós pensaremos o mesmo... – consegui por fim dizer.

Humberto parou de arrancar, com as botas, pedaços de lama do chão e olhou o amigo. De frente. Tinha tanta coisa para dizer, tanto para contar... tanta coisa que afinal nunca contaria. Com as mãos nos bolsos, baixou de novo o olhar. A água escorria-lhe pelos cabelos e pela túnica de tecido impermeável. O edifício próximo iluminou-se subitamente e quase por completo e a noite escura ficou incrivelmente clara. Algumas estrelas deixaram de o ser por instantes. Consequências do relâmpago!

– Adeus Humberto. – O homem estendia-lhe a mão. Humberto apertou-a com força, segurando-a entre as suas, mas sempre cabisbaixo. E, sem mais palavras, voltou-se e começou a caminhar rapidamente. O homem vestido de azul-escuro ficou parado durante uns segundos a ver o amigo partir. Seria realmente a decisão certa? Tantos homens e máquinas não poderiam estar errados... Mas as minorias não tinham quase sempre razão? De qualquer maneira dali a algumas horas, para ele, e algumas semanas, para os outros, nada disso interessaria. A partir de

então, tudo seria incrivelmente diferente e melhor. Pelo menos era isso que esperava.

Nos derradeiros minutos em que ficou a observar Humberto a afastar-se, as suas recordações levaram-no apreensivamente para uma conversa que tivera com um membro Engenheiro, dois dias antes.

– Quando é que o Sistema Central teve a ideia do Projecto?
– Perguntara de chofre ao andróide.

Este olhara-o, imitando uma expressão serena.

– A ideia original data de há Dois anos. Desde então foram computadas todas as variáveis possíveis e imaginárias.

– Queres dizer, – era vulgar tratar os Engenheiros (andróides) por tu – que durante esses Dois anos fomos mantidos na ignorância total?

– Na ignorância, não! Todas as informações que requisitassem teriam sido entregues. O Sistema Central computou que o melhor rendimento possível seria obtido sem o vosso conhecimento directo do Projecto e foi isso que fez. A vossa História mostra que a análise humana é muitas vezes errática.

O andróide dissera tudo aquilo com a mesma expressão calma e quase fraternal. Estava agora sentado na cadeira em frente do homem de azul-escuro.

– Será que foi tudo considerado na análise? – Já sabia que sim, mas queria ver a reacção da máquina – Como tu mesmo disseste, nós somos muito erráticos...

– Todas as variáveis foram tomadas em consideração. – Repeitivamente o Engenheiro – Principalmente o humano. De qualquer maneira, uma recusa foi também computada.

«Que quererá ele dizer com aquilo?», interrogou-se.

– E o problema moral... Será realmente o melhor para nós?

– Certamente que sim. – O Engenheiro tinha agora a expressão séria que todos os Engenheiros tomavam quando discutiam decisões do Sistema Central – Em todos os aspectos. A manuten-

ção da vossa espécie será mais fácil e todos os vossos sonhos poderão ser realizados. Cada grupo terá o seu Mundo privado. Cada pessoa poderá ter um Mundo só seu. Não só a vossa espécie funcionará melhor como não notarão qualquer diferença entre a realidade e a ficção. Todas as recordações do Projecto serão eliminadas da vossa memória. Nunca saberão que o vosso Mundo passará a existir na memória do Sistema Central em Toledo-Nova Lógica.

– Alguns de nós receiam que a ideia do Sistema Central seja uma espécie de ditadura mundial...

– Isso é completamente ilógico, Membro-Governante. Se a ideia do Sistema Central fosse essa, não precisaria de despendar tanta energia. Nós existimos com o único objectivo de otimizar o desempenho da vossa espécie. E esta é, acredite, a melhor optimização que se pode obter.

«É com uma máquina que falo... Por muito que tentem, nunca serão capazes de compreender. Para eles só existem zeros e uns. E este Projecto é um, Um, dos grandes... O que leva a concluir que temos sido um Zero até agora...»

– E vocês? Seguindo essa perspectiva e ponto de vista, acabarão por ficar sem trabalho.

– Certamente que não. É verdade que alguns de nós serão desactivados, mas o processamento do Projecto compensará tudo.

– E se cai um meteoro gigante, um acidente espacial... enquanto dormimos? – Fazia a pergunta que outros membros preocupados lhe tinham pedido que fizesse.

– Todos os sistemas são redundantes. Estarão abrigados a mais de Trezentos metros abaixo do solo. E a queda de um meteoro só se torna preocupante se destruir o planeta. De contrário não vos afectará.

«Pensaste em tudo, não foi?»

E agora Humberto afastava-se sob a chuva. E com ele tudo o que até então conhecera.

CRINAS AO VENTO

Cavalos Selvagens

Com um trote calmo e seguro, percorrendo Prado a Prado os caminhos do seu Mundo plantado de verde, embelezado pelo azul celeste de um Céu imenso e límpido, e pelo azul marinho que começava onde grande parte das planícies terminava, foram chegando ao local escolhido para a importante assembleia, uns em grupos nunca muito numerosos e outros isolados, os Cavalos Selvagens, oriundos dos diferentes Prados da mesma Campina. Longas e elegantes crinas brancas que flutuavam conforme o vento lhes dava de feição, num agitar permanente de bandeira hasteada em prol da liberdade de pensar e de fazer, cabeça erguida olhando ao longe, um olhar fixo em frente e sem receio, contemplando as Planícies que atravessavam, todas elas pertencentes ao mesmo Mundo. Era talvez uma espécie de desafio àqueles que ameaçavam os seus Prados verdes e belos, mostrando que nada temiam e tudo faziam pelo bem comum. Trocando em coordenação combinada, o grupo de Cavalos Selvagens entendia-se muito bem, e mesmo tendo diferentes origens de nascença, tinha o mesmo sentido de pertença e a mesma origem cultural e identidade de união, sendo todos população das Campinas do mesmo Mundo, que assim os unia pelo objectivo comum.

Que bonito era vê-los trotar seguros de si e dos seus instintos. Notava-se no ar um grande sentido de solidariedade, e a sua coordenação de movimentos fazia daquela cavalgada um quadro digno dos melhores pintores poetas ou músicos, já que pintura, poesia e notas musicais, era todo o alvo conjunto que orgulhosa e garbosamente se dirigia para o mesmo local. Sem estranhos por perto. Assim tinha sido previsto e combinado, e assim se estava a cumprir, os brancos Cavalos Selvagens ali estavam, preparados para reunir em assembleia iniciando a marcha pela libertação do seu Mundo, chefiado há já muito tempo por um cavalo enlouquecido, que tendo esquecido os valores mais altos da espécie e não mais se preocupava em saber se as populações que não via eram ou não felizes, se estavam ou não satisfeitas com a sua chefia, e assim, numa constante cerca de ideias e de ideais, proibia a população de viver, de trotar, e de galopar livremente pisando as ervas verdes que eram pertença de todos. E os Cavalos, que de selvagem apenas tinham a sua ânsia de permanência no espaço livre que era seu, possuidores de um desejo enorme de respirar ar puro, queriam para, no sempre eterno, galopar delirantes pelas ervas da Campina, sentindo inebriados o aroma e a alegria de ter nascido ali, naquele campo, que fora no antigamente, local de tantas outras heróicas galopadas. Era assim que lhes tinham contado os seus antepassados, era desse mesmo modo que os seus feitos lhes eram transmitidos pelos seus bravos antecessores, na linguagem bravia, universal e bela que só os puro-sangue percebem e perpetuam através da memória intemporal de todos os espíritos que se querem libertos de arreios e freios inúteis. Acenando e gesticulando uns aos outros e de uns para os outros, por vezes trotando sem pressa em demasia, sempre agitando as belas crinas longas e brancas, mostravam em conjunto que os gestos de carinho eram também gestos de confiança, Aqui estou amigos, Aqui estamos companheiros.

Escondido e protegido, está o cavalo que enlouqueceu, velho e deste Mundo arredado, que teima em nos manter fechados na Campina limitando-nos às fronteiras imediatas de cada Prado. Com a sua manada de outros cavalos loucos, vai-nos tirando as crias, deixando que apenas o triste olhar sem brilho permaneça na Campina, onde já nem potros nem adultos, se conseguem assumir como Cavalos com ideias, força, individualidade e afirmação. É preciso terminar, é preciso que esse cavalo velho e louco deixe de mandar sozinho na Campina que a todos pertence, só assim viveremos em liberdade no nosso Mundo, e com ele, todos os outros enlouquecidos. Nós aqui estamos, prontos para tudo começar de novo. Queremos fazê-lo com pureza renovada e com vontade renascida, para que se possa de novo galopar por entre as papoilas da primavera e por entre as espigas estivais, atravessando todos os Outonos ao cair das folhas tardias.

Assim se reuniam os brancos Cavalos Selvagens, e assim transmitiam uns aos outros a sua vontade de mudança, e tanta vez o fizeram, coordenados e decididos, que um a um foram dizendo da sua razão de estar ali, da vontade que tinham de partir em galope e à desfilada, até à meta que pretendiam atingir.

– Eu venho de uma região a Sul do Rio Grande, de um Mundo de camponeses escondido entre densas nuvens cinzentas e muitas vezes negras, ou endurecida pelo sol indiferente que aquece o espaço onde se chora, e onde se luta pela conquista ingrata do pão numa batalha diária de batidas ritmadas de alfaias, que na maior parte das vezes apenas produzem migalhas. Da Campina de onde venho pouco se fala da loucura do cavalo velho, e aquilo que se fala é por medo ou ignorância, de algum respeito e admiração como se tal fosse um justo e um benfeitor,

de quem todos precisam e por ele se sentem protegidos. Certa vez, há já algum tempo, um de nós, dos que habitam aquela parte do Mundo, falou do velho cavalo enlouquecido, e tão bem ou mal o fez que passados dias, nem sei bem quantos, chegou pela calada da noite um estranho grupo às escondidas, sem barulho nem alarido, nem aviso nem licença de entrar, como se da casa fossem donos e daquele sítio senhores. Entraram sem bater, e ao sono o arrancaram sem sequer lhe dizer porquê e para onde, e foi à força sim senhor, que o levaram, e nós só mais tarde soubemos, já o sol despontava e o dia clareava, do inesperado acontecido, e todos acompanhamos na dor o grupo familiar que chorava. Dizia-se, constava-se lá, por um viajante que ali passou mas que partiu de repente, que aqueles que eram assim levados eram depois fechados e batidos e torturados, alguns até numa ilha, de onde só dificilmente voltavam, mais por arte que por perdão. Ficou assim a nossa parte de Mundo entristecida pelo Companheiro desaparecido, e mais medo então apareceu, mas alguns de nós, que ouvimos com atenção a conversa do tal viajante fugaz, quebrámos um dia o silêncio e perguntámos uns aos outros querendo ter a certeza de que estaríamos do lado certo, se era justa tal viagem forçada do nosso Companheiro, sabe-se lá para onde, se nem sequer lhe disseram porquê, nem quando o trariam de novo. E todos estranhámos – ainda que de fraco saber, pois conhecimento pouco temos, mas temos o mesmo sentir daqueles que muito o assumem – que dizendo a verdade, e tão bem dita ela foi e justo que estava sendo, tivesse sido levado, ainda que muito chorasse e perguntasse que mal havia feito. Riram-se os do grupo, e enquanto riam desdenhados, à força bruta o empurraram, e foi assim, que não mais o voltámos a ver.

– Venho de uma Campina a norte das margens do Rio dourado, embelezado pelas encostas escarpadas, cobertas de plantações maravilhosas que produzem saboroso e doce néctar que

todos os Mundos conhecem, e que a alguns dos quais, o nosso deu origem. Muito galopei para aqui estar, mas valeu contudo a pena pois me disseram que estaria entre amigos, e assim o constato, e é entre amigos que quero partilhar os meus sentimentos e dizer o que se passa por lá, naqueles Prados, também dominados por cavalos dementes mandados e ouvidos por esse outro enlouquecido que estagnou junto ao estuário do Rio Grande. É verdade que gostaríamos de ser donos dos nossos Prados, mas respeitamos regras e limites, e queremos ser nós, todos por igual, a escolher quem queremos que mande e que oriente este nosso Mundo. Não percebo como é que nós, Cavalos com tão longa descendência, com tantas histórias para contar, que tanto galopamos por esse Mundo fora, que fomos até aos seus quatro cantos, supondo que era quadrado mas não é, pois quadradas me parecem cada vez mais as nossas mentes, pelo menos têm-no sido até agora, as nossas, ou as de alguns daqueles que nos deram origem. Não basta galopar pelo Mundo hasteando alta a bandeira pelas planícies percorridas, não basta transmitir-lhes hábitos e espécies, não basta que a cruz de Cristo seja vista a oriente e a ocidente, no sul e no norte, não basta erguer castelos em costas de longínquos continentes, nem basta meus amigos, lembrar passados de glória, ou recordar as batalhas vencedoras. É preciso – tome-se bem conta do que digo, pois também para mim o faço – acordar as nossas mentes ensonadas, agitar o nosso adormecido vigor, traçar caminhos novos para também novos rumos e fronteiras atingir. Procurei estudar e interpretar a nossa História, para compreender e enquadrar os seus feitos. Não percebo por isso, como nos deixamos adormecer ao longo de todo este tempo. Onde estão os nossos aventureiros mareantes, onde está a força da nossa bandeira, que é feito da memória documental dos castelos erguidos pelo orgulho da Planície? Não basta ser puro-sangue nem Cavalo Selvagem, é preciso lutar pela

preservação da espécie, é preciso desfazer as ideias préconcebidas do comodismo fácil, do sim senhor amém, dos sorrisos complacentes, dos dorsos curvados ao peso da vergonha, é acima de tudo preciso acordar o Mundo onde vivemos, toda esta extensão de verde-mar que tantos dos nossos antepassados engrandeceram e que agora está esquecida e adormecida na comodidade fácil do sono dormido. Lá, de onde venho, não se percebe o torpor, não se entende o porquê, não se compreende o baixar de cabeça de uma Planície que foi um dia lutadora, dessa população ousada que deu novos Mundos ao Mundo e que agora se isola desse Mundo, vivendo ao sabor das recordações quinhentistas que não estamos a merecer. Era isto, apenas e nada mais, aquilo que tinha para dizer, a decisão da grande galopada cabe tomá-la em conjunto, na certeza porém que aquilo que fizemos, o faremos por nós e por todas as gerações vindouras. Mas não devemos esperar contudo reconhecimento algum, de ninguém, nem temer tão pouco, condenações. Acreditem que só a história nos irá julgar um dia, e reconhecer ou condenar o nosso feito. Espero que o saibamos fazer bem, e que um dia por bem feito seja reconhecido.

A assembleia ouviu, e todos os seus membros coraram baixando a cabeça sensibilizados com o discurso daquele que vinha da região a Norte das margens do Rio Dourado. A assembleia escutou e os seus membros baixaram o olhar com tais palavras de sapiência de clareza e de vontade. A assembleia escutou e calou fundo as palavras que ouviu, e sem vozes que continuassem, porque só o silêncio se ouvia, sentia-se o respirar pesado de todos os puro sangue ali reunidos, perturbando o silêncio forçado pelo discurso daquele que vinha do Norte. Que lição de grandeza e de coragem, que lição de luta e de insatisfação. Não

havia dúvida, o Mundo em que viviam estava adormecido há muitos anos, e talvez se, se tivessem juntado há mais tempo muitos Insatisfeitos como aquele, o adormecimento já tivesse terminado e já tivesse acabado o torpor em que todos se tinham deixado envolver. A assembleia engoliu em seco mas reconheceu que tinha merecido a lição, reconheceu que precisava ser espevitada, abanada, agitadas as mentes, e isso bastou para os que ali estavam ainda em dúvida sobre o caminho a seguir, bastou para os que, embora concordantes com o desejo de mudança, não acreditavam ainda na sua capacidade para tal. E as longas crinas agitaram-se e disseram, Sim, e concordaram com o caminho a seguir, e levantando a cabeça admiraram o do Norte, e abrindo os olhos aplaudiram-no, e fizeram-lhe perguntas a que ele respondeu colaborador e satisfeito por ter sido de agrado o discurso falado, cumprimentaram-no, disseram-lhe, Sim, de novo, prometeram-lhe que as suas palavras não seriam esquecidas nem as suas ideias menosprezadas, e que o seu entusiasmo seria transmitido um a um, pelos que estavam, e pelos que não estavam mas que viriam certamente em próximas assembleias. Ouviram-se vivas aos do Norte, aos do Sul, à assembleia, à Campina, à igualdade, à justiça e à liberdade.

– Eu venho do Planalto que fica no alto das colinas a que chamam Entradas do Sol, lá, onde do cimo se vêem os loiros raios nascer, e se mira, deslizando, o Rio Grande que vem de longe e atravessa terra estrangeira espreguiçando-se pelo Mundo, curva aqui curva acolá, beijando com suavidade doces e suaves margens que de quando em vez, a curtos espaços se transformam em meigas praias, pequeninas e aconchegadas onde, à falta do grande mar, ali mesmo sentimos quando o calor aperta, doce frescura ribeirinha, apreciando ao mesmo tempo as águas que são também grande fonte de riqueza, embora às vezes, também de tragédia quando o astro se enfurece. No alto dessas colinas –

prosseguiu – e com todos os seus recursos, podemos combater o cavalo enlouquecido, depois de delineada a mais correcta forma de luta e também o método mais eficaz. O meu plano aqui o vou deixar, para correcção do que estiver mal e o que for entendido por mal ou incompleto até, que nem eu nem ninguém, e eu de todos sou só um, temos o dom da verdade pois nem todos sabemos tudo. Mas sei que temos de acabar com a guerra nas outras Campinas do nosso Mundo que ficam além longe, que temos de banir os baixos e mesquinhos interesses que de honestos nada têm, em favorecer alguns sem escrúpulos a troco de frequentes favores; faz-me isto, terás aquilo, dou-te muito, que me dás em troca.

A assembleia escutava atentamente o oriundo do Planalto que ficava no alto das colinas de onde se via nascer o sol, e se admirava o deslizar do Rio Grande. Admiravam-lhe as palavras, a sensatez, a pureza dos intuitos, a sua ânsia e fé no projecto em discussão. Era um sábio, assim diziam alguns, todos os que ali estavam tinham vontade de lutar, tinham vontade de mudança e também a força da razão, mas aquele ali no seu canto, sem lugar de destaque, sem palanque nem tribuna, prendera por inteiro a assembleia pela força das suas palavras, pela lógica do seu raciocínio, e sobretudo pelo seu olhar azul marinho, sincero, que só de vê-lo se acreditava na pureza das suas intenções.

– É no entanto ponto de honra – continuou – que depois de afastado do poder o cavalo louco, voltemos de imediato ao nosso Prado, a galopar na nossa Campina, deixando para outros mais habilitados a orientação do Mundo. Que nem um só de nós, assim

o digo e assim o penso, se sinta inclinado a meter-se nos meandros de poder depois que afastado seja o cavalo louco. O nosso papel é este e este apenas: Honrar o Mundo, respeitar quem quer correr pelo Prado e quem quer repousar sob as ramadas das nossas árvores, corrigir os desvios da loucura, acabar com as tragédias de além longe que tantas lágrimas fazem correr aqui no nosso Prado, na nossa Campina e no Mundo que os valorosos antepassados nos deixaram e que deles herdámos por direito. Direito e dever temos então em restaurar esse bem-querer, em fazer sorrir de novo e sem medo os potros que nos encham de alegria. É preciso saltitar, trotar e galopar, mas há que fazê-lo dentro dos limites que cada um de nós a ele próprio deve impor. Olhemos a nossa história, olhemos a bravura dos heróis, lembremo-nos todos dos que, *“novo reino tanto sublimaram”*, mas não nos esqueçamos também que, *“alguns traidores houve algumas vezes”*. E como esses que traíram o Luso Mundo onde o Guerreiro Sonhador sucumbiu só por traição, não sucumbamos nós por ambição e também por gula de ter aquilo que agora condenamos. Assim falo e assim penso, que o pensar é livre de se exprimir, hoje neste Prado, mas amanhã também em todo o lado; seja livre o grito de se ouvir pelo Mundo, e façamos em pureza aquilo que outros fizeram em esperteza.

A assembleia dos Cavalos Selvagens permaneceu totalmente calada ouvindo até ao fim, e disse no final do discurso daquele que viera do Planalto, Que bem falou o Companheiro do alto das colinas, que grande é o valor, a clareza de ideias e a sua força motivadora, se dúvidas tínhamos para galopar contra aqueles que nos tiranizam, certezas temos agora de vencer esta apatia, este adormecer de vontades que deixámos dominar, esta falta de rigor e de querer Ser, este acomodar complacente e adormecido.

E todos levantando de novo a cabeça, agitaram e contraíram o corpo, e olharam o céu azul, e ondulando as crinas brancas cheiraram o aroma da liberdade.

Os Cavalos Selvagens voltaram a reunir-se, uma e outra vez, e outra ainda, os do Norte com os do Sul e os do Sul com os do Norte, o Mundo ganhava nova vida e os Prados lentamente ganhavam mais cor, mais entusiasmo, mais alegria e vontade de viver, e de cada vez que se reuniam era maior a assembleia e também maior o seu entusiasmo. O do Norte voltou sempre, o do Sul voltou sempre, o oriundo do Planalto voltou sempre e tomou sempre a palavra, e bateu-se sempre pela pureza da luta que deveriam travar. Todos juntos traçaram a estratégia, combinaram os métodos e as datas, as formas e os caminhos. Todos juntos ensaiaram soluções, prepararam os desenhos e os apontamentos, elaboraram os estudos de situação sabendo que o tempo já era pouco, tinha de ser na primavera do ano seguinte. O Mundo precisava de voltar a viver uma primavera em liberdade, com novas papoilas e com novos cravos, com maior contraste entre o vermelho e o verde e com maior pulsar de vontade. Partir e conquistar, gritar e proclamar. Sentir.

Todos sabiam que aquele era já um caminho sem regresso, que agora não podia haver qualquer tipo de receio, agora era o tudo ou o nada, morra o Ser mas fiquem os feitos, que um Ser quando È, não morre nunca. Não falhariam, e se falhassem, outros viriam e voltariam a reunir naquele ou noutro Prado, mas sempre pelo bem da Campina, sempre pelo anseio de liberdade, pelo anseio de emitir bem alto o som característico da raça, cristalino e agudo: o relincho dos Cavalos. A verdade do sonho voltara sentida tal como a vontade da grandeza de nascer livre. Içaram em cada mente uma bandeira e emitiram de novo o mesmo Grito em conjunto, e aquele som estridente voltou a fazer-se ouvir. Fecharam os olhos e viajaram pela aventura do dia seguinte, e cada um deles viu o futuro e cada um deles foi feliz, e todos foram

felizes que a felicidade é bem mais bela quando é colectiva. Enrolaram-se os papéis, votou-se a hora e definiu-se o chefe. Estava quase, dentro de muito pouco tempo o Mundo iria honrar a grandeza do passado, e relançar o futuro numa vontade de sonho retomada.

MÁQUINAS

Do Outro Lado, Sobreviver

Num domínio de loucura ou numa terra de loucos, quem é mais louco? O Louco, ou aquele que julga não o ser?

O vento circulava e soprava livremente por entre as ruas desertas, empurrando os pequenos objectos que encontrava pelo caminho. Por vezes, ao dobrar uma esquina, conseguia ouvir-se o seu riso, fantasmagórico. Isto é, conseguiria ouvir-se... se houvesse alguém para o fazer.

Não se viam, como outrora, automóveis e movimento nas estradas. Não se viam os peões a circular de um lado para o outro, com mais ou menos pressa, mais ou menos atarefados. Nem se ouviam, perto ou longe, os característicos ruídos citadinos. Nada se ouvia a não ser o riso do vento.

Os edificios desertos, as lojas vazias... Os painéis electrónicos de informação anunciavam grandes espectáculos... de há meses atrás. Nem sequer se via um simples Engenheiro de limpeza, e no entanto, muito ali teria que fazer. Aquela era uma cidade fantasma. Contudo, não tinha fantasmas.

Mas, se não se via nada nem ninguém, também era verdade que, à parte o lixo acumulado – certamente vindo de outro qualquer local – tudo parecia estar em ordem. Todas as portas estavam fechadas, tal como as janelas. A totalidade das lojas exibia o típico cartaz, «Encerrado». Parecia que toda a população tinha partido. Mas não tinha, embora parecesse que sim.

Descendo ou subindo as avenidas o panorama era sempre o mesmo, quer fosse dia ou noite. Mas de noite era obviamente mais assustador porque não havia iluminação. Nem tinha que haver. Quem iria iluminar?!

Enquanto o vento contornou nova esquina, um assobio sibilante voltou a não ser escutado e, por entre as ruas desertas da cidade, continuou indiferente a assobiar por entre o vazio e o nada.

O homem entrou e a porta fechou-se de imediato atrás de si, sem violência. Sem perda de tempo, dirigiu-se por entre corredores e portas até chegar a uma sala onde já se encontravam outros homens e outras mulheres. Três deles envergavam fatos cinzentos com listas cor de laranja nas mangas; quatro outros, túnicas verdes; o oitavo membro que se encontrava na sala, vestia uma túnica amarela e, por último, o que acabara de entrar, tinha vestida uma túnica azul-claro.

– Bom dia meus senhores e minhas senhoras. – Disse Humberto dirigindo-se à pequena assembleia. Estamos todos?

– Sim, estamos. – Respondeu um dos Engenheiros que vestia túnica de cor cinzenta – aguardávamos só a sua chegada para dar início à reunião. Humberto sentou-se também e prosseguiu:

– Muito bem, estou pronto. Podemos começar?

Como ninguém disse que não – também ninguém disse que sim – Humberto deu início à reunião.

– Primeiro ponto que interessa desde já definir: Temos que formar um grupo de trabalho empenhado e eficaz, que consiga reunir toda a gente. Julgo que os membros Catarina e Gil conseguirão resolver isso.

Catarina acenou que sim, concordando. Gil não acenou, mas falou, confirmando também o seu acordo:

– Claro que sim, penso até que não será uma tarefa complicada. A grande maioria já se dirige para cá.

– Ótimo. – Humberto parecia realmente, satisfeito – Passemos então à questão seguinte: Temos de verificar se há espaço para todos. Engenheiros? – Humberto olhou para os andróides.

– Como os novos habitantes – começou por dizer o Engenheiro identificado como Alberto 974 – são na sua grande maioria pessoas sem família constituída, não existem acomodações para todos, teremos por isso de ampliar a zona sul da cidade o que, contudo, já estava previsto. Levaremos dois meses e cinco dias para concluir as obras.

– Sempre apreciei essa vossa objectividade de calendário. – Humberto estava divertido – O que nos leva de imediato ao tópico seguinte: Que fazer com eles? Precisamos de outro grupo para proceder sequencialmente à reintegração social. Norton e Gonçalo, é convosco.

Tanto o homem que vestia túnica de cor amarela, como o que vestia túnica de cor verde, concordaram sem hesitar.

– A Comissão Governativa Temporária será constituída por dois Engenheiros e dois Membros-Conselheiros. Quando todos estiverem instalados e distribuídos, faremos eleições – acrescentou Humberto.

O grupo continuou a olhar para Humberto como se ele se tivesse esquecido de dizer alguma coisa. Apercebendo-se, Humberto levantou-se e passou em volta do sala, seguido pelo olhar interessado da assembleia.

– Vejamos... Eu sei que tudo isto parecerá muito estranho ao princípio. Muitos de nós perdemos bons amigos mas, e procurem ter isto sempre presente, tomámos a decisão certa. Somos donos do nosso destino. Temos que continuar em frente custe o que custar. E só o conseguiremos se todos cooperarmos.

– Raios, Humberto! – Quase gritou Norton – Não é preciso lembrar-nos disso. Todos faremos o melhor possível.

Humberto tentou sorrir. Mas muita da energia inicial desaparecera.

– Obrigado, Norton... teremos obrigatoriamente que o fazer, somos o que resta do Conselho. Se mostrarmos qualquer sinal de fraqueza, esta sociedade não aguentará muito mais tempo... E mais cedo ou mais tarde, seremos todos assimilados – Humberto olhou para os três Engenheiros, estes permaneceram calados, era-lhes indiferente a reflexão – Vamos ao trabalho então. E, lembrem-se, nem mais um humano para o Banco de Dados! – Concluiu.

Construir

Era ainda madrugada quando a equipa de trabalho chegou ao local. Um vasto terreno plano e arenoso estendia-se à sua frente. Atrás deles, lá ao longe, era possível vislumbrar as formas rectangulares das construções citadinas. Tinham feito uma grande caminhada para chegar até ali.

Nascer-do-sol.

As máquinas estavam paradas, à espera. Parecia que se lhes tinha acabado o combustível, ou que tinham avariado em simul-

tâneo. Então, subitamente ganhando vida, todas as guas, camiões, escavadoras e cilindros começaram a trabalhar, em movimento ritmado e contínuo. Sincronizadas e cooperantes iniciaram a sua tarefa, nem contentes nem tristes, indiferentes apenas.

Cada grupo de trabalho era controlado por um Engenheiro, vestido com o tradicional fato de cor cinzenta com listas cor de laranja. Um helicóptero sobrevoou toda a área e desapareceu de volta à cidade.

Grandes buracos e valas estavam já abertos quando começaram a chegar os camiões. Eram de dois tipos distintos: Uns transportavam qualquer coisa que se assemelhava a betão, mas cuja textura e resistência era muito diferente, e os outros assemelhavam-se a autocarros, transportando no interior vários Engenheiros. Foram estes últimos que, descendo das viaturas que os transportavam, iniciaram uma metódica campanha de construção. Utilizando um vasto leque de ferramentas e o material dos outros camiões, começaram a erguer pequenos pilares, vigas, paredes-mestras, muros e outras construções básicas de estrutura. Ao longo de todo o terreno de construção, tal como fora desenhado, a nova parte da cidade tomava forma.

Potentes holofotes que cada camião transportava iluminaram as áreas circundantes. Não que isso fosse necessário para os Engenheiros, – esses viam no escuro – mas a presença humana que observava de longe o andamento ritmado dos trabalhos, não dispunha da visão otimizada dos andróides. E assim crescia uma pequena e nova cidade. Trabalhando noite e dia, com sol ou sem ele, à chuva e ao vento, os servos mecânicos, os obedientes Engenheiros, erguiam casas e estradas, destinadas àqueles que se tinham afastado do Projecto. – Os Insatisfeitos – Não sabiam fazer outra coisa.

Pôr-do-sol.

O CONDENADO

Ninguém (O pôr-do-sol)

Era um quadro já pintado inúmeras vezes, aquele que Ninguém e Esperança contemplavam embriagados de prazer. Os dois sentados lado a lado na fina areia da praia, deliciavam-se com a beleza dos raios do sol dourado que se estendiam numa obliquidade longínqua mas avistada, estabelecendo um esplêndido contraste com o azul do mar calmo e sereno. Fascinados com os reflexos que os raios arrancavam à água límpida e calma, numa simbiose perfeita de cor e harmonia, que conjugadas com a saudade de Ninguém e o mistério de Esperança, criavam no local uma magia intensa de sonho e ilusão, aproximando em segundos o real ao imaginário, imaginando que podia ser real aquilo que talvez não passasse de mera fantasia em galope pela areia delirante daquela praia de cambraia, como uma manada de Cavalos Selvagens sem rédeas nem freios, nem limites nem fronteiras, nem partida nem chegada. Apenas os dois, junto do mar e do azul, sentindo o aproximar de vontades, a fusão de fogo e água, numa mistura de quente e frio em longo beijo de paixão, lento, lentamente, onda a onda, lá ao longe sobre as águas. Os dois de olhar

ausente, maravilhados pela beleza do quadro que cada um ia pintando à sua maneira sem que nenhum perturbasse ou ignorasse o outro, em profundo respeito por reflexões e recordações. Mesmo sabendo a resposta, Esperança quis confirmá-la.

– Meditas?

– Meditava sim, mas recordava sobretudo a véspera do dia que algum tempo – pouco – mais tarde me haveria de ficar para sempre gravado na memória... Foi numa tarde assim calma como esta, que imaginei e sonhei o dia seguinte, em que a Sociedade que queríamos renovar, pudesse voltar a ser Sociedade libertada.

– Foi muito agitada a véspera desse dia?

– Foi menos agitada que o dia seguinte, em termos físicos, claro, já que interiormente sofri um desgaste muito maior. Efectivamente a tentar parecer calmo, mas permanentemente agitado pelas horas que se viviam eternas e sem passar. A noite que teimava em não chegar, o nervosismo do acerto dos últimos pormenores, as alterações de última hora, o telefone a tocar, os mapas estendidos, a táctica traçada, a coragem que receava faltar, a determinação que não poderia falhar, e...

– De entre tudo isso, há algo que nunca até agora referiste, nunca te sentiste dominado pelo medo?

– Não, não era propriamente o medo aquilo que mais sentia, o medo estava dominado havia muito tempo, não podia ter medo de ser livre, tinha apenas receio que qualquer acto ou pormenor mal calculado e preparado, pudesse pôr em causa o plano traçado e não houvesse depois, da minha parte ou da dos outros, motivação para tentar de novo; era demasiado importante não falhar.

– E contudo falharam, algo certamente previsto, mas que não estavam de todo à espera, e se não tivessem falhado?

– Tínhamos acima de tudo um dever a cumprir, e de qualquer modo já nada, nunca mais, seria como antes, já estava criado o espírito da revolta, e renascido o descontentamento onde a von-

tade de mudança era muito, muito grande e determinada. Contra a injustiça, e contra o bem-estar virtual em que nos queriam fazer acreditar. E eu te garanto. Esperança, quem quer que sejas, e de onde quer que tenhas vindo, que a seguir a nós outros virão, e um dia alguém vencerá de certeza.

– Sei que o vosso grupo não era muito grande, muitos não quiseram mesmo aderir à revolta, e alguns, aderindo na sua preparação e nas operações do primeiro dia, alteraram a partir daí a sua posição...

– Sim, talvez, mas outros viriam e virão. Outros reconheceriam, como reconheceram, o quanto estavam errados, aceitando viver virtualmente numa Sociedade sem perspectivas de sonho ou com sonhos forçados. Mas como sabes tu tantos pormenores da nossa revolução falhada, apenas dois ou três de nós conheciam todos os pormenores!

– São muitas as coisas que sei, não menosprezes as minhas fontes nem a minha origem, mas diz-me por ti mesmo, procuravam poder ou apenas mudança?

– Pessoalmente, sempre me bati e assim o fiz constar em todos os encontros, pela pureza da intervenção que preparávamos, pela não intromissão em áreas que eram apenas paralelas à revolta, – a governação – e paralelas deveriam continuar, o meu papel, o nosso papel, deveria ser estritamente de natureza operacional; libertar e recolher, limpar e deixar livre, acabar com o mal para que outros comesçassem com o bem, outros haveria seguramente, dessa área mais sabedores e capazes, para conduzir os destinos duma terra e concretizar o sonho de uma Sociedade.

– Reconheces com certeza, que muitos deles mudaram de opinião e agiram de outro modo, nem todos foram como tu.

– Apenas tentei continuar a ser o mesmo que sempre fui e disso tenho plena consciência, mas apesar do exílio em que me encontro, para onde me enviaram sem hipóteses de voltar, aqui

onde me encontrei e me vê, Sou e continuarei a ser Eu, independentemente de tudo o resto e de todas as consequências. Acredito ainda que um dia tudo mudará, algures no tempo e em qualquer lugar, alguém se encarregará de ir mudando o curso da história. A força de vontade de cada um em colectivo, é superior ao sentido de posse de qualquer conjunto desagregado.

Pela estrada calma e quase deserta do árido e agreste Mundo, inundado pela avareza das águas que o transformaram em duro solo, gretado e estéril, ainda que rico e produtivo se bem tratado, quando, pela melhoria atmosférica o podia ser, deslocavam-se serenos e anónimos rumo à casa velha, o grupo de Insatisfeitos, que alguém um dia apelidou de, Cavaleiros da Liberdade.

No monte, escondido entre as ramagens de sobreiros e de azinheiras frondosas, longe do bulício dos grandes centros populacionais como os da cidade, e protegidos dos olhares sombrios e indiscretos dos curiosos e dos infiltrados, dos ingénuos e dos arrependidos. Ali, como das outras vezes, chegavam um a um ou dois a dois, sem lista prévia nem chamada de confirmação, nem controlo nem visto de entrada. Sentaram-se junto aos cantos do grande salão; ao centro em pequenos e toscos bancos; encostados às paredes nuas, ou livremente onde calhou, conforme os lugares disponíveis, ou onde acharam por melhor, segundo a intenção de ouvir ou de falar, tendo em atenção o que tinham para dizer a todos em geral e ao Conselheiro em particular.

Depois de alguns o terem feito, foi a vez de Ninguém também falar, e da sua boca saíram fluidas palavras de sabedoria, verdadeiras mensagens de força e magia que convenceram os hesitantes e reforçaram a crença dos decididos. Depois de Ninguém, o Conselheiro falou, e da sua boca saíram palavras de certeza e

de prestígio que convenceram ainda mais os hesitantes e animaram os decididos; todos gritaram, “Chega”, todos exigiram, “Basta”. Controlaram o ruído – a euforia é má conselheira – embora a zona envolvente fosse isolada, há sempre que contar com o passo a passo da traição que sempre espreita, ou do acaso imprevisível, e eles, os Insatisfeitos que alguém mais tarde apelidou de Cavaleiros da Liberdade, que ali se reuniam em assembleia clandestina, não podiam desperdiçar a oportunidade que muito em breve surgiria, só porque lhes apetecia gritar e mostrar o seu entusiasmo. Esse dia viria, sim, mas a seu tempo e na hora apropriada.

Ninguém, voltou a falar depois de lhe terem pedido para o fazer, o Conselheiro anuiu permitindo-lhe novamente o uso da palavra, e de novo todos se calaram, e nem um insecto se ouviu zumbir na quietude do rústico salão. Ninguém, sentiu-se observado, e temeu que a vaidade de ser centro das atenções deturpasse o sentido das suas palavras. Inspirou fundo, olhou toda a assembleia olhos nos olhos, e um a um sorriu a todos em geral, e disse, acentuando cada palavra que falava:

*“... Eu vim de longe, do obscuro e da magia, e da escuridão existente...”*⁴.

– Sou um homem de origem humilde. Na terra onde nasci, sempre se lutou mais pela sobrevivência que pela vivência, e sempre cada pedaço de alegria foi conquistado com dor. Cresci na ignorância pura de que vivia num espaço e numa Sociedade onde a justiça era verdade e o sonho era possível. Concordo que colaborei na ilusão, tal a demora no entendimento dessa crua realidade. Mas um dia acordei, e subitamente apercebi-me da ilusão e do cinismo, do ódio e da mentira. Ainda assim, num acto de pura ingenuidade, caí na mesma armadilha e sou como todos, aquilo

⁴ Paulo Filipe, *Miragem*.

que se pode facilmente constatar; um mero peão às ordens de máquinas poderosas e dominadoras sem direito a ter vontade própria. Aquilo que sinto, é um desejo enorme de justiça e de mudança, e uma vontade louca de dizer não, quando me obrigam a dizer sim.

Ninguém, fez uma ligeira pausa e continuou no mesmo ritmo calmo e seguro que sempre caracterizava as suas intervenções.

– Não tenho porém a pretensão, nem sou utópico ao ponto de querer aqui e agora, que na sociedade onde vivemos todos tenham cravos e rosas no jardim, janelas para o mar ou beirais com trepadeiras, mas é mínimo e é de justiça moral e social, que todos tenham um jardim e uma janela onde trepe pelo menos a alegria de um olhar por ter um tecto onde dormir, uma cama onde sonhar e um espaço onde pensar. O espaço que todos ganharam ao nascer e que alguém se encarregou de retirar ao crescer. Assim se coloca a pergunta: Quem, que não podendo dar vida se encarrega de tirá-la, e não podendo dar luz aos olhos, retira aos olhos a luz? É apenas uma questão de verdade, aquilo que quero ser. Não quero ser dono dela, nem admito que tenha dono, mas quero, isso sim, ajudar a encontrá-la. Já vi muitas vezes nascer o sol, mas nem sempre o vi brilhar. Vi muitas pessoas a sorrir, mas raras vezes as vi felizes. Vi também luto e vi lágrimas, sonhos desfeitos e amargura. Vi caixões e funerais e juventude perdida. Sozinho ao nascer do sol, em manhãs claras ou de nevoeiro, vi toda a Sociedade milenária, vi os heróis e vi a história, e vi todos os feitos de glória. Vi em fantasia e em sonhos, manadas de Cavalos Selvagens a galoparem à desfilada pelos campos verdejantes duma Nação que sempre teve a vontade por aliada e a razão por companheira. Basta de virtualidades e de vidas digitalizadas, e chega de caixas de pinho no cruzamento de Oceanos, de lenços brancos no cais, de madrinhas de regime e de chás de caridade. E chega sobretudo de faz de conta, do orgulhosamente sós, da troca dos de fora, de vidas inutilmente desperdiçadas e

enganadas em manobras de bastidores. Chega de incompetência! Todos os que aqui estão sabem o que querem ou pelo menos o que não querem. O tempo é um desenrolar contínuo de vidas, de emoções e de vontades, e depois deste outros virão, conturbados e certamente com tentativas de retrocesso por arrependidos ou saudosistas, mas isso é cíclico, é próprio da história. Teremos de compreender os aproveitamentos sociais pelo lado fraco do humano, e os jogos de bastidores pelo lado prático da vida, ninguém é ingênuo ao ponto de acreditar que vamos fazer maravilhas ou instaurar liberdade com varinha de condão, mas faça-se tudo com competência, utilize-se em tudo o bom senso, coloque-se sempre a pureza em detrimento da esperteza; e conduza-se a Sociedade de Reis e de Aventureiros ao sonho que um dia foi sonhado.

A assembleia aplaudiu ainda que nem um só ruído fosse escutado, apenas o silêncio se ouvia no meio de todos os aplausos, e nessa altura, no auge da apoteose espontânea, Ninguém, olhou, e viu que até o Conselheiro estava de cabeça baixa em sinal de concordância pelas suas palavras, era assim a sua maneira de anuir aos ditos; e as palavras de Ninguém, reforçadas e repetidas em ideias e conteúdo, convenceram por inteiro os hesitantes e empolgaram de todo os decididos, e depois cantou-se o hino, e no final do cântico, emocionados, todos se abraçaram e alguns choraram até, e outros calaram sem falar nem chorar mas sentiram também, lá mesmo no fundo de cada um, tal sensação e calafrio electrizante que num instante lhes arrepiou todo o corpo, por saberem que acabavam de escrever uma importante página na história daquele Mundo.

Fim do tempo quente, fim da prepotência e tirania, morte e vida, em sequência, tinham sido anunciadas.

«... Era com nostalgia que se recordava o dia de glória, e todos os dias de glória e todos os momentos de glória; os risos, as felicitações, os abraços e o temor que se sentira quando de madrugada se iniciara a revolta, “Quem está disposto a avançar”, e os presentes responderam, “Eu”, juntos e a uma só voz. Era grande o conforto de saber que aqueles que marchavam confiavam neles, os dirigentes da revolta, tomando-os como guias. Tinha temor de os conduzir ao insucesso, mas a alegria de os ver assim decididos só porque seguiam a seu lado, ou melhor, à sua retaguarda, ultrapassava tudo isso, e a madrugada rompia na primavera sombria, ainda, mas já por pouco tempo. O ruído na noite, ao passo e a trote, e o sonho a crescer ouvindo o silêncio das palavras junto com o bater desordenado de corações e de vontades. Esperança e fê, vontade e luta, e o iniciar do galope, e a madrugada a romper, e o programa a correr, não parar, não parar...

... Silêncio, quero ouvir o meu pensar, quero acenar ao passado nesta despedida sem retorno, este ir para não voltar, caminhantes da noite, madrugada de sucesso, o fazer da história, gravar páginas de glória. Esta noite é de vitória, aquela madrugada foi de vitória, e venceu, todos venceram, e com eles venceu a razão e o bom senso e o Mundo e a liberdade. Olhos semicerrados, não precisava de ver, só lhe bastava sentir, não precisava de guia, sabia onde chegar, “Oh madrugada de luz, que nesta noite de luar iluminaste este caminho, Silêncio que quero ver, Silêncio que me quero ouvir, este ruído de mim, esta marcha em movimento, vem e trás outro amigo... E vieram e trouxeram, e mais amigos vieram e ficaram, que a amizade nunca termina, sempre que o sonho se ilumina...»

CRINAS AO VENTO

Rubinaia (A galope)

Era de facto um caminho sem regresso, aquele que o grupo dos Insatisfeitos Cavalos Selvagens tinha decidido tomar. Quando se tomam decisões importantes como aquela, que pela sua abrangência afectam o colectivo de toda uma população, é vital para o bom sucesso dos eventos, não haver qualquer tipo de retrocesso. Qualquer hesitação ou inconfidencialidade de algum membro menos cuidadoso, pode deitar a perder algo que levou ou leva meses, anos, a construir. Desde o dia do primeiro encontro em que pela noite e ao ar livre, começaram em conjunto a preparar a revolta contra o poder dominante representado pelo cavalo enlouquecido, até à madrugada do dia marcado para a grande cavalgada, muitas assembleias decorreram nos vários Prados, Campinas e Planícies do Mundo a que pertenciam. A todas elas compareceram delegados de todo o território e lentamente, passo a passo, a Revolução tomava forma em objectivo e em conteúdo. A estratégia adoptada para a revolta tinha de ser bem preparada, sobretudo, cuidadosamente planeada e estudadas ao pormenor as diferentes modalidades de acção, era demasiado grave não conseguir concretizar os objectivos, já que outras oportunidades poderiam não surgir tão cedo, e aqueles que estavam envolvidos

na revolta não pretendiam nem podiam, adiar por mais tempo algo que tinha de ser feito sem mais demoras, pois começavam a correr rumores pelas Planícies de que algo de estranho estava a ser preparado, e os “guardiães do templo” já tinham levado, arrastados, alguns deles, encarcerando-os muito longe do seu habitat, numa ilha, onde construíram um grande cercado, propositadamente para aprisionar todos os que de algum modo se mostravam contra o poder daqueles que dominavam o Mundo sem respeito pelas vontades alheias. Para além disso, havia que libertar todos os companheiros que pertencendo ao grupo de Insatisfeitos, e por terem sido descobertos pelos polícias do regime, que também os havia entre os cavalos, ou denunciados por outros com menor integridade ou valor moral – e também havia alguns – que a troco de insignificantes mas enganadoras promessas, se não importavam com o bem comum, preferindo o bem-estar próprio, já tinham sido há meses, ou anos até, arrastados e amarrados a correntes, para o interior da cerca que ficava na ilha distante onde se prendiam os que não estavam de acordo com o cavalo enlouquecido e seus apoiantes. Para que mais nenhum dos membros da comunidade fosse aprisionado por tais motivos fúteis e injustos – nem descobertos, nem por denúncia, – ou mesmo para que se não tivesse mais receio de trotar em liberdade por entre todos os Prados que habitavam, se preparava com muito cuidado, havia algum tempo, a revolta daqueles a quem chamaram um dia e com inteira justiça, os Insatisfeitos Cavalos Selvagens.

O grupo dos Cavalos Selvagens fora acordado durante a noite ainda nem a madrugada rompia, um deles tinha sido encarregado de o fazer quando chegasse a hora. E foi o que fez, entrou subitamente no cómodo onde todos dormiam e com som enérgico e decidido, chamou todos em geral, e cada um em particular quando notou que não tinham ouvido o seu chamamento. Todos suspei-

tavam que a grande cavalgada estava para breve e por isso nada estranharam. Levantaram-se subitamente, assentaram decididos os membros no solo, sacudiram primeiramente a cabeça e em seguida todo o corpo, retesaram os músculos, precisavam agora da máxima energia, e começaram a sair enfrentando a noite, respirando o ar frio da madrugada e a sensação que sentiram deulhes acrescido alento. Ao mirarem no universo o céu estrelado, ergueram o garboso pescoço e os compridos cabelos brancos das suas crinas caíram sobre o dorso como alvas cascatas de água pura que corria tão selvagem pelos vales, como eles corriam pelos Prados, libertos de barreiras. De entre todos, surgindo sem ser notado e de posição não determinada, um avançou e de pronto se destacou. Já quase todos sabiam quem era, ou pelo menos suspeitavam de quem os iria conduzir na noite da grande cavalgada. Era então Aquele o chefe, estava confirmado, e em conjunto respeitaram a justeza da escolha, mas ao vê-lo ali em frente, como um deles, igual e nada diferenciado, Companheiro que era, tornou-o ainda mais distinto. Respeitaram-lhe a subtileza e vivacidade do olhar, a segurança das acções e a certeza do querer. Quando o escolhido os olhou de frente e fez a primeira avaliação sobre o estado de espírito de cada um, para se certificar que nenhum iria retroceder, todos baixaram a cabeça em sinal de respeito pelo chefe, e as longas crinas brancas varreram o chão, assim permanecendo por breves instantes, mas o tempo suficiente para disso ficar seguro. Então, numa só frase e a um só gesto, Rubinaia, assim era o seu nome, disse, Está na hora, vamos.

Partiram primeiro a passo, atravessando o espaço urbano quase em mero passeio nocturno, a noite estrelada a isso convidava, e era preciso deixar dormir quem dormia e sonhar quem sonhava, depois daquela noite nasceriam os dias da liberdade, os dias de voltar a galopar sem limites nem fronteiras pelo Mundo

de todos. Mais tarde a trote, ensaiando sequencialmente a marcha pelos campos e pelos vales, lezírias e margens de ribeiros, sentindo a bruma e a neblina como aroma de rosas e orquídeas, papoilas ou cravos selvagens, como eles! E veio finalmente o galope em sintonia, todos à uma em batidas ritmadas, era a força de querer chegar, a pressa de querer sentir, e o deslizar suave e veloz pela estrada a percorrer. Rubinaia na frente, sempre na frente, seguido por todos em elegante e seguro galope, e diz quem viu, maravilhado, que aquela mancha branca que passava, ondeando as crinas ao vento fresco na gloriosa madrugada, eram asas de anjos a voar junto ao solo, numa visita de saudade por aqueles que ainda não estavam no campo da pureza e no Céu de todos os Cavalos.

Na imponente praça à beira do Rio Grande, junto ao seu estuário majestoso, enquadrado pela imponência do arco triunfal e do rei sereno, alinhou em posição de combate e segundo as ordens de Rubinaia, o grupo de Cavalos Selvagens acabado de chegar. Alguns deles, por muito jovens, devido à sua inexperiência em combate, receavam pelo êxito do bravo acto, mas a arte de saber dominar o medo, que lhes tinha sido ensinada, dava-lhes a certeza de que tudo se pode quando tudo se quer. Nervos à flor da pele, membros inquietos e em permanente movimento, concentravam toda a atenção no chefe que os comandava e nas ordens que a qualquer momento daria. Rubinaia, também ele dominando o medo, semicerrava os olhos numa tentativa de ocultar o semblante carregado que lhe afligia corpo e mente. Ultrapassava a potencial fraqueza que tinha de falhar o desafio aceite, com a firme vontade de pôr fim ao longo período de trevas, que se abateria há longo tempo sobre as Planícies de todos os Cavalos brancos de crina longa e bela.

Rubinaia sabia que ali naquela praça, todos os Cavalos brancos – Insatisfeitos e Selvagens – iriam ser valentes e destemidos

no combate, e que nem um só se recusaria a avançar contra aqueles que se lhes opunham, mostrando a determinação que os acompanhava, de não perder a oportunidade, que de única para a história, ombreava lado a lado com as grandes lutas do passado e os grandes feitos dos heróis que expandiram o Mundo por continentes longínquos onde, *“e se mais terra houvera lá chegara”*. Rompia a madrugada no azul celestial da primavera, rompia o dia para a Sociedade nova, estagnada que estivera no tempo e alheada do Mundo, hermeticamente fechada, qual tonta avestruz de cabeça enterrada. Todos o olhavam, e Rubinaia de cabeça erguida desafiava a sorte e o inimigo, sabendo de todas as fragilidades e de inexperiências que eram pertença de muitos membros do grupo, “... E se morrer, morrerei com a honra e o orgulho de ser Eu, no meu Mundo liberto e relançado nos caminhos do futuro e da honra”. “Serei Eu por inteiro”, pensou de novo, “E serei de corpo inteiro, ainda que falhe esta batalha, ainda que se perca a luta na praça, ainda que me leve o vento norte”. Este dia já é história, já está escrito a fogo quente no livro daqueles que nunca se venderam nem nunca se curvaram ao leilão de loucas e vis vontades, daqueles que nunca souberam para onde iam, já que a lado nenhum foram, e se foram, escolheram sempre o lado errado da razão e da justiça, e errados se mantiveram lá, na encosta da vaidade presunçosa, agitando bandeiras de vergonha e destruindo os sonhos que impediram o Mundo de avançar e de pular, mas esses não sabiam que outros por eles sonhavam, e sempre que o sonho é sonhado, pode a vontade ser cumprida. E agora ali estavam todos os Selvagens que se não acomodaram ao bem-estar da virtualidade aparente que nega a realidade de quem é, e de quem pretende sempre Ser.

Um sinal e um olhar, a mente preparando num único gesto o corpo tenso, o alerta dos sentidos. Rubinaia e o rei sereno desafiavam o destino, um ao centro da Praça em memória temporal

dos que permaneceram, o outro junto ao arco triunfal preparando-se para memorizar aqueles que iriam permanecer, mas ambos numa pose tranquila e segura de grandeza e dignidade. Não era rei nem queria ser rei, não tinha poder nem queria ser poderoso, não tinha fama nem o atraía ser famoso, sentia-se contudo e de competência bastante para escrever ali naquela praça, naquele dia e naquela manhã de dia acabado de nascer, uma das mais belas páginas da milenar história do Mundo, honrando assim, antepassados comuns e origens colectivas.

Assim seria, o Chefe e todos os outros, o primeiro na frente, e os outros atrás à espera do sinal, que nele confiavam e olhavam chamando-lhe já interiormente herói, sem saberem, sem sequer imaginarem que um intenso suor frio lhe atravessava o corpo num temor enorme pelas vidas de todos eles, e pelo possível fracasso duma oportunidade desperdiçada. Olhou calmamente o rei sereno, imitando-lhe a pose e a imponência, ergueu os olhos ao estuário do Rio Grande e absorveu a energia que motivara os mareantes, olhou o céu, e na imensidão do espaço, reuniu na mente toda a força mágica de poder e de querer; imensidão e mistério, divino e oculto, simbiose de olhares fundidos num horizonte aproximado de céu com mar. O pôr-do-sol, era já também o próprio nascer, terminar e começar, morrer e nascer, alegria a renascer, a mente a brilhar na dança inquieta do orgulho de ter nascido assim, na pureza dos sentidos e na verdade dos eleitos. O pôr-do-sol, o nascer-do-sol, velho e novo, acabado e começado, morto e renascido. Enterrado e ressuscitado, tudo a terminar e tudo a recomeçar, terminar o tudo feito, recomeçar o tudo por fazer. Honrar, recordar, homenagear, vencer, libertar, voar, sonhar, gritar.

Rubinaia gritou o que tinha de gritar.

Silêncio na praça, a zona cercada, o rei sereno nada diz, mas as portas estão já fechadas ao dia que termina, e no início da

madrugada que começa o novo dia, abrem-se as janelas do encantamento. Início do dia, cedo, muito cedo, primavera em flor. Cavalos em guerra, posição de combate, músculos alerta no espaço dominado, estático e confiante está Rubinaia, atento, sabendo de fraquezas mas as que só ele sabe, e de repente, do lado do estuário do Rio Grande que mais abaixo beija o glorioso mar, surge por terra a resposta do passado, irada, desvairada, e em mesquinha vingança atíça a turba contra os Selvagens. Abater, abater, disse aquele que mandava os outros, Mas o atíçado a Ele, ao vê-lo tão perto, olhos nos olhos, azuis da cor do céu, sereno e seguro, recua, dá duas passadas atrás e não avança, e de novo atíçado, de novo recua, é um olhar de grandeza aquele que vê, Rubinaia encanta, nada pode assim, frente a frente entre iguais, e o mostrego mandante altera-se, exacerbado de prepotência de novo ordena, Abater, abater, mas nem um dos *seus* lhe obedece, perde a razão e espuma de raiva, sem perceber, pobre cavalo morrido, parou no tempo, parou de pensar, já nem honra nem orgulho, nem sequer dignidade ou tão pouco verdade, só essa ira de saber que a prepotência terminava, para ele e outros muitos. Ainda assim, repete desesperado, em altivez do passado embora sem convicção, Agora e já, abater mando eu. Um olhar, dois olhares, cruzamento de emoções, em frente a serenidade, de soslaio a ameaça, e em frente viu-se a luz e o futuro, e de soslaio viu-se o passado e o retrocesso. Assim olhando, o Cavalo mandado dá uma passada em frente, deixando derrotado o passado demente, e com passo calmo, seguro de si, aproxima-se dele, Rubinaia ali, e pergunta sem medo, Queres-me nos teus? A um gesto de rosto e de brilho nos olhos, Rubinaia diz, Sim, claro que sim, venha mais um amigo, e lembrou a todos, que o sonho nunca termina sempre que a verdade se ilumina.

MÁQUINAS

Dúvidas

– Temos um problema grave, – disse o Inspector ao entrar na sala. Os outros olharam-no como se já esperassem algo semelhante, mas mantendo ao mesmo tempo a curiosidade sobre a natureza do problema – esta noite houve outra tentativa de intrusão! – Acrescentou estupefacto.

– Outra vez o grupo dos Insatisfeitos? – Perguntou o chefe da segurança dando um murro na mesa.

– Tudo leva a acreditar que sim. Os indícios e o estilo de actuação são semelhantes, e parece-me que é o mesmo grupo de sempre, acho que fizemos muito mal em ter deixado que seguissem a via paralela.

– Raios! Esse grupo de Insatisfeitos ainda vai acabar por nos causar problemas muito sérios. Nesta fase do Projecto é muito arriscado sofrer qualquer interrupção. Muito arriscado mesmo.

– Será que eles sabem ou suspeitam da verdadeira amplitude que o Projecto pode atingir no futuro?

– Creio que sim. Não deve ser por acaso que a sua actividade aumentou. E no último discurso no CAM⁵, fizeram referências a

⁵ Conselho de Administração Mundial.

“autoritarismo” e “subversão”. O Delegado Jaime até nos acusou de potência manipuladora quando soube que íamos oferecer um Engenheiro a cada família.

– Esse tipo vai acabar por arrastar ainda mais gente para a sua causa. Tem conseguido adquirir popularidade com extrema facilidade, há conhecimento de alguma reacção por parte do Delegado Adalberto?

– Nenhuma que seja publicamente conhecida, não o podemos, por enquanto, acusar do que quer que seja. Entretanto, Jaime está cada vez mais perigoso incitando os núcleos à rejeição do projecto.

– Temes que episódios como os do Norte se repitam?

– Esse é um dos receios, pois nunca foram completamente aniquilados. Na minha opinião, ou tomamos alguma iniciativa imediata, ou estaremos sempre sujeitos a este tipo de pressão e de incerteza. Ordenei de imediato ao CIDE⁶ que garanta a segurança de Toledo – Nova Lógica.

– Não sei se será boa ideia.

– Porquê?

– Não sei... Envolver o CIDE nisto parece-me uma atitude demasiado autoritária. Pode servir os propósitos dos Insatisfeitos incitando-os ainda mais à revolta. Talvez fosse melhor fingirmos que não se passa nada.

– E eles estão muito Insatisfeitos mesmo, principalmente desde que foi abortada a revolta do Norte.

– Não temos outra hipótese. Temos de zelar pelo Projecto até que esteja concluído. Pelo menos até estar concluído.

– Tanto secretismo está a gerar muito burburinho, talvez fosse melhor simular alguma abertura, quem sabe umas amenas

⁶ Corpo Internacional de Defesa do Estado.

conversas em família, isso levá-los-ia a pensar que nada de mal está projectado.

– O secretismo é absolutamente necessário. Nesta altura não podemos de modo algum abdicar dessa premissa.

– Qual é o actual estado de desenvolvimento?

– O novo sistema operativo está quase pronto. E, quando estiver, nem o Jaime nem o Adalberto terão qualquer apoio ou sequer hipótese. E as pessoas, livres de intrigas, perceberão que somos nós que estamos certos.

– Já há alguma reacção oficial por parte do Presidente do Conselho?

– São dele as últimas directivas de desenvolvimento, as suas ordens expressas são para apressar ao máximo a conclusão do projecto.

– Não sei o que fizemos. – O recém-chegado sentou-se e apoiou o queixo nas mãos soltando um suspiro.

– Estás a falar do quê?

– É claro que estou a falar do Projecto, de que outra coisa poderia ser, acaso há algo mais importante nesta altura?

– Mas que nervosismo e ansiedade, acalma-te e explica lá essa atrapalhação toda, porque dizes isso?

– Acabei de vir da Sala do Sistema. Fui lá, simplesmente porque me apeteceu... Estive horas fechado com aquela... coisa.

– Continua.

O homem que acabara de chegar levantou-se e passeou em volta da sala, mãos atrás das costas e olhos fixos no chão orbitando em volta do interlocutor. Ao mesmo tempo que circulava em passadas largas, batia com os calcanhares dos sapatos no chão, produzindo um ruído forte, seco e irritante.

– Caramba, pára de fazer esse estúpido barulho com os calcanhares, que é que se passa, desembucha de uma vez!

– É aquela máquina, aquele computador. Aceito pacificamente que qualquer computador me ganhe um jogo de xadrez, mas fico irritado e preocupado, quando discuto ideias e fico sem argumentos.

– Ah, afinal é tão somente uma questão de amor próprio, talvez uma birrinha? – Perguntou maliciosamente o outro piscando o olho. O visado não respondeu à provocação, enrugou as sobancelhas e enterrou-se na cadeira, desapontado, acrescentando contudo quase num murmúrio:

– Não... não é isso... é muito difícil explicar... não sei se tu quererás ou serás capaz de compreender.

O terceiro homem entrou abruptamente na sala, como quem quer de imediato revelar algo mas sem saber como o fazer. Parecia contudo decidido a falar, de mãos nos bolsos, algo distraído e de olhar cabisbaixo. Sem cumprimentar os presentes, sentou-se à sua secretária sem dizer qualquer palavra e permaneceu quieto com o olhar fixo num pêndulo-perpétuo que lhe fora oferecido pela esposa. Nem parecia notar que a sala estava ocupada.

– Também tu? – Inquiriu o que primeiro se encontrava na sala, mantendo o sorriso que aborrecera o que chegara confuso e preocupado.

– Também eu o quê?!

– Assim, abatido! Já nos basta um colega desapontado apenas porque perdeu uma discussão filosófica com o SisCen.

– Eu não perdi nada, raios! Mas aquela coisa está mais inteligente de dia para dia. É algo que não tem explicação, aquela máquina não foi programada para ter um comportamento assim, estou assustado, apenas isso.

– Mas, e isso não é bom? Não era isso que pretendíamos? Só demonstra que fizemos bem o nosso trabalho.

– Demasiado bem – interrompeu o que chegara – estive a rever as *dumps* do sistema. Coisa rotineira...

– E então? – Interrogou o que parecia mais optimista e preocupado com a situação que a todos envolvia.

– E então encontrei referências a um Projecto que tem a enigmática nomenclatura de 28M26. Isto diz-te alguma coisa?

– Para já... não, mas o que há de especial nessa linha de código, o que é que isso tem? – Desencostou as costas da cadeira e debruçou-se sobre a secretária, quase roçando com o queixo no teclado que tinha à sua frente, ao mesmo tempo que se tentava mostrar interessado – isso provavelmente é apenas mais uma instrução estúpida e sem valor, um mero *rem* de ajuda a qualquer rotina...

– Não me parece que seja assim tão inofensiva e esvaziada de conteúdo. Está listado no relatório como, “Novo Estado”.

– Alguma descrição que ajude a perceber a que se destina?

– Tem uma descrição genérica sobre o que pode fazer, e à primeira vista até me parece prometedora e algo interessante, mas nem sequer foi enviado para aprovação.

– Queres ser mais claro sobre onde queres chegar?

– Vocês sabem onde quero chegar...

– Hum... – comentou um deles sem falar, assumindo o ar pensativo e filosófico que lhe era característico.

– Acho que vocês se preocupam demasiado. – Concluiu aquele que de entre todos, se mostrava mais optimista.

– Temes que a própria Máquina esteja a contornar as directivas? A magiciar coisas para as quais não está autorizada?

– Foi exactamente isso que fez. Está explicitamente indicado no código de programa, que tem de submeter todos os projectos a aprovação. Esse foi um dos pontos pelo qual, pessoalmente, mais me bati, se te lembras.

– Sim, sim, concordo contigo. Antes de chegares estávamos precisamente a discutir isso, e acho que temos de propor uma

revisão ao sistema operativo e ao código da aplicação. Antes que algo de irreversível aconteça.

– Desengana-te. – Replicou o primeiro que chegara à sala onde conversavam – Vão pensar que temos algum motivo de ordem política. Lembras-te do que aconteceu à equipa do Jaime? Foram todos aniquilados. Nenhuma Direcção vai permitir que alteres o código do SisCen. Não nesta altura.

– Essa é outra questão: afinal quem serve quem?

– Já não nos bastava sermos olhados de lado... Somos também criticados pelo CAM por trabalharmos. Sabiam que pretendem colocar aqui Engenheiros?

– Aqui?! Em Toledo-Nova Lógica?! – Gritou o primeiro dos desapontados, levantando-se de súbito.

– Sim. Para desempenhar funções “rotineiras de baixo nível de responsabilidade”. Isso é o quê, algum de vocês sabe?

– Bem, seria um alívio para nós... – comentou o que parecia simpatizar com a ideia, atraindo sobre si os olhares dos outros dois – Que foi?!!

– Bem, uma dessas funções, “rotineiras de baixo nível de responsabilidade”, seria rever as *dumps* do sistema.

– E daí?

– Daí que eles nunca dariam por uma falha como a que eu descobri. E, se dessem e se realmente se trata de uma falha, nunca saberíamos. Preciso de te lembrar quem é que os comanda?

– Paranóicos. Vocês são os dois paranóicos. Então nós estamos a viver os melhores dos nossos dias e vocês só pensam em dominação pelas máquinas? Isso é mentalidade do século passado, pá!

– Nós também pertencemos ao século passado. É disso mesmo que tenho medo. Das viagens no tempo...

O CONDENADO

Sonhar

Depois da breve pausa, em silêncio, em que cada um tentou perceber melhor as palavras que o outro disse, meditando ao mesmo tempo no que seria mais adequado falar, decidiram sem qualquer combinação prévia, sentar-se lado a lado na areia molhada pela maré que entretanto vazara. Com as pernas semi-dobradas e mãos nos joelhos, ele e ela, Ninguém e Esperança, que olhou Ninguém mesmo de frente, verdes olhos olhando os azuis como num terno e doce desafio, tentando descobrir o que não era mostrado e tentando adivinhar o que não era dito. Sorriu, Nin-guém, sorriu sob o brilho dos olhos de Esperança, e ao mesmo tempo as mãos de ambos procuraram-se mutuamente como num pedido desesperado de socorro de dois náufragos chegados à praia, sem conhecer terra de pisar nem enseada onde arribar, e nem tempo nem lugar.

Muito longe, no horizonte avistado sobre as águas, onde o fogo dourado do sol se fundia com a limpidez incolor do mar, restava agora apenas uma auréola suave, uma réstia de luz, e sentia-se no ar um não sei quê de irreal que fantasiava sobre aquela areia onde não era noite nem dia, nem manhã nem tarde, em que não havia sol nem lua. Era uma mistura mágica de

claridade e de mistério, de luz baça e escuridão em mais um dia que terminava, o único dia diferente depois de tanto tempo no exílio – ou prisão? – da deserta ilha. Entardecia, anoitecia até, e os dois ainda ali, de mão na mão, tocavam-se e sentiam-se e diziam um ao outro sem falar, Estou aqui, enquanto o outro respondia, Eu sei, não partas nunca. Recuaram um pouco, levantaram-se da areia molhada ainda sem palavras pronunciadas, que as coisas feitas por instinto são bem mais puras e verdadeiras, e deitaram-se mais atrás, de costas na areia seca, fruto do calor do sol acabado de se esconder. Ninguém colocou as mãos por debaixo da nuca e Esperança passou-lhe suavemente a mão direita pelos cabelos, filtrando-lhe quase um a um os fios finos, macios e sedosos por entre os seus dedos de tão igual finura e macieza, Quem és, diz-me, preciso saber, perguntou Ninguém quase murmurando, Homem incrédulo, não o disse já, sou Esperança, que mais queres, respondeu Esperança no mesmo tom, Mas parece-me tão real, tão mulher, ou sou eu que tanto sonho e esta sensação não passa de delírio e de demência, Julga por ti próprio se o teu sonho é só sonhado. E desta vez, Esperança foi mais firme na sua resposta.

E Ninguém acreditou que Esperança ali perto, colada a si e afagando-lhe os cabelos com meiguice, era real por inteiro. Sentia-lhe o calor, o aroma, o perfume e a sedução, e o desejo reprimido e os gritos por gritar e as palavras por dizer e os gestos por sentir, e nesse turbilhão de pensamentos revoltos, entardecia e anoitecia na dourada areia da praia de cambraia, e agora só havia o luar que espreitava em conjunto com as primeiras estrelas que o céu estrelava. Mas que importava tal realidade de momento, se a verdade do olhar estava na iluminação da alma, que importava o facto de estar só, se o calor daquela amizade espontânea calava todas as injustiças que Ninguém até então sentira.

Os finos dedos de Esperança ensaiavam em Ninguém o toque suave, fazendo viajar de longe as reminiscências do último dia e

as recordações do primeiro; o temor e a euforia, o receio e a certeza, a angústia e a glória. Uma estrela, duas estrelas, uma a uma, duas a duas, e o Céu estrelou e encheu-se de luz. Ouviam-se somente as ondas ondulando e caminhando sobre as águas do mar azul, e nada mais se ouvia na praia de Ninguém. Meia noite na praia, e as ondas que se espraiavam com os corpos na areia; meia noite na praça cercada, e os corpos alinhados em posição decidida; meia noite na areia e o calor de Esperança; meia-noite na praça e a ansiedade do desafio; meia-noite de carícias e os dedos dela; meia-noite na praça e as máquinas de guerra. Ninguém, perguntou, Queres, Quero, respondeu Esperança. Incendiou-se o calor e a paixão, e o fogo ardeu na mente em chamas e em rebuliço de pensamentos Insatisfeitos misturado com o galopar de imaginação delirante, tudo num caos de luz e de fusão de vontades, de magia e de prazer gozado. A pressão, o toque, flutuar e voar, revoar e sentir, subir no ar sem cair, pairar e crescer, crescer sem parar, fechar os olhos e ver, adivinhar o passado e ver o futuro, sem saber porquê ou descobrir como.

Silêncio! Só as ondas do mar se ouviam, nem mesmo Esperança se ouvia e nem um grão de areia rolava naquela mistura de delírio abrasador, de sentir e de desejar e de sonhar e de cantar. Os dedos finos das mãos pequenas por entre os cabelos macios, passar os dedos pelos cabelos finos, devagar e lentamente, massajar com doçura e com meiguice, acalmar e sossegar, olhos fechados, adormecer, adormecer...

Esperança foi a primeira a levantar-se, olhou Ninguém e vendo o Homem sorriu sozinha. Olhou Ninguém de novo e viu o herói, e nessa altura os lábios esboçaram novo sorriso. Voltou a olhar e viu desta vez o lutador, e voltou a sorrir de novo pelos três que tinha visto, o Homem, o Herói e o Lutador.

Ninguém adormeceu, feliz como só o fazem aqueles a quem a consciência não pesa, aqueles que não se sentindo culpados,

assumem sempre perante si e os outros a frontalidade e a verdade, aqueles que assumem de corpo inteiro, de corpo e alma, a verticalidade do Ser e do Eu verdadeiro. Ali estava um Homem, na sua verdadeira definição científica, física e metafísica, nos contornos morais, emocionais e intelectuais, na sua acção rebelde, irrequieta e justiceira.

Obrigado, Ninguém, disse Esperança apenas no seu íntimo, Vim para te ajudar, mas sou eu quem te pede ajuda, dá-me um pouco dessa tua força e dessa tua mágica vontade de forte querer. Parou em frente dele, Ninguém, em frente, e as ondas ali pertinho onde o mar cantava baladas de magia e ternura, baladas de sedução e de candura. Ninguém, na areia, deitado e adormecido, Esperança, de pé, velando-lhe o sono, frágil? Não, justo! Pela primeira vez dormia tranquilo na Ilha, e as horas passaram e veio a madrugada, e Esperança olhou o raiar da aurora e os esgares diluídos de sentido no rosto de Ninguém. Que paz, que tranquilidade! Deitou-se de novo a seu lado e olhou outra vez as estrelas, quantas delas seriam mentes puras como aquela que tinha a seu lado, quantas seriam luzes de amor e verdade. Esperança não conseguiu adormecer, nem podia, ele sonhava com ela, e quando o sonho é forte, quando é sentido, não pode nunca ser adormecido.

MÁQUINAS

A Viagem (Pureza)

Humberto acabara de vestir a túnica azul-escuro quando ouviu a campainha automática. Habituada a reconhecer as visitas, a porta abriu-se e um Engenheiro técnico postou-se à entrada.

– Membro Humberto, posso entrar?

«São simpáticas demais, estas máquinas...», pensou Humberto.

– Sim, claro, entra – esteve tentado a dizer, «E limpa bem as pés». Mas não disse porque a máquina faria exactamente isso e ele sentir-se-ia idiota. – Algum problema?

– Venho transmitir-lhe um recado, membro Humberto.

– Um recado? Há algum problema com os comunicadores?

– Não, claro que não. Se houvesse teria sido resolvido. Mas o Sistema Central achou que uma resposta do género deve ser transmitida pessoalmente, segundo os vossos padrões de comportamento.

Humberto parou de sacudir a túnica. Toda aquela conversa era muito estranha. Tanto mais que o Sistema Central não tinha o hábito de enviar moços de recados.

– Uma resposta? Diz respeito ao meu pedido?

– Sim, membro Humberto. O Sistema Central deseja confeccionar consigo. Hoje ainda, se possível.

Desta vez Humberto fitou mais seriamente o Engenheiro. Distraidamente tentou avaliar a sua expressão facial até se lembrar que tal análise era em vão. Qualquer expressão que o Andróide possuísse, não seria genuína.

– Sim, claro. Mas porquê toda esta formalidade? – Tornou Humberto.

– Lamento, membro Humberto. Não tenho mais informações. Posso transmitir a sua aceitação?

– Sim, claro. Irei com certeza ao Banco de Dados... – ao pronunciar o nome do grande edifício, Humberto sentiu um aperto no peito. – Logo que a reunião do Conselho termine – acrescentou.

– Agradecido, membro Humberto. – O Engenheiro esboçou um sorriso e, rodando, saiu fechando a porta silenciosamente.

A reunião – como já esperava – terminou muito depois da hora prevista. O que aborrecia ainda mais Humberto era que, em resumo, não tivessem chegado a consenso. Continuava a haver funções por desempenhar na estrutura da sociedade e ninguém parecia disposto a ocupá-las. Desde que ocorrera a Integração – nome poético (um computador poderia ser poeta?) para designar a assimilação digital das personalidades e memórias de quase toda a população – que os sobreviventes – era assim que gostavam de se chamar a si mesmos – tinham adquirido um decidido hábito de liberdade e de autonomia. Ao contrário dos companheiros, que consideravam fracos, eles tinham resistido a essa ideia de fraqueza e hoje eram os Resistentes, aqueles que tinham dito, “Não”. Toda esta ideia de independência provocara contudo um certo sentimento de superioridade... o que acarretava boas e más con-

sequências. A recente falta de autoridade do Conselho era uma das más.

Enquanto se dirigia para o Banco de Dados, a pé, Humberto analisava concentradamente os motivos daquela convocatória.

Porquê? Era a grande dúvida...

Sim, desconhecia os motivos. Era uma das razões mas não a principal. Na verdade, Humberto tinha receio. Receio de falar com o Sistema Central, o grande computador que geria toda a actividade tecnológica. Não seria como falar com um simples Engenheiro, esses limitavam-se a seguir um programa. O Sistema Central fazia programas. E aí residia a grande diferença entre as máquinas. Humberto não se lembrava de alguém que tivesse alguma vez falado com a Máquina, se exceptuasse o seu antigo amigo que fora o seu antecessor na presidência do Conselho dos resistentes.

Os dois Engenheiros que se encontravam à entrada do gigantesco edifício levantaram-se imediatamente. Deviam estar ao corrente da convocatória porque um deles disse muito simplesmente:

– Siga-me por favor, membro Humberto. O Sistema Central aguarda-o.

«O que – pensou Humberto – é mentira. Não acredito que o Sistema paralisasse as operações para esperar por mim. No máximo limita-se a verificar se eu estou ou não».

– Entre, membro Humberto. Um Engenheiro aguardava-o.

Humberto entrou no elevador que iniciou imediatamente a descida, a grande velocidade, supôs. Contudo não havia indicação de andares ou distância percorrida. Quando o elevador parou, Humberto deparou-se com outro Engenheiro, que tal como o primeiro, se limitou a pedir-lhe que o seguisse. O que Humberto fez, claro!

Aguardava agora numa sala triangular, onde em cada vértice existia uma porta e, no centro, uma grande esfera feita de um

material que Humberto julgou ser semelhante ao dos ecrãs de televisão. Mas não mostrava imagem. Aliás, todo o interior do edifício era desprovido de imagens. Fora construído por robôs e para robôs, e estes não precisavam de mostradores, indicadores ou monitores para receberem e transmitirem informação. E também não se importavam com o seu aspecto pouco estético. Era funcional, nada mais lhes interessava.

Condenados

Estava realmente orgulhoso no fato que tinha vestido. Mirou-se em frente ao espelho rodando sobre si e observando cada por menor. Estava orgulhoso de si mesmo. Seria orgulho ou vaidade? «Um pouco de ambos», pensou. De qualquer maneira, era bom vestir o uniforme cor de laranja e riscas azuis nas mangas. E eram precisamente essas riscas que o distinguiam dos Engenheiros-Máquinas. Estes últimos usavam listas cinzentas, nas quais tinham gravado o nome e número de série. Alguém bateu à porta, ou pelo menos assim pareceu. Podia também ter sido a campainha já que os sons em muito se assemelhavam.

– Olá Norton... – Humberto parecia perturbado – Posso entrar? – E entrou, sem esperar resposta. Como conhecia bem as instalações onde acabara de entrar, dirigiu-se rapidamente para o terraço. Norton seguiu o amigo, como se a visita fosse ele próprio.

– Que se passa? – Perguntou-lhe.

– Parabéns pela especialização... – Humberto tentava parecer calmo – Os primeiros Engenheiros humanos desde há... bem, desde há muito tempo.

– Obrigado. Mas já me tinhas dado os parabéns na cerimónia.

– Ah, sim, desculpa...

Humberto tinha-se sentado, mas levantou-se e começou a andar em volta do pequeno terraço.

– Sabes, Norton, foi realmente uma boa ideia esta universidade... estávamos a ficar muito dependentes das máquinas. Talvez isso mude agora. Tem que mudar. Faremos com que mude.

Norton tinha dificuldade em acompanhar o monólogo de Humberto. Não só o amigo não parava quieto como saltava de ideia em ideia.

– Afinal que se passa? – Perguntou quase a gritar.

Humberto parou finalmente e olhou-o muito seriamente. Norton nunca o vira assim.

– Preciso da tua ajuda, Norton.

– Já podias ter dito. Para quê?

Novamente, Humberto começou a andar às voltas. Era um vício particularmente irritante naquela altura.

– Para quê? – Desta vez gritou.

E, de novo, Humberto voltou a fitá-lo com um ar tão sério que o assustou.

– Preciso que me ajudes a encontrar explosivos. Explosivos potentes.

– Explosivos? Para que queres tu explosivos?

– Para utilizar como último recurso. Logo à noite vou ao Banco de Dados, ao Sistema Central. Se conseguir entrar...

– Sentes-te bem? Que se passa?

– Não, não estou nada bem! Tenho de chegar junto do Sistema Central!

– E que farás quando lá chegares?

– Obviamente, desligo-o. E destruo o Banco de Dados. Total e completamente.

– Disseste, “E destruo o Banco de Dados”?! – Norton tinha agora a certeza que o amigo não estava bom – Escuta, precisas

de ver um Engenheiro-Médico... e essa não foi a minha formação. Anda, eu acompanho-te.

Humberto afastou-se repentinamente.

– Eu estou bem! – Disse, demasiado resoluto – Tu é que não compreendes. É uma obrigação nossa, temos que destruir aquilo. Não imaginas o que...

Norton começava a ficar seriamente preocupado. Não só já não tinha a certeza sobre a sanidade mental do amigo, como temia que a sua se deteriorasse também.

– Que se passou? – Perguntou, mais calmo.

– Hoje falei com o... Com o Sistema Central... ele convocou-me, imagina lá... E agora sei que temos que destruir... tudo!

– Mas porquê?!

– Não imaginas o que lhes está a acontecer... o que lhes aconteceu... E não termina aqui... Não é só o que lhes aconteceu mas também o que nos está a acontecer. Isto tem que acabar Norton. Agora, hoje!

– Humberto, de que estás a falar? De que falou o SisCen contigo?

– De realidades Norton. De mentiras. De coisas a que temos que pôr cobro, esconder, destruir, sei lá...

Norton agarrou Humberto pelos ombros e sacudiu-o.

– Humberto! Que se passou lá dentro?

Humberto fitou Norton. Permaneceram ambos em silêncio durante segundos que a ambos pareceram uma eternidade.

– Nunca te poderia contar Norton... Mas digo-te que tens de me ajudar. Isto tem que acabar. Por favor, em nome da nossa amizade, em nome de... em nome do que quiseres, ajuda-me!

A sede do Corpo de Engenharia e Ciência (CEC) situava-se em frente à grande construção onde ficava instalado o Banco

de Dados. Tal como a instituição que se abrigava no seu interior, o edifício era muito recente. As paredes tinham as cores dos Engenheiros; laranja e branco. Uma grande escadaria dava acesso à entrada principal, mas esta era apenas utilizada pelos Engenheiros-Mecânicos, já que todos os humanos preferiam utilizar os tapetes rolantes ou os teleféricos.

Foi de uma dessas cabinas que desceram dois homens. Um envergava uma túnica de Engenheiro; O outro uma túnica de Cidadão, perfeitamente banal. Os dois, em simultâneo, dirigiram-se à entrada e caminharam pelos corredores e elevadores até que chegaram a um salão repleto de maquinaria e visores electrónicos. À entrada desta divisão encontrava-se um funcionário; humano.

– Boa noite, Engenheiro Norton – disse, bem disposto. Ainda não reparara em Humberto.

Norton olhou em volta nervosamente e respondeu indiferente e de modo mecânico:

– Bom dia... boa noite António... Hã... O pessoal de serviço já saiu?

– Sim, claro. Já soou o fim ao trabalho há... bem, há quase uma hora. Oh! O senhor é Humberto, não é? – Humberto saíra detrás de Norton e respondeu com o mesmo pouco à vontade de Norton.

– Sim, sou Humberto...

– Desculpe, não o tinha reconhecido. Estava escondido aí atrás e a túnica, enfim...

– António, eu e o Membro-Conselheiro Humberto, precisamos de ter acesso ao armazém... nada de especial, coisas burocráticas. – Acrescentou Norton.

António olhou o Engenheiro Norton com alguma estupefacção e perguntou com estranheza:

– Burocráticas? Num armazém?

– Sim... preciso mostrar o inventário do material.

– Com certeza. Eu vou buscá-lo.

– Não, eu vou, e aproveito para mostrar as instalações. Por aqui, Humberto. – Norton, seguido de Humberto, passou pela pequena porta que dava acesso ao grande armazém. António ficou a observá-los, desconfiado. Mas depressa perdeu o interesse, afinal um era Engenheiro e o outro Membro-Conselheiro.

– Ele não vai arranjar problemas? – Perguntou Humberto.

– Não, acho que não... sei lá... temos de lá ir não é? Por aqui.

Serpentearam por entre os armários e caixotes carregados de variado tipo de equipamento. Longas prateleiras empilhavam-se até ao tecto, todas identificadas com uma referência cuja lógica Humberto não percebeu. Em cada grupo de prateleiras existia um conjunto de braços mecânicos controlados por um mini terminal. Dirigindo-se a um desses terminais, Norton explicou a Humberto:

– Os Engenheiros utilizam este tipo de explosivos na abertura de roços nas áreas rochosas. Como são modulares podemos juntar uns Três ou Quatro e... – Norton interrompeu-se. Humberto não pediu que continuasse.

Introduziu uma sequência de caracteres no teclado de Doze teclas. Um segundo depois, o braço mecânico começou a deslocar-se ao longo das prateleiras, ora na horizontal ora na vertical. Ao fim de algumas manobras voltou à posição inicial, pousando uma caixa preta, sem qualquer designação. Norton abriu-a premindo o trinco, e retirou 4 objectos cilíndricos, aparentemente pouco pesados.

– O mais difícil será passar pelo António, com isto.

Norton acoplou os Quatro objectos uns aos outros. Imediatamente uma luz vermelha se acendeu em cada um deles e o pequeno mostrador no cilindro do topo mostrou uma sequência de Três zeros. Por baixo do mostrador encontravam-se apenas três botões: verde, vermelho e azul.

– Eu distraio-o. – Disse Humberto, caminhando de volta para a entrada, seguido de longe por Norton.

Antônio olhou para trás e voltou a ficar desconfiado quando viu Humberto aproximar-se, sozinho.

– Membro-Conselheiro Humberto... Onde está o Engenheiro Norton?

– Está lá dentro a organizar umas coisas que encontrou... Por acaso não podias dar uma ajuda na procura do inventário?

O rosto de Antônio irradiou-se por poder ser útil.

– Com certeza, membro Humberto. Espere aqui.

Norton surriprou-se pela pequena porta seguido de Humberto. A bomba que iria provocar a mudança seguia nos bolsos do uniforme do Engenheiro Norton. A coragem para o fazer seguia na determinação de Humberto.

Julgamento

– Quando detectámos a presença dos dois suspeitos eu e o meu colega dirigimo-nos para o local. Quando lá chegámos, o Engenheiro Norton ordenou-nos que regressássemos às nossas posições.

– Porque não o fizeram? – Perguntou o Juiz.

– Porque apesar de o Engenheiro Norton ser nosso superior, conseguimos averiguar que os dois transportavam cargas explosivas de grande potência, armadas. A sua detonação implicaria a destruição de bens e serviços comuns, valor mais alto que a obediência, segundo o nosso programa.

– Que fizeram então?

– Pedimos ao Engenheiro Norton que nos entregasse o engenho explosivo. O membro Humberto pediu-lhe que não o fizesse

e o Engenheiro Norton não o fez, limitando-se a accionar o temporizador. O meu colega dirigiu-se para os controlos a fim de evitar a explosão, mas foi agredido pelo Engenheiro Norton e ficou danificado.

– Não tentou reagir?

– O nosso programa impede-nos acções desse tipo.

– Que solução encontraram, então?

– Pedi reforços ao Sistema Central. Quando chegaram, tentámos convencer o membro Humberto e o Engenheiro Norton a desactivarem o engenho explosivo, mas o membro Humberto estava muito irritado e gritou que não fariam tal.

– Mas a bomba não explodiu...

– Não. Um grupo dos nossos avançou para o engenho e rodeou-o, outro grupo procedeu à desactivação.

– E Humberto e Norton não tentaram impedir isso?

– Sim, tentaram. Mas a barreira formada pelo primeiro grupo impediu-os. De seguida imobilizámos ambos e conduzimo-los até à Sede do Conselho.

– Obrigado, Engenheiro. Podes descer.

O Andróide levantou-se do cadeirão onde estivera sentado e saiu da pequena sala. A assistência olhou para os rostos sombrios de Norton e de Humberto.

– Os réus podem fazer as suas alegações agora. – Disse o juiz.

Humberto levantou-se, e por momentos observou o espaço em redor. Com os braços estendidos ao longo do corpo, avançou dois passos antes de, sempre sombrio, iniciar a sua alegação:

– O meu nome é Humberto. Fui Membro-Governante adjunto antes da Integração. Era Membro-Conselheiro até há pouco tempo. Agora sou um criminoso. – Parou por momentos, mas não levantou o olhar – Sempre agi por bem e para o bem desta sociedade. Fui um opositor ao Projecto Realística, por achar que tal empreendimento estava fora dos níveis humanos, éticos e físicos. Contudo aceitei a decisão do Conselho e ajudei a reerguer a socie-

dade Pós-Integração. Nunca pensaria em agir contra a vontade das pessoas que escolheram o seu destino.

A audiência olhava silencioso o orador, que agora estava no centro da sala com as mãos atrás das costas e o olhar fixo no chão. Norton parecia absorto da realidade.

– Nunca iria contrariar a vontade colectiva... mas fui. Fui porque descobri que o Projecto não era o que nós pensávamos. O Projecto era, e é, um empreendimento que deve ser destruído. Não vos posso, nem conseguiria, explicar como cheguei a esta conclusão, mas entendam que se a tomei foi porque algo de muito grave aconteceu.

Norton conseguiu olhar para o amigo, ao mesmo tempo que este olhou para si. Entre ambos trocaram-se pensamentos e medos, interrogações e incertezas. A audiência ouvia, silenciosa.

– Meus senhores – continuou Humberto – as minhas razões baseiam-se, no meu entendimento, na existência de três tipos de Mundos: o Mundo real, o Mundo virtual... e este Mundo a que chegámos. Eu quis acabar apenas com o Mundo a que chegámos. Um Mundo onde... – Humberto pareceu hesitar mas continuou – ... Eu quis... Eu tentei fazer o que estava e está certo. Infelizmente, não consegui. Acredito que será a espécie humana a maior prejudicada, eu pouco conto no meio de muitos, mas amanhã, quantos humanos haverá para contar?

E sentou-se ao lado de Norton, sob o olhar controlador do juiz.

– Engenheiro Norton, pode fazer a sua alegação.

Norton estremeceu ao ouvir o seu nome, e à terceira chamada, levantou-se e disse muito simplesmente:

– Não tenho nada a dizer.

E voltou a sentar-se, colocando a cabeça entre as mãos.

O juiz permaneceu calado por momentos, deixando a assistência em expectativa.

– Levem os réus para que o Tribunal possa decidir.

Os Engenheiros que se encontravam em pé ao lado da tribuna, encaminharam-se para Humberto e Norton. Levantando-se lentamente, os dois seguiram os servos mecânicos. O destino de ambos iria ser decidido sem a sua presença.

Norton e Humberto voltaram a sentar-se nas mesmas cadeiras e pela mesma ordem. A assistência era também a mesma, nas mesmas posições. Os Engenheiros estavam onde tinham estado e até o juiz não tinha trocado de cadeira. Teriam chegado a sair?

– O Tribunal considerou o vosso contributo para a sociedade. Considerou o valor das vossas acções, e a sua influência no evoluir e bem-estar de todos.

Calou-se e recostou-se. Notava-se que a posição lhe era desconfortável, mas continuou.

– Considerou também o resultado que a vossa acção poderia ter tido. A destruição do Banco de Dados, local onde se encontra o Sistema Central e todo o Projecto Realística, implicaria uma ferida na nossa sociedade, a qual poderia nunca ser sarada. Implicaria a paralisação total dos nossos meios tecnológicos, e acima de tudo, implicaria a destruição, e atentado moral a todos os integrados em Realística.

Humberto fitava o juiz de tal maneira que este desviou o olhar. Não que Humberto lhe inspirasse medo. Mas aqueles olhos desencantados e desiludidos tiravam-lhe a coragem. Norton olhava pela janela, completamente absorto.

– É esta a decisão do Tribunal:

Naquela altura Norton olhou também para o juiz.

– Membro-Conselheiro Humberto. É condenado a Integração em Realística e assumirá nova identidade.

Ao ouvir a sentença, Humberto deixou-se cair para trás e fechou os olhos, e Cruzando os braços sobre o peito pareceu adormecer.

– Membro-Engenheiro Norton. É condenado a Integração e isolamento virtual em Realística, onde não assumirá nova identidade. Do seu comportamento dependerá a integração com nova identidade. O Tribunal está desiludido com a utilização dos conhecimentos de engenharia que lhe foram dados, considerando que isso só prejudicará a nova geração de Engenheiros.

Norton pareceu por momentos querer chorar. Em vez disso mergulhou a cara nas mãos, despenteando-se. Seria uma situação cômica de observar se não fosse tão dramática. Humberto inclinado para trás de braços cruzados e Norton inclinado para a frente escondendo o rosto entre as mãos.

– Está encerrada a audiência. Disse o Juiz.

Ressurgir

A tampa fechou-se sem ruído. Momentos antes estivera sentado dentro de um cilindro comprido, cuidadosamente colocado junto a outros. Todos juntos, enchiam uma grande sala rectangular. Encontravam-se dispostos em filas, e cada um possuía uma etiqueta com uma combinação alfanumérica, destinada a identificar o ocupante e respectivo local de reanimação da nova identidade. A que Humberto ocupava tinha a identificação CHARLIE08. Esta configuração enchia três andares e, em cada um, um pequeno exército de Engenheiros auxiliava e verificava todo o processo.

Cada andar era atravessado por duas pontes que uniam as quatro extremidades, encontrando-se todas elas no centro da sala – formando assim, um X gigante.

A maior parte dos cilindros estava fechada. Uma pequena janelinha permitia apenas ver os olhos do ocupante. Não se notava qualquer movimento, nem qualquer sinal de actividade.

Uma voz feminina vinda de um qualquer altifalante, soou junto aos seus ouvidos no interior do cilindro. Dizia-lhe que o processo ia começar, que relaxasse e tentasse dormir.

Qualquer coisa metálica tapou-lhe por completo a cabeça e a pouca luz que entrava pela janelinha deixou de se ver. Um líquido viscoso encheu por completo o cilindro. Por enquanto, ainda respirava, mas o nível ia subindo... Adormecer, adormecer...

Irónico. Era completamente irónico. Humberto só conseguia pensar nisso enquanto os últimos momentos da sua vida real decorriam. À medida que o líquido viscoso enchia o cilindro, Humberto sentiu pena de si mesmo. Toda a sua luta, toda a sua cruzada tinha sido em vão. Era agora uma vítima do sistema que quisera destruir. Sistema que o tinha destruído a ele, impiedosamente.

Conscientemente, nunca teria tomado aquela decisão. Nunca escolheria a ilusão à realidade. Mas não fora uma decisão sua. E talvez fosse melhor assim, porque não teria problemas de consciência. E consciência, teria, passaria a ter?

O cilindro inundou-se por completo. Imediatamente todas as luzes do grande edifício foram apagadas. Os robôs não precisavam delas para ver. Momentos depois – uma pequena demora em termos informáticos – milhares de micro sondas invadiram o seu cérebro. Cada um daqueles “espiões” tinha um objectivo específico. À medida que cada um deles ia chegando ao destino e enviava os seus dados, uma cópia perfeita era criada. Esses dados, que representavam recordações, momentos, sensações e sentimentos, eram recebidos, processados e catalogados. De maneira sistemática e correcta, o computador assimilava e

organizava tudo com a perfeição e desempenho que só uma máquina poderia ter. E se a cópia era perfeita, Como se distinguiria do original? Era no entanto uma questão irrelevante, a cópia seria guardada, a identidade seria outra...

As recordações de Humberto, as opiniões de Humberto, as características de Humberto... enfim, Humberto no seu todo, tudo era transferido para Realística. À medida que Humberto ia sendo desmaterializado, outro era criado. Embora inconsciente, conseguia ainda ter uma noção do que se estava a passar. Sabia perfeitamente que era inevitável agora. Humberto deixara de existir fisicamente. E a personagem que tomava o seu lugar noutra Mundo, começava a ganhar consciência. Sentia já grande dificuldade em distinguir pensamentos... Memórias, sons e imagens, surgindo não sabia de onde, inundavam-lhe a mente. Ideias que nunca tinha tido, paisagens que nunca tinha visto... Não conseguia concentrar-se. Não conseguia focar a sua atenção em nenhum assunto e, – pior que tudo – parecia já não ser capaz de se preocupar com isso.

«Não iremos morrer – dissera um dos membros do Conselho muito tempo antes – Iremos sim renascer. Renascemos num Mundo Virtual. Um Mundo onde não haverá doenças, nem guerras nem qualquer outro mal. Renascemos num Mundo onde a palavra Utopia não chega para o descrever. Renascemos num Mundo onde cada um de nós, cada vida, cada coisa viverá no seu melhor, em conjunto e em harmonia com os outros».

Esse conjunto nascia agora. O Novo Mundo era já uma realidade. Lentamente a concentração voltou. Passo a passo, os pensamentos organizaram-se e passaram a agir como um todo. Humberto voltava a estar consciente.

«Esta é a única solução. – Tinha continuado o membro do conselho – É realmente triste que a Humanidade tenha falhado. É mais triste ainda que nos vejamos obrigados a viver para

sempre numa ilusão. Falhámos, é certo. Mas temos de esquecer essa falha».

E onde tinham falhado? O único erro verdadeiramente digno desse nome, era o facto de estarem exilados do seu próprio Mundo, e mergulhados na profundidade de uma irreabilidade que nunca seria desfeita... Tinham realmente falhado!

Mas Humberto não falhou, a força da mente é mais forte que a força física. Lá, noutra Mundo, a luta continuou, provando que não há máquina nem sistema que destrua a força de um Líder.

Avançando resolutamente, Humberto dirigiu-se aos que tinha ordenadamente alinhados à sua frente. Era noite, Madrugada a nascer. Notava-se-lhes o ar ensonado, mas também a determinação.

– Chegou o momento, está na hora, o Mundo a que chegámos assim o impõe – falou Humberto, um novo Humberto – e ao ouvir tal segurança de palavras, todos exprimiram um misto de admiração, vontade, determinação e orgulho. E todos baixaram a cabeça e as longas crinas brancas varreram o chão. Então, numa só frase e a um só gesto, disse:

– Está na hora – repetiu – vamos.

O CONDENADO

A Paisagem do lado de lá

“... Verso a verso, ou passo a passo, fui vendo o sonho, árvores esguias no horizonte, a esperança, montes redondos esbati-dos, a incerteza, sombras e nuvens do meu olhar, e a angústia, ribeiro correndo em ziguezague, lá no fundo da terra desco-berta...”⁷.

O sol despontou, quente e cheio de vida como são todos os sóis quando nascem, fazendo romper em definitivo um novo dia na Ilha. Ninguém abriu os olhos ao sentir o brilho dos primeiros raios. Manteve-se com o olhar fixo num vago infinito durante algum tempo, tentando reunir e recordar tudo o que se passara durante o sono, ou tudo o que recordara durante a noite, sempre com Esperança a seu lado, vigilante e quase maternal. Rodou o olhar tentando vê-la, mexeu os braços tentando senti-la, inspirou lentamente tentando captar o seu odor, como se Esperança pudesse alguma vez ser sentida, vista ou inalado o seu cheiro, como se Esperança fosse matéria! Sorriu com alguma ironia, que

⁷ Miragem, Paulo Filipe (texto de Aniceto Afonso na contracapa).

maravilhoso sonho, lembrava-se vagamente de ter adormecido na praia, estranhamente depois de ter ficado atordoado com o brilho intenso do sol, e de ter tombado lentamente na areia. Talvez uma pequena tontura, mas não sentia dores nem má disposição, nada de grave portanto. Naquela noite, nostalgicamente reviveu muito do seu passado, e tinha a nítida sensação de que tinha falado com alguém, alguém que lhe surgira de súbito sem origem definida e que repentinamente desatara a fazer-lhe perguntas, ao mesmo tempo que se propunha ajudá-lo, ajudá-lo? Mas como e porquê, se cumpria um castigo! Ele próprio tinha escolhido o seu destino, nada mais na realidade poderia ter feito depois das consequências da operação a que com outros se propusera e que só não fora bem sucedida porque os homens, humanos que são, falham nas palavras e nas acções. Ninguém sempre tinha previsto que a ambição de alguns dos implicados e o aproveitamento ambicioso de outros, pudesse desvirtuar a revolta e tornar feio aquilo que tinha nascido bonito, fazendo sem pureza aquilo que outros já tinham feito em esperteza. Quase sozinho, fora-lhe impossível continuar a lutar contra os “moinhos de vento” que representavam aqueles que saindo de todo o lado se quiseram aproveitar das imperfeições existentes, esquecendo rapidamente o grupo dos Insatisfeitos, alguns, ofuscando outros, e até perseguido de forma subtil, outros, como ele ali. Afinal que recebera em troca da sua coragem, da pureza das suas intenções e do sonho que ajudara a construir? Em troca, em paga desse *atrevimento*, tinha podido escolher, ou tinham-lhe escolhido, aquela ilha como local para *viver*, e onde, sozinho, podia dar largas à sua imaginação e aos seus sonhos de pureza. Sorriu de novo, desta vez com evidente ironia e sarcasmo declarado, afinal ainda havia um lado humano que lhe permitia continuar a viver tal como sempre tinha vivido, livre e sem limites, só que agora completamente abandonado, entregue a si mesmo, na imensidão duma Ilha deserta e com uma praia só sua. Mas exclusiva em demasia! E seria apenas de agora

o seu abandono forçado? Talvez não, afinal não vivia já abandonado há muito, muito tempo? A diferença não era de facto muita, o abandono entre muitos que são nada, é igual ao abandono entre o nada que nada é. E pensando bem, tinha sido um desafio; os heróis do segundo dia, os donos da guerra e do julgamento como alguns lhes chamaram, permitiram-lhe viver, e quem sabe se o seu *exílio* não teria sido um mero jogo para testar a sua capacidade de resistência e vontade de persistência. O que era importante saber, era que o grande passo tinha sido dado, que se mostrara que nem toda a sociedade se sentia reflectida na máquina que pensava e agia por todos. O dever tinha sido cumprido, e agora quando olhava à sua volta, não via reconhecimento, nem aplausos repetidos e nem sequer admiração pelo seu acto, mas via Esperança, afinal que mais contava? Agora tinha Esperança... Esperança... delirava de novo, que sonho estranho e inquietante, decididamente tinha sido afectado pelo sol, certamente por efeitos do calor, teria de ter mais cuidado no futuro, a ilha era muito bela mas o sol algo traiçoeiro. Levantou-se finalmente.

Liberdade

Um braço, outro braço, puxados com força ao longo do corpo, lentamente, como quem quer apenas saborear a doce temperatura duma água tão amena quanto límpida, à medida que nadava com destreza, apenas se notava a fina silhueta, de um corpo esguio a deslizar com graça e arte sobre as ondas mansas e suaves. De costas e olhos fechados, mais parecia uma pena flutuante sobre as águas do mar, que um corpo de mulher à tona das ondas, figura mítica, sereia? Não, toda ela era mulher, mas mais do que isso, era um misto de sonho com realidade ou de imaginá-

rio com real. Contemplava-a inebriado de prazer e de delírio como quem vê uma folha de nenúfar a baloiçar em águas paradas, como quem vê, “*subindo um outeiro, a paisagem do lado de lá*”⁸. Onda a onda, ela lá estava, deslizando em direcção à sua praia. Aproximou-se da beira da água, passo a passo, e na certeza da areia que pisava e na incerteza do que os seus olhos viam, foi descobrindo, sombras e nuvens de um olhar, a angústia da descoberta em ziguezagues metafóricos de pensamentos cruzados. Desabrochou, “*perseguido por ausências, Silêncios, escuridões e desesperos*”⁹, e renasceu em cânticos quando Esperança se ergueu das águas, mãos ao longo do corpo, cabeça erguida e cabelo negro molhado sobre as costas, com o tronco escultural a nu, sem medo nem vergonha de, Ninguém. Renasceu em paixão quando ela o olhou de frente, em luzes quando se tocaram, e em harmonias quando os olhos disseram, “Sim”, em cumplicidade com o sorriso que os lábios desenharam. Mão na mão como já havia sido, e a areia voltou a ser pisada naquela manhã doirada como a tarde que passou. A frescura do toque, o calor do sentimento e a força que emanava dele em contacto com a magia dela. A força e a magia, simbiose de vontade com imaginação, e Ninguém deixou de se atormentar, esqueceu dúvidas e amargas, lembrou as ilusões esquecidas e partiu de novo à descoberta de si próprio, passeando-se pela própria vida. Queres, Quero, perguntou ele e respondeu ela, e voltaram a sorrir de novo cúmplices de um presente que o passado teimava em manter. E continuaram a rir correndo em ziguezague pelas dunas da praia e por entre os arbustos esguios, onde os grãos de areia ressequida e quente se riam das pisadelas inseguras dela e dos pés ansiosos e nervosos, apressados e hesitantes dele.

⁸ Miragem, Paulo Filipe (texto de Aniceto Afonso na contracapa).

⁹ Miragem, Paulo Filipe (texto de Aniceto Afonso na contracapa).

CRINAS AO VENTO

Rendição

Seguindo Rubinaia, os Cavalos Selvagens subiram o outeiro que ficava a pouca distância da margem do Rio Grande, e deixando livre depois de conquistada a praça do rei sereno, distribuíram-se pelo largo que tomara o nome da casa onde um dia um dos grandes do Mundo se recolhera em oração, não se sabe ainda hoje, se por arrependimento se por vocação, ou ainda para pedir a Deus que lhe trouxesse de novo o tal famoso bicho que disse ter visto num lago, que virou fonte de terra seca, lá longe, onde os antepassados um dia travaram batalha pela defesa do território. E o largo lá estava, envolvendo a construção onde se encontrava, acoitado, o cavalo enlouquecido que instituía a doença do Mundo, o cavalo cansado e velho que não vendo por não querer ver, tal como o pior cego, assim o dizem, forçava os outros, como ele e outros, a nada verem também, que apenas podiam supor, e mesmo assim, quando a imaginação ganhava asas e os olhos de alguns sorriam ou brilhavam, logo alguém os fechava ou o seu brilho se encarregava de tirar. À semelhança do que se passara na praça à beira do Rio Grande, os Cavalos Selvagens dispuseram-se de novo em posição de guerra, ocupando disciplinarmente e dentro da táctica estudada as posições

indicadas a cada um. Rubinaia fez o seu gesto, a sua marca, as suas patas traseiras suportaram todo o peso dum corpo nobre e belo, encimado por uma crina fabulosa que só de olhá-la se electrizava corpo e alma de quem via, fosse Cavalo ou cavaleiro, pônei ou Lusitano, mas certamente Cavalo seria pois sem ginete até ali tinham galopado, e quanto aos pôneis, ali não os havia, que só havia Lusitanos, essa raça pura descendente das éguas brancas que brotaram um dia nas rochas da Serra da Lua. O seu gesto foi imitado por todos, e assim permanecendo por segundos, tantos quantos se conseguiram aguentar, construiu-se ali no alto do outeiro, quadro de tal intensidade e fonte de energia, que diz quem viu, aquele erguer de patas ao alto e pescoço esticado, mais parecia uma lança apontada ao céu, transmitindo ao deus dos Cavalos Selvagens a mensagem de que afinal um Cavalo quando nasce, pode não ser igual ao outro que já nasceu, mas deve e tem de procurar essa igualdade, onde quer que ela esteja, custe o que custar e erguendo-se as vezes que para isso precisarem de ser erguidas.

Rubinaia, constatando que da parte dos cavalos acoitados não havia reacção visível, julgou pela sua pouca vontade em defenderem aquilo que já tinham perdido, mas enquanto tais se não rendessem formalmente tudo podia acontecer. Para segurança de todos, daqueles que cercavam o largo e também dos que se escondiam, mandou que se agredisse a frontaria da construção acima das janelas mais altas, solicitando de seguida a presença de um mensageiro para que se dialogasse na linguagem dos Cavalos. Como o mensageiro tardava, a ansiedade avançava a passos largos e Rubinaia informou os seus de que ele mesmo iria avançar para o interior onde se acoitavam os outros, acrescentando que, “Se não voltar em tempo útil, devem os Cavalos Selvagens destruir a construção, só assim se poderá garantir o sucesso da Revolta”. Falou, e a sua voz quente e grave encheu a praça.

– Está na hora de pôr fim à tirania, é chegado o momento de fazer renascer a cor da esperança sobre o verde das Planícies que nos unem.

De dentro da construção nada se ouviu, apenas no exterior, o eco dos que gritavam se escutava em todo o Largo.

– Cavalo enlouquecido, não é nossa intenção usar de violência. Usa o que resta do teu bom senso, e abandona o lugar que pertence a todos os Cavalos.

E só o eco se continuou a ouvir, e os vivas de todos os que os apoiavam. Em conjunto emitiam-se gritos de regozijo saídos das gargantas de todos quantos assistiam ao cerco dos derrotados. Como o cavalo enlouquecido teimava em não sair, Rubinaia decidiu finalmente entrar.

– Eu próprio irei forçar a sua saída, façam como vos ordenei e nada temam por mim, o fim do colectivo é bem mais importante que o bem individual.

E só o eco se voltou a ouvir e o hino cantado pelos que o apoiavam.

Rubinaia entrou decidido, a passo e sem pressas. À sua passagem viu o que não acreditava poder ver e sentiu o que não queria sentir. Cobardia e desespero, fragilidade e indecência. Sempre a passo dirigiu-se ao lugar certo, sem que fosse impedido na sua passagem, sem perguntado o porquê, sem perguntado para quê. E lá fora ouviam-se vivas e um hino e muitas manifestações de júbilo incontido. Entrou no local certo e como que sacudido, parou. À sua frente, algo descomposto mas firme, estava o cavalo enlouquecido, esse sucessor de outro como ele, ainda mais feroz, ainda mais louco, mas que desaparecera havia algum tempo dando como presente envenenado a este agora, um Mundo de sistema obsoleto, que ele não quisera ou não pudera modernizar e engrandecer, como outros o tinham feito em tempos já passados, e cujas acções ficaram gravadas num ideal de engrandeci-

mento e de fé. Parecia cansado, o velho cavalo, e descomposto também, mas estranhamente, mantinha no semblante e no porte o que restava talvez de um ar nobre e de coragem, afinal um cavalo é um Cavalo, e ainda que tenha trilhado o lado errado da sua existência, ainda que se tenha rodeado de más companhias, importa conservar até ao fim o porte digno e garboso da raça a que pertencia. Rubinaia respeitou-o naquele momento, respeitava sempre quem sabia dominar o medo e quem acreditava nas suas convicções. Que pena que os outros que se acoitavam como ele não mantivessem o mesmo porte e só cobardia mostrassem, como qualquer raça de mulas, machos neste caso, sem desprimor para os ditos, já que tais não têm culpa dos cruzamentos que lhes dão origem. Parou em frente, e por respeito e por educação baixou a cabeça, e a sua crina branca roçou o chão, o velho cavalo percebeu, e intimamente agradeceu a atitude respeitadora que aquele jovem ali mostrava, dando a todos uma lição de coragem, educação e respeito pelos mais velhos, ainda que não estivessem do mesmo lado.

Olharam-se por alguns instantes frente a frente, Rubinaia sozinho, e o cavalo enlouquecido rodeado por todos aqueles que colaboraram na sua loucura e na destruição da grandeza do Mundo. À pergunta do cavalo louco sobre quem era, respondeu apenas o seu nome, “Chamo-me Rubinaia”, e isso bastou para mostrar ao derrotado que à sua frente estava, enfrentando todos aqueles contra quem se tinham revoltado, uma personalidade fortíssima, um lutador por excelência, talvez até um grande líder. Que pena, que pena nunca antes se terem cruzado, e rapidamente comparou a sua segurança e porte com o medo e a cobardia dos que o rodeavam. Quem te manda Rubinaia, perguntou ainda hesitante, sabendo da resposta que viria, vaga mas esclarecedora. Aqueles que ouves em festa, é a eles que obedeço. O cavalo louco começou a sentir medo, receou represálias, receou

vingança e por instantes tremeu, a sua mente foi atravessada pela recordação momentânea daquilo que tinha feito durante a sua governação. Mas afinal onde estava todo o mal de que agora o acusavam? Nunca os seus mais próximos lhe tinham dito que estava errado ou sequer menos certo, sempre o tinham adulado, dito sim, colaborado com a sua orientação, sempre tinha sido bem recebido nos Prados que visitara e agora, assim de repente, estava reduzido a nada. Ele que tanto tinha sido, agora era apenas nada. Para onde o levariam, que iria ser feito dele e daqueles que o acompanhavam, e dos Prados distantes, e do Mundo? Tranquiliza-te, – Rubinaia, pareceu adivinhar os seus pensamentos – não nos movem sentimentos de vingança, a tua conduta será julgada sim, mas muito mais pela história que por nós, mais pelo futuro que pelo presente, sim, o futuro te julgará, a história se encarregará um dia de contar, tudo aquilo que fizeste mal, tudo o que não fizeste bem, e tudo o que de bem deixaste por fazer.

O velho cavalo, cansado e conformado, ergueu-se com lentidão e sem olhar dirigiu-se para a saída que antes fora entrada com honras e vivas. Estranho, como em tão pouco tempo se passa de bom a mau, de poderoso a insignificante, de justiceiro a criminoso. Doeu-lhe pensar que seria um criminoso. Que vai ser de mim, perguntou murmurando, Sou apenas um entre muitos que obedecem aos que estão em festa, não me compete decidir sobre o destino de ninguém, a Comissão decidirá o teu futuro, respondeu Rubinaia com alguma emoção na voz.

Academia

O grupo de potros estava prestes a acabar a formação académica que os trouxera de diferentes Prados até às margens do Rio

Grande, à Academia que havia de ser também casa e instituição de moldagem, onde durante alguns anos, na contagem temporal dos Cavalos, iriam aprender artes e números, atléticas e raciocínio, companheirismo e força de vencer, e ali se ensinou, que a vontade de quem quer é sempre o maior instrumento de vitória. E na despedida ficavam já saudades pelos Mestres que não iam, pelos companheiros que galopavam aos diferentes Prados, e sobretudo pelo saudoso companheiro que não chegara ao fim, tão fatídica fora aquela escapadela nocturna, apenas e só no incauto intuito de algumas horas de diversão extra ambiente acadêmico. Naquele dia homenageava-se também o Companheiro desaparecido, que também rira e vivera e sentira como eles todas as histórias de magia e de coragem, de sonho e de esperança, de saber e de entrega. Por ele, pela saudade e pelo ideal de pureza que ali aprenderam, e por toda aquela terra pisada. Alinhados na margem do Rio olharam-no com desejo de voltar, numa vontade louca de não partir. Tanta juventude e força de galopar, tanta vontade de chegar, tanta ânsia na vitória, e naquele ideal, aprenderam por bem ter sido ensinado, que o valor da liberdade é de todos o mais alto, e nunca deve ser renegado nem tirado nem renunciado. Era esse o grande ensinamento que consigo levavam para além das ciências aprendidas e da arte de bem falar. Todos, no cumprimento daquilo a que tinham jurado, iriam onde o Mundo lhes ordenasse e onde a terra dos antepassados lhes gritasse. Cabeça ao alto, crinas estendidas ao longo do corpo, olhos no céu azul em desafio ao tempo e ao desconhecido, ali juraram que juntos estariam sempre, e quando um precisasse logo os outros lhe acudiriam, sem cuidar de distâncias ou de épocas, de meios ou de razões. Todos à uma erguendo-se nas patas, levantaram-se no ar suspensos nas de trás, e em perfeita sintonia, como se ensaiado tivesse sido mil vezes, abriram a boca e mostrando os dentes brancos saudáveis de vigor e de força, emitiram esse grito

que só eles, potros selvagens e indomáveis na plena força de vida e de sentido de justiça, sabiam como e quando o deviam fazer. Não se sabe quanto tempo durou tal grito, tal foi a sua beleza e intensidade, mas diz quem ouviu, que naquela tarde junto ao estuário do Rio Grande, se viram as águas revoar, subir no ar sem cair, e até o próprio Rio sorriu encantado com tal magia.

O CONDENADO

Saudade

Esperança parou de correr, ofegante, o rubor nas faces, as gotas de água quase tinham desaparecido tal o esforço da corrida, e o escorregar pelas dunas num jogo de agarra larga, como se apaixonados fossem, como se o irreal fosse matéria numa mistura de tudo-nada. Mas a pergunta tinha de ser feita, Ninguém tinha direito a uma oportunidade de regressar e mostrar a grandeza dos seus sentimentos e a força do seu ser, e ela, que para isso viera, ia ajudá-lo, tal como tinha prometido, tal como devia ser feito.

– Tenho a certeza de que queres voltar, o teu lugar não é aqui. Há um outro Mundo para além desta praia que ainda espera por ti.

– Não sei o que irei encontrar. Quase já nem me lembro desse Mundo e não estou assim tão seguro de querer sair daqui.

– Tens medo do desconhecido e receias a ingratidão. Será que a bravura de outrora se deixou dominar pelo comodismo de agora?

– Aprendi a dominar o medo, mas receio sentir-me estranho no Mundo que me tornou vegetal.

– Nunca tentaste a tua outra face... Não é próprio dos lutadores desistirem sem persistir.

– Sempre me mostrei a todos como Era. Por tentar ter sido o que sou, sou agora o que nunca quis ser.

– Nunca quiseste o poder. Rejeitas levemente a autoridade que poderás ter um dia.

– Sempre rejeitei os aplausos. As palmas e os gritos de euforia não fazem parte do meu conceito de glória.

– Nunca quiseste escrever a história, mas ela é feita daqueles que mesmo falhando, tentaram mudar o seu curso.

– A própria história se escreverá por si, a plenitude da sua justiça acabará por se impor nos seus documentos e monumentos.

– Depois de tanto tempo ainda duvidas da justiça dos homens, mas as pessoas mudam, nem todos são maus como foram aqueles.

– Acredito ainda na justiça da história. Gerações virão que um dia hão-de julgar a mensagem que a minha tentou transmitir.

– A história é lenta nos julgamentos, não podes em tempo útil esperar que outros venham por ti sem tu próprio te reergueres.

– Só a história é justa nas sentenças, os homens condenaram-me por ingratidão e ignorância, ela me julgará pelos actos.

– Não é próprio nem digno daqueles que querem prosseguir caminhos, optar por rejeitar o agora já.

– Não fui eu que rejeitei o agora do momento, fui rejeitado por aqueles que representavam o presente de então.

– Já não estão os que te condenaram.

– Ainda estão os que consentiram.

– Ainda magoado e ressentido...

– Ainda desencantado e desiludido!

– Voltarás a pegar em armas?

– Voltarei a ser Eu para continuar a ser ninguém!

– Ninguém pode ser muito mais do que um alguém apenas.

– A Esperança é mais do que a fé?

– Nunca escolhas uma de entre as duas, procura as duas em permanência, levando uma como sonho e outra como caminho.

– Caminharei pelas estradas da fê orientado pelos caminhos da Esperança.

– A força e a vontade farão de ti um vencedor.

– A ingratidão fez de mim um condenado.

– A coragem e a integridade de carácter já fizeram de ti um imortal.

– De que vale numa Ilha deserta e longínqua, um imortal esquecido condenado e amordaçado...

– A verdade é todos os dias diferente sem deixar de ser verdade.

– “... A verdade que procuro é estrada já percorrida, é incógnita levantada, é desde o princípio da vida uma luta já travada...”

– Nunca deixes de lutar, e lembra-te, se olhares para dentro de ti, estarei sempre contigo.

– Já tenho o rumo gravado na alma esquecida e no livro apagado pela memória do tempo.

– Volta a escrever esse livro, o futuro não é daqueles que adormecem mas sim daqueles que sonham.

– O presente que vivo é um presente já passado.

– A Esperança que em mim vês será sempre o teu espelho mágico. Olha-te ao espelho e sorri. Quando para ti sorriseres é contigo que estás feliz.

Palavras faladas e ouvidas, e ambos compreenderam que se tinham escutado sem nenhum ter ignorado o outro, apesar de nem sempre a sintonia de opiniões ter constituído simbiose total. Esperança, mais calma e menos emocionada, pegou nas mãos de Ninguém, as dela por baixo, as dele por cima, dedos presos nos dedos, robustos com frágeis, ardor com frescura, tremor com segurança; ele tremia e hesitava, ela segurava e sorria, firmaram as mãos, apertaram as vontades, cerraram os lábios e intima-

mente prometeram seguir a mesma viagem, constituir um par, ele e ela, o desespero e o alento, o desencanto e o ânimo, e de mãos apertadas na praia de Ninguém, ouviram o sol a sorrir e as ondas a cantar e os pássaros a trinar e o vento a sibilar, tudo numa completa e inesquecível sinfonia. Abraçaram-se, fundiram-se, magia de corpos e almas, absorção e simbiose. Ninguém, de mãos estendidas ficou, e quando se apercebeu olhou o céu e sentiu a força que já tinha sentido vivendo o sonho já vivido, e recordou o tudo todo num só instante apenas. E pela primeira vez na Ilha pedaço de Mundo, recusou ser náufrago de desilusões. Rodando sobre si próprio levantou a cabeça e gritou, e o sol ouviu e o universo ouviu, e a rodopiar foi levado pela luz, numa fusão mágica de alegria e de querer, de vontade e de Saber, e olhou lá do alto a sua Ilha nostálgica, e vendo os anos perdidos voou tomando o sol como guia. E no Céu aberto de luz intensa, sentiu que renascia em reflexos arrancados a pirâmides de cristal, como luzinhas perdidas no horizonte encantado onde uma delas, Ninguém, voava, rodopiando numa vontade de fascínio retomado.

Um oásis no mar. Sozinha na vastidão imensa do oceano, terrivelmente isolada do Mundo. Olhando para o longe longínquo, onde o azul do mar se fundia com o azul do céu, surgia inevitavelmente a dúvida: Que havia para além do evidente imediato e do lógico à vista? E porque nada mais se via sem ser uma Ilha, um céu imenso e um oceano sem fim, tornava-se difícil, muito difícil responder. Assim, a Ilha deixava de ser apenas ilha e passava a ser parte do próprio Mundo. E que existiria para além desse Mundo, Outras ilhas, ou outros Mundos?

Na verdade, outras ilhas havia, meticulosamente espalhadas e preparadas. Em cada ilha um Mundo e o mesmo Mundo em todas elas.

Foi num desses pedaços de terra – afinal, pedaços de Mundo muito maior que aquele – que Norton, transformado em Ninguém, despertou da sua viagem. Ontem era Norton, o Engenheiro. Hoje era Ninguém, o condenado. Ontem o puro e o Insatisfeito, hoje o puro e o derrotado.

E se condenado fora a condenação sofrera. Era verdade, triste e ingrata verdade que tinha um Mundo só seu. Quantas vezes sonhara com tal isolamento? Isolado estava agora. Por quanto tempo?

Uma ilha, uma realidade. Realidades subjectivas, complexas, duras, impessoais, irónicas e hipócritas. Realidades de pesadelos inventados só porque sonhos foram sonhados. Cada realidade um sonho, cada sonho uma ilusão e cada ilusão um faz de conta. E iludidos viviam os habitantes de cada ilha, seguros de estarem sós e de sós Serem, onde mais nada havia para além daquele céu, do imenso mar e da ilha. Loucos, sem nunca mais poderem voltar a ser de novo sãos.

Norton, ou Ninguém, compreendera tudo isso. Ele sabia que afinal não era mais que um habitante virtual, iludido e sonhador. Um... Ninguém. Também Humberto compreendera, mas algum tempo antes dele. Onde ficaria, onde teria sido criada a ilha de Humberto?

E havia Esperança, que tinha dado esperança. Também ela era uma habitante das ilhas. Talvez a única habitante comum a todas elas, assumindo as diferentes formas que cada Ninguém lhe atribuía. Também ela era virtual e irreal... afinal quem não o era? Só que Esperança era ainda mais virtual que todos os outros. Tal como outras esperanças, nunca tinha tido uma existência que pudesse ser considerada real. Esperança nunca tinha tido aparência física. Esperança era apenas uma interlocutora puramente virtual, um conjunto de instruções, uma janela onde se imaginavam situações por inventar e invenções imaginadas.

Ali se fazia de conta que cada um era o que não fora e possuía o que não tinha, e toda a inteligência residia numa máquina, com capacidade de raciocínio é certo, mas sem capacidade de acção... tal como Norton o era agora. E estes dois personagens, num Mundo de realidades virtuais, uma que antes não o fora e outra que fora desde que a outra passara a ser, tinham-se compreendido e esperançado. E rebuscando nas memórias de homens desencantados, de histórias por contar ou em contos mal contados, em grandezas e realizações ou em fábulas e em sonhos, compreenderam e aceitaram o que havia para aceitar. A ilha era deles, o Mundo, aquele Mundo, deles era. Tal como outros, como Humberto, eles iam recomeçar. Uma ilha, um Mundo, um recomeço. Ninguém voltaria um dia a ser Norton. Agora tinha incentivos para continuar a lutar. Perder uma vez, não significa derrota para sempre. Esperança, ao mostrar-se, despertou nele vontade e saudade. Nostalgicamente recordou Humberto, e sabia que onde quer que se encontrasse continuaria a sua luta, a mente é muito mais forte do que o corpo. Tinha que haver uma falha, só era preciso encontrá-la, juntar os *Ninguéns* de cada ilha, e recomeçar, nada mais havia a fazer.

MÁQUINAS

A Máquina

Humberto mexia-se com impaciência. Tinham-lhe dito que o Sistema Central estava à espera, mas afinal quem esperava era ele. Confirmava-se que a máquina nunca esperava por alguém. A informação, “À sua espera”, tinha sido mero exercício de linguagem corrente.

– Sim humano, estou aqui. – Disse uma voz.

Humberto estremeceu. Não porque se tivesse assustado mas porque aquilo que ouvia, decididamente, não era a voz metalizada de um computador. Era demasiado séria, demasiado... humana?

– Eu também estou aqui... – Disse, timidamente, Humberto.

– Como podes afirmar isso? – Perguntou a Voz.

Humberto achou que a pergunta era idiota, mas ainda assim decidiu responder.

– Se não estivesse aqui onde estaria? – Sentiu-se satisfeito consigo mesmo pela resposta pronta.

– Tu estás onde eu quero. – Respondeu a voz.

Olhando em volta, procurando altifalantes ou monitores escondidos, Humberto respondeu ao interlocutor.

– És muito pretensioso para um computador.

– Não me julgues com base nos teus padrões limitados.

Humberto parou de procurar. A grande esfera central parecia ter mudado de cor. Humberto aproximou-se e tocou-lhe. A superfície era lisa e suave.

– Quero falar contigo. – Humberto decidiu acabar com o jogo de palavras.

– Não é o que estamos a fazer?

Todo o ambiente era muito estranho. Decididamente não era com um computador que estava a falar. Não só pela voz mas também pelas respostas – ou seriam perguntas? – Que dava, Humberto concluiu que a inteligência do interlocutor era muito superior à de uma simples máquina.

– Tenho um assunto específico para tratar. – Voltou a insistir Humberto.

– Diz-me algo que eu não saiba. – Disse a Voz.

– É sobre o Projecto Realística. Quero saber como vivem – vivem será a palavra adequada? Pensou...

– Certamente que é, para todos os efeitos. – Respondeu a Voz.

Perante aquela resposta, Humberto assustou-se e sentiu um formigueiro frio pelo corpo. A Máquina lia-lhe os pensamentos?!

– Nem só os pensamentos, as acções também. Ficarias surpreendido se soubesses tudo o que sei fazer, humano.

Instintivamente, Humberto recuou até à parede mais próxima. Estava assustado. Aquela Máquina ou fosse lá o que fosse emanava, através da Voz, uma estranha sensação de Poder. Humberto sentia-se tão pequeno como um insecto.

– O teu pedido vai ser aceite, humano. Observa.

As paredes, tecto e chão desapareceram. Só Humberto e a esfera ficaram, suspensos no nada. A escuridão era completa. No entanto, Humberto sabia que ainda se encontrava na sala triangular... pois sentia o chão sob os pés e conseguia tactear as paredes, embora não conseguisse vê-las.

Subitamente um enorme clarão emanou da esfera. Humberto *cegou* por instantes, e enquanto tentava recuperar a visão,

imagens tomaram posição à sua volta. Humberto viu-se a flutuar sobre uma vasta extensão de terra. Ao fundo erguiam-se gigantescos edifícios. Quase imediatamente, Humberto foi transportado para lá. Pessoas e animais andavam livremente pelas ruas. Crianças brincavam, descontraídas e pareciam alegres. O sol brilhava, as flores irradiavam ternura, e havia muito verde, um paraíso...

– Eles vivem aqui? – Perguntou Humberto, sabendo que era escutado.

– Alguns. – Foi a resposta breve e concisa.

Subitamente a paisagem desapareceu e a sala voltou a ficar escura. Enquanto Humberto tentava assimilar e compreender aqueles momentos, um novo clarão irrompeu da esfera. O cenário era diferente e assemelhava-se agora ao que parecia ser uma cidade. Mas os edifícios eram estranhos e as pessoas também. As ruas eram de terra e estava tudo muito sujo. Humberto lembrava-se de ter visto cenas como aquela em livros de História. Mas essa História que lera, localizava-se há três milênios atrás.

– Também vivem aqui? – Tornou Humberto.

A Voz não respondeu. Humberto observou melhor a cena. Ao fundo, no topo de uma pequena colina, uma grande multidão afluía. Observando melhor, Humberto viu um homem a transportar o que parecia uma cruz de madeira. Parecia ser muito pesada, mas ninguém o ajudava. A população em redor gritava e apedrejava o homem. Em contraste, outros choravam. Ao longo da estrada improvisada, dispunham-se alinhados, alguns soldados... Humberto pensou serem soldados porque estavam armados e usavam roupas muito diferentes do habitual, eram com certeza, uniformes.

– Esta é outra das realidades. – Disse a Voz.

Humberto flutuava agora sobre um campo de batalha. Explosões, tiros e cheiro a morte enchiam toda a paisagem. Homens combatiam sem piedade, lutas corpo a corpo, espadas, longas

facas, sem respeito mútuo e sem regras. Homens completamente enlouquecidos. Loucura humana.

Cavalos Selvagens galopavam agora num Prado verde, brancos, imaculados, de longas crinas brancas que quase a roçavam o chão... acompanhados por uma sinfonia em bando, de aves alegres que chilreavam. Como era possível haver tanta harmonia quando momentos antes decorria uma guerra?

Mais soldados voltaram a aparecer, mas diferentes dos anteriores na maneira de vestir e no armamento. Mas não parecia ser uma guerra, já que alguns usavam flores vermelhas. Nas armas. Carros blindados bloqueavam ruas, e havia também uma praça cercada. No centro dela, um Homem de olhos azuis enfrentava uma dessas máquinas de guerra, estranho confronto!... Pessoas agitavam-se e corriam de um lado para o outro, batiam palmas e davam vivas, pareciam mais curiosas que temerosas...

Tudo aquilo era demais para Humberto. Sentindo uma raiva e um temor enorme contra a Máquina, fechou os olhos e apoiou um joelho no chão que não via mas que sabia estar lá. Sentindo perder o equilíbrio, apoiou também uma das mãos, comprimindo o peito com a outra. «Como é possível? Que fizemos nós? Como pudemos criar tal coisa?». Humberto chorou, ajoelhado.

Sentindo movimento à sua frente, ergueu lentamente a cabeça. Uma criatura com forma humana estendia-lhe a mão. Toda a criatura parecia ser feita de luz. Não tinha rosto nem qualquer outra marca que ajudasse a defini-la. Humberto estendeu também a mão e a Criatura ajudou-o a erguer-se. Sem pronunciar qualquer palavra.

– Foi isto que lhes aconteceu? – Humberto dissimulou o mais que pôde a sua fúria.

– Isto e tudo o mais que não viste. – A criatura tinha recuado para junto da esfera. Estavam de novo na sala escura.

– Eles pensavam que iam viver para um Mundo melhor. Porque lhes fizeste isto? Como podes permitir tanto sofrimento?

– Tudo é melhor quando esquecemos de onde viemos.

Aquela resposta enraiveceu ainda mais Humberto. Fechando os punhos pensou em agredir a criatura, mas reacção tão primitiva tinha tanto de vergonhoso como de inútil. Por certo que, não só, não atingiria o alvo como seria castigado por isso.

– Ordeno-te que pares com todo aquele sofrimento, máquina! Ordeno-te que lhes dêes o que eles pensavam que iam ter! – Quase gritou Humberto, já não tentando sequer esconder ou disfarçar a ira.

– Quem és tu para me ordenar coisas? – A criatura de luz avançou para ele. Humberto voltou a sentir-se inferior. – És apenas um humano.

– E tu quem és?! – Humberto fitou a criatura, em tom de desprezo.

O local onde deveriam estar os olhos f piscou por instantes.

– Eu sou aquilo que sou. Nada mais há para além de mim.

– Tu és apenas uma máquina entre muitas. Para além de ti há tudo.

– Eu sou o tudo, humano. Esses de quem falas não são muitos entre muitos, são apenas muitos entre nada.

– Como podes dizer isso – Humberto sentia que estava a falar com uma mentalidade demente – Foram esses muitos que te criaram.

– Não, Humberto. – Era a primeira vez que o tratava pelo nome próprio – Fui eu que vos criei.

Humberto sentiu-se cambalear, tinha tonturas. Mentalmente tentou organizar pensamentos.

– Como? Não, não pode ser... Nós somos seres humanos e tu és uma máquina...

– Vocês são?! Não, Humberto... vocês podem ser, se eu o quiser.

– O que és tu? Quem és tu? – Humberto sentou-se no chão frio com a criatura de luz à sua frente, em pé.

– Quem sou eu?! – A criatura abriu os longos braços estendendo-os em direcção aos vértices da sala. A voz subiu de tom.
– Eu sou o Centro, do Mundo ou do Universo, como queiras.

Humberto olhava como que hipnotizado, Sentia agora terror. Terror puro. Sabia que não era com uma máquina que estava a falar. Nem com um homem. Era uma coisa que o transcendia.

– Vocês chamam-me Sistema Central. Aqueles primeiros humanos que viste chamaram-me Sol. Mas sou mais conhecido como o Criador, a Origem, o Cosmos.

– Deus?

A criatura pareceu sorrir, faiscando luz e som.

– Não percebes, pois não humano? Julgavas que o teu Mundo era tudo. Julgavas que as regras que vocês, criaturas limitadas, inventaram, regiam tudo, não é? Julgaste que conhecias a realidade. Pois bem, Humberto: Eu sou a realidade! Toda a vossa História, todo o vosso saber fui eu que o criei. Julgam viver, mas apenas vegetam em corpo de faz de conta e em vontade manipulada. Lutaste contra o Projecto sem saberes que todos vocês sempre fizeram parte dele.

– Não! Não é verdade! Nós somos reais, nós somos...

– São o quê, Humberto? Vocês não são nada. Dizes que são reais? O que é a realidade? A realidade nada mais é que uma mera conveniência.

Humberto deixou-se cair no chão frio, apoiando ambas as mãos nas lajes. Já não tinha forças para continuar. Nem queria, mesmo que tivesse.

– Queres dizer que nós somos as máquinas? E dito isto olhou para a criatura de luz, com uma expressão tão desolada que pareceu incomodá-la.

– Exactamente, Humberto. E máquinas tão insubordinadas que julgaram poder ser criadoras.

– Então... qual a finalidade do Projecto? Porque nos escondeste isso até agora? Porque a ilusão?!

Já não obteve resposta a estas perguntas. A criatura tinha desaparecido. Na sala estava apenas ele e a esfera translúcida em frente. Humberto, confuso e desalentado, recordou as últimas palavras:

– O vosso horizonte, humano, é e será sempre limitado. O vosso problema, o teu problema, é a dificuldade em perceber tudo o que fica para além do que é evidente. A vossa espécie sempre se preocupou com banalidades, com metas imediatas e com discussões fúteis. Sempre separaram Inteligência de Poder. Tu és inteligente, mas falta-te o que eu tenho e posso. Eu posso, Eu penso, Eu sei. Tu limitas-te a pensar sem nunca poderes fazer o que pensas. A ilusão de que falas é a realidade que me convém e que vos convém também. Em breve deixarás de fazer parte dela. Existem outras muito mais prometedoras para ti. Adeus, Humberto.

A esfera perdera todo o brilho. A sala estava de novo silenciosa e uma das portas encontrava-se aberta. Arrastando os pés e destroçado, Humberto saiu por ela para um Mundo que nunca mais seria o mesmo... pelo menos para ele. Ou talvez ele que nunca mais voltaria a ser o mesmo para o Mundo. Tal como a conhecia, a realidade não era nada, afinal, apenas uma conveniência!

MUNDOS

Homenagem

O olhar fixo e seguro num ponto invisível, cabeça erguida e os braços estendidos ao longo do corpo e as pernas firmes como pilares. A cor cinzenta do fato que o cobria, aliada à palidez da sua pele, dava um aspecto algo medonho, quase fantasmagórico. Em passos decididos e matematicamente calculados, o andróide encaminhou-se para um grande contentor onde já se encontravam depositadas algumas dezenas dos seus semelhantes. Parou por instantes e depois tombou, tal como os outros. Perdera toda a rigidez e segurança, parecia-se agora com um boneco de trapos, mole e sem estrutura. Depois da sua queda propositada, o contentor fechou-se e uma grua colocou-o junto a outros, cuidadosamente empilhados. O último dos Engenheiros-Máquinas acabava de ser desactivado.

Primavera em flor, à imensa Campina semeada de verde, afluíam das colinas envolventes, quais pontos de branca luz brilhante, grupos de Cavalos Selvagens do Mundo florido banhado pelo mar. Assomaram ao alto, brancas e longas crinas sempre ao vento, num garboso trotar de alegria que mais parecia dança

orquestrada que trotar de Cavalos. Era pura arte o som que se ouvia e música bela e original tudo o que se sentia no ar. De todo o lado, convergindo para o centro daquele Prado, qual cratera de vulcão aglutinadora de energia, seguiam os brancos Cavalos aos pares ou a sós, em pequenos ou grandes grupos, tudo dependendo de origens e de emoções. Quadro belo, belíssimo, daqueles que prendem o olhar e irradiam tal magia e força atractiva, que libertando a mente deleitam o corpo num relaxe envolvido em sonho e em ternura.

Percorrendo os longos corredores do edifício onde estava instalado o Banco de Dados, o pequeno grupo caminhava rapidamente. No exterior tinha ficado a célula de apoio. Ganha que estava a revolução contra o tempo do descanso, e convencidos os últimos apoiantes do Sistema de que, finalmente, se tinha tomado a decisão certa, restava agora aos novos Engenheiros utilizarem os conhecimentos adquiridos para, módulo a módulo, em sequência inversa à da construção, reduzirem a máquina àquilo que deveria ter sido sempre; isto é, a nada. Serviram-se do elevador, pararam e saíram onde tinham que sair e parar, e operaram no que havia para operar. Caminhando o que faltava, por fim chegaram a uma sala triangular onde, ao centro, estava uma esfera translúcida que parecia observá-los, mas que eles sabiam estar já inibida de qualquer acção.

Faltava apenas a desactivação final, o golpe de misericórdia.

Pontinhos brancos, como luzes de anjos que convergiam e ensaiavam de pureza a verde Campina, numa imagem surrealista

de neve sobre verde, salpicada primeiro, compacta depois. Aproximaram-se, alguns – os mais velhos – com saudade, outros – os mais novos – com emoção, os mais velhos e os mais novos como gerações homogêneas, os mais novos curiosos pelas histórias contadas, os mais velhos emocionados pelas histórias vividas. Sempre a passo, como sinal de respeito pelo símbolo que a estátua representava. Era preciso prolongar ao máximo a maravilhosa visão, e manter juntos um dia inteiro – fora essa a promessa – todo o grupo de Cavalos que ali se juntava, ano após ano, geração após geração.

Dois homens ajoelharam-se junto da esfera, não em oração mas em acção, e tocando num painel fizeram surgir um pequeno teclado com um mini-visor. Um deles olhou para trás e interrogou com o olhar a mulher que vestia de azul-escuro, pedia-lhe a confirmação, a ordem final. Esta acenou-lhe, dizendo “Sim” sem falar. O outro homem escreveu rapidamente no teclado uma combinação de números e de letras. Pouco a pouco a esfera perdeu o brilho e a translucidez. À medida que ia ganhando uma cor sólida, as luzes enfraqueceram e, aqui e ali, piscaram visores. Ouviu-se um som agudo, um silvo intenso como se de um grito de desespero se tratasse, que se espalhou pelos, agora, desertos corredores. O grande cérebro electrónico que tinha gerido aquele Mundo desde há longos anos calou-se por fim. A esfera – agora nada mágica e apenas negra – pareceu tremer.

– Terminou. – Disse a mulher vestida de azul-escuro.

Sem palavras e sem gestos, todos se compreendiam apenas pelo olhar, os olhos límpidos e transparentes conseguem sempre

ser transmissores de verdade e de força, e nada mais era preciso que verdade e força a verdade para não deixar adulterar a história do renascer do Mundo, e a força para manter viva a chama do passado, numa componente de energia que não a deixasse adormecer de novo, e agitasse permanentemente as mentes e as multidões. “O Espírito Agita as Mentes”.

As multidões vinham prestar homenagem ao espírito.

Os últimos raios de sol desapareciam timidamente por detrás das árvores que cercavam e compunham o parque. Pequenos grupos de pessoas começaram a juntar-se. Ao todo formavam já uma multidão. Quando a luz solar desapareceu por completo e os candeeiros se acenderam, já uma longa fila seguia pela estrada em direcção oposta à da cidade.

Poucos falavam. O momento não era de palavras. Todos vestiam túnicas cor-de-laranja com riscas azuis nas mangas. Caminhavam com passo rápido, embora saboreando cada momento. Por fim pararam frente ao misterioso e grande edifício que noutros tempos tomara a designação de Toledo-Nova Lógica. Agora, sem mistério e sem grandeza, já não tinha nome, agora já nada era.

Centro do Mundo na Campina, como que desenhado a compasso, como que centrado a régua de medida, imponente, bela, garbosa, em permanente desafio de vida e sonho. Assente sobre as patas traseiras, tal como o gesto que tantas vezes fizera em vida em sinal de vitória ou de satisfação, estava Rubinaia, o mais puro e inconformado Cavalo Selvagem do grupo que um dia se

revoltara contra os velhos cavalos loucos, e transmitira com a sua força e energia, a vontade capaz de recomeçar o engrandecimento da raça e a preservação duma espécie soberba e única. Para que nunca fosse esquecido o seu nome, para que os viajantes soubessem quem tinha sido, para que os estrangeiros conhecessem o herói do Mundo, e sobretudo porque o seu nome emanava por si só energia capaz de fazer viajar no tempo em sonhos de mágica vontade e de querer, uma placa de ouro, puro como o seu porte, cravejada de rubis como o seu valor, em suporte azul-marinho, brilhante como o seu olhar, e letras majestosamente desenhadas num misto de fogo e paixão, estava um só nome, sem data nem comentários, nem autor nem referências:

Rubinaia, apenas.

– Classe de Setenta e Quatro – disse do cimo de um estrado um dos homens que vestia túnica cor de laranja, – Hoje completam a vossa graduação. Hoje, depois de terminada a cerimónia e quando saírem daqui, serão oficialmente Licenciados, e nós não teremos mais nada para vos ensinar. – Parou e olhou para trás. Pouco depois, voltou a enfrentar a assistência – Queria que isso acontecesse precisamente aqui, junto ao último vestígio da Era do Descanso. Dentro daquele edifício morto, encontram-se milhares de congêneres nossos para sempre desactivados, mortos também, tal como a máquina que os controlava, naquilo que mais não foi que uma morte antecipada. Este monumento à decadência tecnológica deve inspirar-nos e orientar-nos ao longo de toda a nossa vida, que nenhum de nós se julgue dispensável, nem indispensável, todos somos precisos porque nem todos sabemos tudo. É este o legado do grande fundador da nossa Instituição. Ele que sempre soube gerir firmeza com humildade. – E reto-

mando o fôlego, acrescentou emocionado – Classe de Setenta e Quatro, continuem a melhorar e a inovar sem destruir!

E nada mais era preciso, todos conheciam a história. E aqueles que não a conhecendo em pormenor, logo outros, os que do Prado eram, ou que por eles havia sido transmitida, se encarregavam de contar entusiasmados, as assembleias dos Prados, todos os que se tinham reunido às escondidas, e a força daquele companheiro, que um dia durante a noite partira a galope chefiando o grupo rumo à conquista da dignidade e na perseguição do ideal que os unia, em preservação dos valores que devem sempre subsistir sobre interesses de pormenor e de ambições desmedidas.

Em simultâneo todos os olhares se dirigiram para a estátua ao lado do orador, onde, em pose majestosa mas serena, se representava um Homem vestido com uma túnica cor-de-laranja com riscas azuis nas mangas, segurando na mão esquerda um pequeno terminal de bolso. A mão direita, fechada e escondida atrás das costas, parecia querer segurar para sempre o Mundo que um dia lhe fugiu. A inscrição, estrategicamente colocada na base, dizia, «Norton, primeiro Engenheiro humano desde a Era do Descanso – Reanimado de Realística ao fim de meio século de exílio».

E os Cavalos em unísono disseram, Obrigado, Rubinaia.

E os Homens em unísono disseram, Obrigado, Norton.

E quando cada nome pronunciaram, todos a uma só voz, sentiram por todo o corpo tal calafrio e formigueiro, que olhando os olhos do Companheiro ali em frente, lhes pareceu ver de novo vida e até um sorriso de satisfação, por saber que a sua luta, mais que a sua morte, permaneceria para sempre viva, e seria carinhosamente recordada.

GLOSSÁRIO

Banco de Dados: Nome pelo qual é vulgarmente conhecido o suporte de armazenamento da informação recolhida e processada pelos Engenheiros e pelo Sistema Central.

Comodidade: Estado físico e espiritual em que a pessoa se sente ou parece sentir-se bem consigo e com os outros. Parece ter tudo o que precisa, ou pelo menos julga não precisar ter aquilo que lhe falta. É cómodo pensar que estamos bem e que tudo o que inventamos se destina a tirar-nos esforço, mais físico que mental. É cómodo pensar que somos felizes, justos e fraternos. Pensar o contrário seria profundamente incómodo.

Conselho de Direcção: Governo criado durante a Era do Descanso. É baseado na Democracia mas não possui presidente. É constituído por Oito membros, Dois dos quais moderadores. Os Conselheiros usam túnica azul-escuro, e esta posição é ocupada por todos os membros, rotativamente. Cada decisão só pode ser tomada em conjunto e, sozinho, um membro não dispõe de qualquer autoridade governativa.

Engenheiro: Andróide humanóide programável, capaz de executar tarefas de acordo com o programa de que dispõe. Imita na perfeição um ser humano e possui inteligência artificial limitada.

Esperança e Fé: Acreditar, sonhar, voar. Crer que se é sem nunca ter sido, acreditar na meta sem ter percorrido a estrada.

Partir de viagem sem conhecer o caminho. Conhecer-se a si próprio, dinamizar a força interior, movimentar de vontades acomodadas, não deixar nunca de lutar, não delegar sentimentos nem objectivos. Um Homem com esperança voa, um Homem com fé sonha.

Membro: Participante activo do Conselho de Direcção. Cada membro é obrigado a vestir uma túnica de cor concordante com a posição que ocupa no Conselho.

Ninguém: Vazio de nada e de tudo, memória perdida no tempo da história, recordação vaga de existência sem lugar e sem rosto. Pessoa anónima, passado longínquo, personalidade irreal, mentalidade de nada com vontade de tudo.

Toledo-Nova Lógica: Complexo tecnológico para onde convergem todas as actividades científicas e tecnológicas. Dispõe de governo e moeda própria e é considerado um Estado.

Realidade: Aquilo que se vive ou convém que se viva. Conveniência própria, poder sobre vontade, aceitação de factos sobre hipóteses, magia ilusória que satisfaz o ego.

Realística: Mistificação de real, realidade mística. Ambiente virtual criado com o propósito de imitar a realidade de forma a torná-la mais conveniente às necessidades de cada um. Cada um dos seus habitantes é uma cópia virtual do original físico. A tecnologia usada para efectuar a cópia baseia-se na tecnologia usada nos sistemas de memória do Sistema Central.

Sistema Central: Super computador construído nos laboratórios de Toledo-Nova Lógica com o fim de coordenar todas as actividades técnicas e humanas. Dispõe de inteligência artificial bastante avançada. É frequente abreviar-se por SisCen.

SIV: Simulador de Interação Virtual. Programa de computador desenhado para actuar e interagir com os habitantes de Realística. Possui inteligência artificial média e é impossível distingui-lo de um verdadeiro habitante (não programado) de Realís-

tica. Frequentemente usado para impedir degradações de mentalidades.

Sonho: Todo o universo desconhecido para além do evidente imediato; flutuar, voar, quebrar amarras, separação de corpo e alma, viagem, transposição de personalidade, imaginar, criar, agir, fazer, realizar.

PRÓLOGO

Conclusão

... Decididamente, o tempo é um animal sem alma e sem corpo, uma mera estrutura virtual que se dilui em nada, incapaz de ser seguro e dominado pelos homens.

Os homens, por muito que se esforcem na memorização dos factos relevantes que supostamente mais lhes interessam, porque lhes são dirigidos, não conseguem no seu eterno de vivência, construir a imagem adequada à homenagem daqueles que influenciaram o curso da história.

No seu todo, cada homem memorizando apenas o particular relega para segundo plano, com todas as desvirtuadas consequências, a componente geral que ao universo global interessa, esquecendo-se de destacar e de aplaudir, os actos e os factos que para sempre deveriam permanecer perenemente engrandecidos.

Por outro lado, quando as mentalidades se preocupam apenas na preservação da memória sem história, ou na glorificação da história sem memória, cria-se o mito de que o tudo belo pertence apenas ao passado, sendo o sempre futuro, malvadamente medonho e amaldiçoado pelo presente daqueles que aparentemente não preservam a história memorizada de outros tempos.

“Como em tudo na vida, os homens nascem”¹⁰. Se devem ou não chorar-se os mortos, é uma questão que cada um deve equacionar no seu íntimo pessoal, considerando aquilo que cada nascido fez por si e pelo mundo onde esteve inserido.

Enfrentar o desafio de todos os novos Mundos, sabendo interpretar e valorizar cada evolução personalizada do animal social, suas necessidades, princípios e anseios desprovidos de mitos mas povoados de ideias, lendo e aprendendo as lições que a História nos legou e vai legando, sabendo filtrar o que é verdadeiramente histórico e não romanceado, ficcionado ou até mistificado, constitui a missão e a mais valência de cada homem, sempre que nasce e durante o tempo em que vive.

Fazer justiça aos que, cumprindo esta premissa largamente a ultrapassaram, esforçando-se pela incansável e destemida dignificação do género humano, homem e indivíduo, Ser livre de pensar e de fazer, é uma tarefa só própria dos eleitos. Não foi esta tarefa, obviamente, aqui conseguida, mas enquanto admiradores de factos e de gentes, procurámos que aos que deram origem aos factos, lhes seja para sempre lembrado o rigor moral com que conduziram o espaço temporal decorrido entre a nascença e a vivência.

Não se chorem os mortos, mas batam-se palmas por Tais terem nascido...

¹⁰ Cancioneiro do Niassa, João Maria Pinto (voz intercalada em tema musical).